



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

RANDER DE SOUZA FERREIRA

**HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO RACISMO NO FUTEBOL A
PARTIR DA IMPRENSA NEGRA PAULISTA**

**RONDONÓPOLIS
2021**

RANDER DE SOUZA FERREIRA

HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO RACISMO NO FUTEBOL A PARTIR
DA IMPRENSA NEGRA PAULISTA

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa – Infância, Juventude e Cultura Contemporânea: direitos, políticas e diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Vilas-Bôas Trovão.

RONDONÓPOLIS
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

F383h Ferreira, Rander de Souza.
HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO RACISMO NO
FUTEBOL A PARTIR DA IMPRENSA NEGRA PAULISTA / Rander de
Souza Ferreira. -- 2021
116 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Flávio Vilas-Bôas Trovão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto
de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Rondonópolis, 2021.
Inclui bibliografia.

1. História.. 2. Educação.. 3. Futebol.. 4. Racismo.. 5. Mídia.. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**HISTÓRIA E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DO RACISMO NO FUTEBOL A
PARTIR DA IMPRENSA NEGRA PAULISTA**

AUTOR (A): MESTRANDO (A) **Rander de Souza Ferreira**
Dissertação defendida e aprovada em **15/12/2021**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Doutor(a) Flávio Vilas-Bôas Trovão (Presidente Banca / Orientador)
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso/CUR

Doutor(a) Priscila de Oliveira Xavier Scudder (Examinador Interno)
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso/CUR

Doutor(a) Edvaldo Correa Sotana (Examinador Externo)
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Doutor(a) Aguinaldo Rodrigues Gomes (Examinador Suplente)
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Rondonópolis, 15/12/2021



Documento assinado eletronicamente por **FLAVIO VILAS BOAS TROVAO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 17/12/2021, às 12:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Edvaldo Correa Sotana, Usuário Externo**, em 17/12/2021, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **PRISCILA DE OLIVEIRA XAVIER SCUDDER, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 19/12/2021, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4239006** e o código CRC **22982E77**.

Eu

'To numa casa grande cercado de amigos
Amigos? Só tô numa casa grande
Narrei seu mundo igual Galvão, me amaram pique Silvio Luiz, ó
Vou terminar igual Casagrande
Cuidei de todo mundo e esqueci de mim
A rua quis fuder comigo, ela era minha amante
Menino, olha o que fizeram com Luther King
Quem caça Simonal, caça Bob e caça Gandhi
De passar batido, primo, eu sempre passei longe
Fui passar passando pelos cana' e parei onde
Fede mijo e sangue, ainda bem que foi só uma noite
Admiro os cria' que tiraram mais de onze ano'
Desgraçado tirou o resto da minha inocência
Eu nem vi passando e acabou minha adolescência
O que é seu, é seu, inclusive suas conta'
Acerta com Jesus, que injustiça é consequência
Antes de ser eu, eu sempre quis ser nós
Agora só quero ser nós sem deixar de ser eu
Entendi a diferença entre o líder e o boss
É que um brilha se tu for luz, o outro brilha se tu for breu
Humano demais pra ser tão bom pra você
Humano demais pra não acertar e assumir
Humano demais, esse é seu ídolo
Humano demais pra não aprender com isso aqui
Sou tão só, tão eu
Sou tão só, tão eu, é
Tão eu
A vingança é aquele prato que 'cê come frio
Na vitória são vários pratos e uma mesa cheia
A derrota é um prato raso e eu comendo sozinho
'To tipo Jonas perdido no bucho da baleia
Eles te fazem Messias, mas preferem Barrabás
E diferente de Pilatos, não lavo minhas mãos
Fiz a multiplicação do peixe no bolso
É o peixe no bolso que ajuda a multiplicar o pão
Antes era pouco sapato, hoje até gente tem no meu pé
É o que justifica o cheiro do chulé
Confiei demais, só depois vi que
Nem todo bicho de goiaba, goiaba é
Desde criança querem meu CPF no lixo
Tentou me cancelar, chegou atrasado
Uns dia' pra trás, olhei no fundo do olho da morte
Sem entrar em detalhes, sorte que eu ando armado
O espinho vem pra te mostrar que nem tudo são flores
Coisas que me disseram numa esquina dessas
Se orienta, moleque, às vezes passa batido
Mas a vida não é um teatro e nem tudo é as peça'
Fácil lidar com o barulho que faz os convidado

Foda é lidar com o silêncio que vem no fim da festa
E é o silêncio que me diz que apesar do sucesso
Eu sigo com a corda no pescoço e com a mira na testa
Humano demais pra ser tão bom pra você
Humano demais pra não acertar e assumir
Humano demais, esse é seu ídolo
Humano demais pra não aprender com isso aqui
Sou tão só, tão eu
Sou tão só, tão eu, é
Tão eu
"Ganhei o mundo quando perdi a mim mesmo
Perdi o jovem eu, perdi aquele cara cheio de tesão, bem louco e aventureiro
Quer dizer, continuo maluco, mas só maluco"
Sumi das rede', o pai nunca 'teve tão on
Deitei na rede, olhei pro céu e agradeci
Na boca do povo 'cê se acha o bala
Mas foi no olhar da' minhas criança' onde eu me reconheci
É, mais de cem mil nos trend' do Twitter
Na rua ninguém, não vou levar vocês a sério
Se o assunto é hipocrisia, nós tamo' empatado
O foda é que o desempate eu já sei o critério
O tamanho da minha ambição 'cê não mede o quanto
Eu 'tive meditando e juro que não mede pouco
Às vezes penso em deixar essas fita' mei' de canto
Bem antes que eu me acabe mei' frustrado e mei' que louco
Já fui camisa nove, hoje eu faço o meio de campo
Pros manin' que 'tá no ataque não tomar nem mei' pipoco
Quiser caô comigo, cagão, então vem quicando
Sou preto no Brasil, qualquer mal pra mim é pouco
Ganhei tanto dinheiro que vi que o problema não é o dinheiro
É justamente a busca por dinheiro
Meu Deus, me perdoe e deixe entrar no Céu
No buraco da agulha eu quero ser o camelo
"Eu acho que tem pessoas que já foram de baixo talvez de outras encarnações
E que nessa já estão num patamar superior, mas não é meu caso, entende?
Eu não, eu chafurdei na lama mesmo, entendeu?
Eu sou o que há
Não é humildade dizer isso, não, que quem conhece e sabe de mim sou eu
Eu sei o quanto eu sou sujo, mesquinho, avarento, invejoso, irado, desconfiado
E qualquer coisa a mais que 'cê possa botar covarde, entendeu? Mentiroso
Eu conheço, acontece que eu não gosto"

Djonga

*Dedico este trabalho aos meus pais, Alberto e Maria
Aparecida, os grandes Mestres da minha vida. E,
também, ao meu amigo e irmão, Ruhan. À minha esposa,
Elisa, e aos meus filhos(as), Ryan e Allana.*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus pela oportunidade de estar sobrevivendo às diversas situações que nos envolvem no dia a dia.

Aos meus pais, Alberto Ferreira dos Santos e Maria Aparecida Rosa de Souza, que, com muito amor, carinho e discernimento, não mediram esforços para me educar, apontando as direções para que eu percorresse caminhos menos árduos, mas que pudessem contribuir para a minha formação enquanto sujeito da sociedade. Assim, com base em suas experiências e memórias, com muita humildade e sensibilidade no que diziam, com todos os conselhos recebidos, construí e consolidei minha identidade.

Também, agradeço ao meu irmão, Ruhan Augusto de Souza Ferreira, pelo apoio incondicional durante os processos e etapas da vida, nos mais diferentes aspectos, visto que foi um dos meus apoios para as vitórias e conquistas até aqui.

Aos meus avós paternos, Basílio Ferreira dos Santos e Neusa Maria dos Santos; e também aos meus avós maternos, Antônio Delfino de Oliveira e Divina Cláudia Rosa, ressaltando que me orgulho muito de tê-los, sobretudo pela oportunidade de poder conviver com suas histórias e lições de vida.

À minha esposa amada, Elisa da Cruz Pereira, e aos meus filhos(as), que tanto amo, Ryan Henrique Pereira de Souza e Allana Beatriz Pereira de Souza, pelo apoio na decisão de dar sequência aos estudos, tendo em vista a ausência em alguns momentos familiares, visto que precisei me dedicar à pesquisa. Sendo assim, reitero que jamais deixei de pensar em vocês, seja na alegria, seja na tristeza, mantendo o compromisso de que todo esse processo foi e continua sendo com foco em nossa família.

Aos amigos e colegas do programa de mestrado em educação, turma 2019/02 e 2020/2021; e também aos profissionais da educação, que fizeram parte desta jornada, contribuindo para o conhecimento científico e para a formação do “eu” no mundo. Aproveito para mencionar alguns deles/as: Urano, Josimar, Silvia, Francisco, Leidiane, Keila, Maria de Fátima, Valdeci, Andressa, Cássio João. A vocês, meus eternos e sinceros agradecimentos por tudo o que passamos durante as etapas desafiadoras.

Igualmente, aos/às professores/as com quem tive a honra de compartilhar de seus saberes, os quais impactaram muita a minha vida profissional e familiar, principalmente nas várias leituras direcionadas em cada momento, como uma prática pedagógica, mas que reverberam no meu agir diante das demandas do cotidiano.

Desse modo, não poderia deixar de mencioná-los, Dr. Aguinaldo Rodrigues, Dra. Carmem Sussel, Dra. Elni Willms, Dr. Flávio Trovão, Dr. Nivaldo Alexandre e Dra. Priscila Scudder.

Obviamente, com alguns/algumas professores/as nos identificamos mais, e com o professor Dr. Antutérpio Dias (Théo) não foi diferente, dado seu perfil humanista e de luta em prol dos grupos marginalizados da sociedade. Grato pelas contribuições para a realização dos estudos e para minha emancipação na sociedade.

Da mesma forma, agradeço à professora Dra. Priscila Scudder, mulher aguerrida e com inúmeros valores, destaco, assim, sua alteridade, com a qual pude conviver. Nosso primeiro contato foi na disciplina realizada como aluno especial do Programa de Mestrado em Educação, turma 2019/2, assim, naquela oportunidade, pude obter um panorama do que aconteceria quando alcançasse a aprovação na seleção do mestrado, e as aulas dela possibilitaram o meu ingresso no programa.

Ao professor Dr. Edvaldo Sotana, que participou da banca de qualificação e defesa, contribuindo com ricas ponderações para a qualidade do trabalho. Desse modo, demonstrou suas potencialidades para o enriquecimento da pesquisa.

Também, de maneira muito especial, ao meu professor e orientador, Dr. Flávio Vilas Boas Trovão, por ter aceitado o desafio de seguir comigo para construir os caminhos necessários a esta pesquisa. Assim, sou imensamente grato pela dedicação, compromisso, carinho, seriedade e respeito, durante as etapas dos estudos. Juntos, sabemos como foi doloroso cada momento; ainda, que, a cada etapa concluída, celebramos os avanços do processo de pesquisa. A você, meus singelos agradecimentos por acreditar em mim.

Também, *in memoriam*, agradeço à professora Maria José de Lima, que sempre me inspirou como pessoa, por sua dedicação, amor e comprometimento, ao longo de sua vida dedicada à educação pública, visto que tive a grata e prazerosa honra de acompanhá-la no decorrer das fases de escolarização.

Ao colega de profissão e saudoso Cláudio Celestino, que, por alguns momentos, trouxe dicas importantes para construção da minha prática profissional e pessoal, pois sempre debruçou-se com amor e carinho naquilo que foi demandado. E, com suas experiências no cotidiano escolar, contribuiu para a minha formação enquanto profissional da educação.

Por fim, ao meu amigo e eterno sogro Vilmar Batista Pereira, que teve sua vida ceifada por complicações deste vírus letal (Coronavírus). Durante seu tempo de vida, sempre me apoiou e incentivou para o seguimento dos estudos, bem como para que alcançasse novas conquistas.

Assim, hoje, resta saudade daquele que me ensinou e participou muito das minhas tomadas de decisões, a ele, meu profundo agradecimento pelos momentos familiares que passamos juntos.

À Universidade Federal de Rondonópolis (UFR), por fazer parte da minha trajetória acadêmica, desde 2019/02. Destaco a qualidade de ensino e de pesquisa, de forma gratuita, que possibilitou meu acesso, bem como o de inúmeras pessoas que, da mesma forma, também necessitam.

Agradeço a toda minha família e aos amigos, de maneira geral, pelas energias positivas!

FERREIRA, Rander de Souza. **História e educação: uma análise do racismo no futebol a partir da imprensa negra paulista**. 2021. (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2021.

RESUMO

Sabendo-se que, no século XXI, o futebol está presente na vida de milhões de pessoas ao redor do mundo, ao consultar a história desse esporte, percebe-se que esta modalidade esportiva foi assegurada pela elite branca da época como um momento de interação (passatempo) familiar entre seus pares, situação que, inegavelmente, causa certo espanto. É fato que tal interação ganhou dimensão e continua se expandindo pelo globo em razão da adesão afetiva e participativa das mídias, que dão lastro a grandes ou pequenas comunidades nacionais ou locais, ao mesmo tempo em que movimentam o lucrativo “mercado da bola”. Assim, com base nas matérias dos jornais negros, temos como objeto de investigação análises sobre a maneira pela qual o racismo no futebol foi retratado pela Imprensa Negra Paulistana, em meados do século XX. Ainda, intenta-se denunciar o racismo estrutural, que esteve e ainda está presente no universo futebolístico até os dias atuais (ALMEIDA, 2019). Neste sentido, com base na epistemologia dos Estudos Culturais e Decoloniais de Kellner (2001 e 2006); Giroux (2003); Hall (2016); Brandão (1995); Freire (2019); Munanga (2005); Munanga e Gomes (2016); Fanon (1968); Moura (2003) e Helal (1997), justificamos a escolha das fundamentações teóricas por identificar nos produtos da indústria cultural uma estruturação que é determinante na mídia. Assim, tais produtos são um fenômeno cultural e necessário para estudos da sociedade como um todo, tendo em vista que essas teorias podem contribuir para uma pedagogia cultural, que esteja condicionada a uma política educacional antirracista. Desta maneira, nossa metodologia será qualitativa pautada em uma leitura crítica da mídia, como é estudada por Kellner e com base teórica nos Estudos Culturais. Neste sentido, o ponto de partida será a realização das análises de alguns jornais da época que noticiavam a participação de jogadores negros no futebol, bem como seu modo de vida, interligado ao da comunidade negra. Dessa forma, apresentando suas características culturais para visualizar a história de resistência e ressignificação através dos jornais que percorriam as ruas, bairros e avenidas por diferentes localidades do Brasil. Todavia, Kellner (2001) corrobora e legitima a necessidade de uma “pedagogia da mídia” por meio dos estudos culturais que ensinam como decodificar de modo crítico as mensagens das mídias. Ainda, investindo em ensinar a ler e a analisar os textos midiáticos, assim como faz com os textos escritos, para possibilitar o uso de suas tecnologias como um instrumento pedagógico antirracista, com a finalidade de transformação da sociedade, contribuindo diretamente com o futebol e com a mídia para a extinção do racismo estrutural que permeia o mundo. Por fim, esta pesquisa já indica alguns resultados significativos, tendo em vista que as matérias ou noticiários, que foram manchetes dos jornais da Imprensa Negra Paulista, estiveram, de certo modo, denunciando o racismo. Por outro lado, demonstraram a necessidade do reconhecimento e aceitação do valor histórico cultural da comunidade negra. Assim, conclui-se que, até este momento de investigação, os jogadores negros e seus pares resistiram contra várias estruturas de poder que se estabeleceram e continuam ditando quais os grupos sociais que devem fazer parte da modalidade esportiva, seja dentro das quatro linhas do campo, seja fora delas.

Palavras-chave: História. Educação. Futebol. Racismo e Mídia.

ABSTRACT

Knowing that, in the 21st century, football is present in the lives of millions of people around the world, when consulting the history of this sport, it is clear that it was established by the white elite of the time as a moment of family interaction among their peers, a situation that undeniably causes some astonishment nowadays. It is a fact that such interaction has gained dimension and continues to expand across the globe due to the passionate and participative adhesion of the media, which support large or small national or local communities, while at the same time moving the lucrative “ball market”. Thus, based on the articles in black newspapers, the object of investigation is analyzed of the way in which racism in football was portrayed by the Imprensa Negra Paulistana, in the mid-twentieth century. It is also intended to denounce structural racism, which has been and still is present in the football universe to this day (ALMEIDA, 2019). In this sense, based on Kellner's Cultural and Decolonial Studies epistemology (2001 and 2006); Giroux (2003); Hall (2016); Brandão (1995); Freire (2019); Munanga (2005); Munanga and Gomes (2016); Fanon (1968); Moura (2003) and Helal (1997), we justify the choice of theoretical foundations by identifying in the cultural industry products a structure that is determinant in the media. Furthermore, such products are a cultural phenomenon and necessary for studies of society as a whole, considering that these theories can contribute to a cultural pedagogy, which is conditioned to an anti-racist educational policy. Therefore, our methodology will be qualitative based on a critical reading of the media, as studied by Kellner and with a theoretical basis in Cultural Studies. In this sense, the starting point will be the analysis of some newspapers of the time that reported the participation of black players in football, as well as their way of life, linked to the black community. Thereby, presenting its cultural characteristics to visualize the history of resistance and resignification through newspapers that roamed the streets, neighborhoods and avenues in different locations in Brazil. However, Kellner (2001) corroborates and legitimizes the need for a “media pedagogy” through Cultural Studies that teach how to critically decode media messages. Also, investing in teaching how to read and analyze media texts, as well as written texts, to enable the use of its technologies as an anti-racial pedagogical tool, with the purpose of transforming society, contributing directly to football and with the media for the extinction of structural racism that permeates the world. Finally, this research already indicates some significant results, considering that the articles or news, which were headlines in the newspapers of the Imprensa Negra Paulista, were, in a way, denouncing racism. On the other hand, they demonstrated the need for recognition and acceptance of the historical cultural importance of the black community. Thus, it is concluded that, until this moment of investigation, black players and their peers have resisted against various power structures that have established themselves and continue to dictate which social groups should be part of the sport, whether within the four lines of the field or out of them.

Keywords: History. Education. Football. Racism. Media.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Cabeçalho do pasquim O Homem de Côr, n.2.....	58
Imagem 2 - Jornal “O Clarim da Alvorada”, de 1920	61
Imagem 3 - Jornal “O Clarim da Alvorada”, de 1920	62
Imagem 4 - Jornal Senzala de 1946	66
Imagem 5 - Jornal Senzala 1946.....	68
Imagem 6 - Jornegro “edições 2” de 1978	71
Imagem 7 - Jornegro “edições 2” de 1978	73
Imagem 8 - Jornal “A Voz da Raça”	75
Imagem 9 - O São Geraldo foi fundado em 1917, no bairro da Barra Funda	77
Imagem 10 - São Geraldo campeão municipal do centenário, em 1922 (Foto: Cacellain).....	81
Imagem 11 - Jornegro 1978 edição “2”	82
Imagem 12 - jornal Auriverde 1928 edição “02”	93
Imagem 13 – jornal O Homem do Povo 1931 edição “01”	95
Imagem 14 - Jornal A Voz da Raça 1933	97
Imagem 15 - Jornal Tribuna Negra 1935	99
Imagem 16 - Jornal O Mutirão: órgão da associação cultural do negro (1958).....	102

LISTA DE SIGLAS

ABI - Associação Brasileira de Imprensa, a centenária

AMEA - Associação Metropolitana de Esportes Atléticos

APEA - Associação Paulista de Esportes Atléticos

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

FEABESP - Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo

FIFA - Federação Internacional de Futebol

FNB - Frente Negra Brasileira

INP - Imprensa Negra Paulistana

LAF - Liga Amadora de Futebol

LPF - Liga Paulista de Futebol

ODRF - Observatório da Discriminação Racial no Futebol

PCB - Partido Comunista Brasileiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 FUTEBOL, ESPORTE NACIONAL: DO AMADORISMO AO PROFISSIONALISMO	31
1.1 O INÍCIO: FUTEBOL NO BRASIL	34
1.2 POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL.....	41
1.3 O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: HABILIDADES E DILEMAS	46
1.4 FUTEBOL: AMADORISMO X PROFISSIONALISMO	48
2 O RACISMO NO FUTEBOL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA IMPRENSA NEGRA PAULISTANA	55
2.1 A CONQUISTA DA COPA DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.....	79
3 POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: A NECESSIDADE DA PEDAGOGIA DA MÍDIA	85
3.1 O NEGRO NAS PÁGINAS DA IMPRENSA NEGRA PAULISTANA DURANTE O PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX	89
CONCLUSÃO.....	106
REFERÊNCIAS.....	111

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta como tema o racismo no futebol brasileiro, no entanto, menciona, primeiramente, quando a modalidade esportiva passa a ser praticada, neste caso, no início do século XX, no Brasil. Inicialmente, necessário situar a chegada do futebol em território brasileiro, desse modo, sabe-se que o surgimento deu-se entre as famílias brancas e elitistas, que interagiam entre seus pares e realizavam essa prática. De início, somente esse grupo praticava o esporte, destacando-se que essa atividade esportiva de lazer foi muito bem aceita pela categoria naquela época. Assim, ao investigar esse fenômeno cultural, nota-se que, com o passar do tempo, tal entretenimento ganhou outras configurações, popularizando-se entre as principais cidades brasileiras, tais como Rio de Janeiro e São Paulo. Evidentemente, que, dentro destes contextos históricos, sociais, políticos e culturais, fez-se presente a disputa pela não profissionalização do esporte, tendo em vista que a elite brasileira e praticante não desejava que determinados grupos subalternizados estivessem envolvidos e ocupando os mesmos espaços.

De acordo com Rubim Santos Leão de Aquino, professor de História:

em outubro de 1894 desembarcava no Porto de Santos, proveniente da Inglaterra, o jovem estudante paulista Charles Miller. Em sua bagagem, o considerado pai do futebol no Brasil, trazia duas bolas, uma bomba para enchê-las, além de uniformes, apito e um livro de regras do esporte (AQUINO, 2002, p. 24).

Assim, partindo desse pressuposto, o futebol, inicialmente, não contou com a participação de todos, visto que integrava apenas uma classe da sociedade brasileira, que, indubitavelmente, formava a elite branca aos finais do século XIX e início século do XX. Desse modo, essa classe estabeleceu regras e padrões de quem poderia fazer parte daquela atividade. Nesse contexto, sem de dúvida, essa força expressiva de determinados grupos elitizados, no Brasil, mesmo de diferentes estruturas econômicas e socioculturais, continua controlando o futebol e, da mesma forma, os sujeitos que devem estar presentes nas arquibancadas, por meio de dispositivos ou mecanismos alinhados aos seus ideais de uma política capitalista na sociedade.

Portanto, constata-se que os clubes de futebol, particularmente aqueles que pagam aos jogadores salários absurdos, precisam, necessariamente, ter um capital muito lucrativo para custear todas as despesas existentes em um clube de futebol. Entretanto, uma das situações preocupantes é a segregação desse espaço futebolístico, visto que, nos dias atuais, os ingressos são muito caros e o trabalhador brasileiro não consegue acompanhar seu time nos palcos do futebol. Essa situação lembra o início do século XX, em que muitos sujeitos não praticavam o

futebol ou não assistiam aos jogos no campo em razão da dificuldade financeira, bem como pela falta de tempo, já que o regime de trabalho nas indústrias compreendia 16 horas de jornada, impedindo, assim, momentos de lazer.

Diante disso, justifica-se a escolha deste tema em razão da relevância que ele exerce em meu universo pessoal, tendo em vista que, quando era criança, sempre recebi incentivo do meu pai para acompanhar os jogos de futebol, em especial da seleção brasileira e do time do Flamengo. Neste aspecto, cresci internalizando o sonho, como tantos outros garotos, de me tornar jogador de futebol algum dia. Assim, meu irmão e eu passávamos envolvidos em treinamentos para aperfeiçoar as condições necessárias ao esporte futebolístico e alcançar o sonho de grande parte das crianças da sociedade. No entanto, novos caminhos surgiram e uma maneira de “viver, pensar, refletir, analisar e educar, a partir do futebol, também”. Sendo assim, na condição de pesquisador desta modalidade esportiva, percebo o quanto é necessário estudar e, possivelmente, contribuir com as possíveis análises acerca de temas que precisam de mais atenção, neste caso, suscitar reflexões sobre as maneiras pelas quais devemos olhar para o futebol, fazer emergir o racismo, tratar de questões acerca da mídia e da educação. Por outro lado, o futebol nasceu elitista e demarcou quais sujeitos podem praticá-lo, no entanto, com o tempo, tornou-se um esporte popular não só no Brasil, mas em âmbito mundial, arrastando multidões de torcedores para os mais diversos estádios de futebol pelo mundo. Assim, com a finalidade de estabelecer uma condição de contrapontos entre os 20 do século XX e os 20 do século XXI, identificamos, nos noticiários das páginas dos jornais negros, situações de racismo contra os jogadores negros no futebol, bem como contra a comunidade negra.

Ainda, mesmo com o passar dos anos, é possível observar que atitudes racistas continuam ocorrendo nas mídias, e as autoridades, tanto governantes do país como do esporte futebolístico, ainda não conseguiram resolver esse problema, o qual está arraigado na sociedade brasileira, desse modo, o futebol tem sido mais um dos ambientes da propagação de ações racistas.

Neste sentido, nosso objeto de investigação concentra-se nas análises investigativas do racismo no futebol por meio de matérias jornalísticas da *Imprensa Negra Paulista*. Assim, para elucidar nossa pesquisa, como fontes, foram usados alguns jornais impressos, a saber: *O Clarim da Alvorada* 1931; *Progresso* 1929; *A Voz da Raça* 1933 entre outros periódicos. Desse modo, na *Imprensa Negra*, do início do século XX, foram identificadas características e marcas racistas em razão do tom de reivindicações e inclusões na sociedade brasileira. Notavelmente, esse período perdura até 1937, com o estabelecimento do chamado Estado Novo e o fechamento de partidos políticos e jornais. Naquele momento, havia uma grande organização nacional de

negros, a “Frente Negra Brasileira”¹, que estavam ligados aos principais jornais negros da época, já mencionados neste trabalho, “que giravam” sob a tutela de um dos líderes deste movimento cujo nome é José Correia Leite².

Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa é denunciar as situações de racismo no futebol brasileiro, a partir da *Imprensa Negra Paulistana (INP)*. Para tanto, busca-se a identificação da trajetória de luta para inserção do negro no futebol, analisando as matérias dos periódicos já mencionado. Contudo, oportunamente, traçamos paralelos que permitam afirmar que o racismo estrutural fez e continua fazendo parte das estruturas da sociedade brasileira. Assim, o futebol tem sido mais um local de ações racistas, seja pelas atitudes/ações dentro e fora dos gramados, seja pelas dimensões dos casos que repercutiram através das mídias.

Ademais, acreditamos que, por meio de uma educação antirracista, condicionada na pedagogia cultural, podemos galgar de resultados positivos no que se refere à luta antirracista, bem como um trabalho de conscientização da FIFA e CBF nas estruturas remetentes, quais sejam: *Plano de ação Internacional e Nacional, Clubes, Torcidas Organizadas, Denúncias e Governo Federal*. Sendo assim, assinalamos que o futebol deve corroborar para que a sociedade mude o olhar para com os sujeitos negros. No caso, que este olhar dê lugar à aceitação de seres humanos com sentimentos e valores ancestrais que merecem ser respeitados. Outrossim, ressaltamos a necessidade da tomada de consciência, principalmente dos órgãos que controlam e estabelecem regras ao futebol, pois nada disso terá resultado positivo se não houver tais reestruturações no esporte futebolístico.

Nesta perspectiva, os objetivos específicos de investigação são: estudar a mídia jornalística como fonte de pesquisa e através do conceito de *Pedagogia Cultural*; demonstrar ações de resistência ao racismo protagonizadas por negros, no início do século XX.

Diante de tais objetivos, apontamos a relevância da contribuição que o sociólogo Ronaldo George Helal³ (1997) apresenta, especialmente sobre a forma como o futebol é visto pela sociedade brasileira. Destacando-se, também, a maneira que esse fenômeno cultural se faz presente nas atividades culturais do país.

O futebol “é um poderoso instrumento de integração social”, por meio do qual “a sociedade brasileira experimenta um sentido singular de totalidade e unidade,

¹ Frente Negra Brasileira foi um movimento negro brasileiro, fundado em 16 de setembro de 1931, tendo sido reconhecido como partido político em 1936, vigendo até o golpe de 1937.

² José Benedito Correia Leite foi um dos principais jornalistas da imprensa negra paulista do início do século XX e uma das principais personalidades históricas do movimento negro brasileiro.

³ Criou e coordena junto com o professor Hugo Lovisolo o grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” da UERJ. O grupo foi fundado em 1998. Atualmente, coordena também o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte – LEME – na Faculdade de Comunicação Social.

revestindo-se de uma universalidade capaz de mobilizar e gerar paixões em milhões de pessoas” (HELAL, 1997, p. 25).

Atualmente, o futebol está presente na vida de milhões de pessoas ao redor do mundo, entretanto, ao consultarmos a história de constituição desse esporte, será possível constatar certo espanto/estranhamento, em razão de que esta modalidade esportiva foi assegurada por uma elite branca da época como um momento de interação (passatempo) familiar entre seus pares. Fato é que tal interação ganhou dimensão e continua se expandindo pelo globo, em razão da adesão afetiva e participativa das mídias, visto que dão lastro a grandes ou pequenas comunidades nacionais ou locais. Consequentemente, isso movimenta o lucrativo “mercado da bola”. Neste sentido, este esporte que, hoje, é uma modalidade nacional, de início, era bem diferente, pois negava ativamente a participação de trabalhadores, no caso, de operários, que compunham a classe majoritária no campo industrial. Além disso, o fator étnico/racial também serviu como barreira para a participação de negros no esporte futebolístico.

Nesta conjuntura, eu⁴, como professor, pesquisador negro e praticante desta modalidade esportiva, percebo que o esporte se tornou hoje o principal meio interativo para inúmeras famílias, no mundo todo, em razão de sua expansão. Também, pela mobilização de torcedores/as, fazendo com que se desloquem de diferentes cidades, estados e países para acompanhar seus times ou seleções. No entanto, com base em Douglas Kellner (2001), provavelmente, isso somente ocorre pelo fato de o esporte futebolístico ter se tornado um espaço sociocultural, político e econômico, pois existem tradições que perpassam gerações, como a relação de amor e ódio, presente durante e após os jogos. Por outro lado, atrelados à experiência e memória, resgatamos o passado histórico sombrio, que carrega cicatrizes de um período de extremo racismo estrutural praticado pelos idealizadores desta modalidade esportiva, tendo sua origem na Inglaterra, aos finais do século XIX.

Portanto, ao utilizarmos o conceito de racismo estrutural, legitimamos que tais estruturas estão presentes em diferentes segmentos da sociedade, assim, no futebol e nas mídias, não é diferente, haja vista que o esporte e as mídias podem ter um cunho educativo dentro das unidades escolares nas aulas de Educação Física, por exemplo. E, fora desses espaços, a partir de uma pedagogia cultural e antirracista, que pode ser praticada pelos clubes e instituições representantes do futebol no Brasil e no mundo. Diante disso, Silvio Luiz de Almeida⁵:

⁴ Graduado em licenciatura plena em história pela Universidade Estadual de Goiás, campus-Iporá. Atualmente professor da rede pública estadual de MT e mestrando do PPGedu/UFMT.

⁵ Jurista, consultor, advogado e professor, também se graduou em Filosofia pela USP. Doutor e Pós-Doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Faculdade de Direito da USP, tem se destacado nos últimos anos por

parte do princípio de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável. Para o autor, advogado e estudioso da teoria social, “racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade”. O racismo, afirma, fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2019, p.12-13).

Além disso, esse período do início de século traz São Paulo como o principal local em quantidade de jornais negros, tendo em vista a rápida urbanização e industrialização da cidade, além dos planos de educação básica firmados no país à época, apresentando quadros de exclusão do negro dentro da cidade, provocados por falta de uma política de reparação sociocultural. Desse modo, diante desse quadro, os jornais fazem suas reivindicações de inclusão e cidadania para o povo negro. Assim, postulamos que as matérias produzidas pela Imprensa Negra, com denúncias acerca da maneira como a comunidade negra e os jogadores de futebol foram tratados, constituem um argumento fundamental, em razão de seu aspecto de documentação. Nesse viés, por meio das notícias, demonstrava-se a participação do negro no esporte trazendo uma certa visibilidade e resistência não vista em outros jornais das massas. Assim, com o escopo de apresentar as resiliências negras que não são descontínuas durante a trajetória para inserção social no Brasil.

No entanto, evidencia-se continuidade na luta contra o racismo, em uma linha do tempo de quase duzentos anos de escritos acumulados. Dessa maneira, Ana Flávia Magalhães Pinto (2006) destaca que “as pessoas podem não se conhecer, as pessoas podem não se referenciar, mas a luta contra o racismo no Brasil, se você olha a partir da Imprensa Negra, não fica uma década sem ter um registro de como essa luta está se processando”.

No Brasil, observa-se insuficiência da mídia tradicional em abordar as pautas caras à maioria da população, que é negra. Em outros termos, a falta de políticas públicas efetivas afeta sobremaneira os grupos mais vulneráveis. Neste aspecto, a “Imprensa Hegemônica” não tem condições de registrar os problemas brasileiros reconhecendo a importância dessa população. Desse modo, a Imprensa Negra precisa existir para dar visibilidade a esses grupos, tendo em vista que a imprensa cumpre papel de mantenedora da memória, pois é preciso reforçar a luta e a valorização, levando a esses grupos o reconhecimento. Conforme De Luca afirma:

A imprensa é uma produção narrativa com diferentes significados. Ela apresenta alguns fragmentos de fatos entrelaçados à interferência de um autor, isto é, propaga ideias, dita regras e posturas, mas também manipula a informação e o comportamento. No período republicano, entre os órgãos jornalísticos, algumas ideias *encontraram*

artigos e livros nas áreas do direito, da ética, economia política e das relações raciais. Seu livro “O que é racismo estrutural?” é considerado um dos mais importantes estudos recentes no campo dos estudos sobre raça e racismo.

solo fértil, por exemplo, as teorias raciais, o liberalismo e o positivismo. Alguns veículos de comunicação se aliaram a partidos políticos defendendo o interesse dos mesmos. Enquanto fonte, essas características apresentadas pelos impressos acabaram lhes delegando um papel secundário até meados dos anos 1970, tendo custado a cair no gosto dos pesquisadores, pois “pareciam pouco adequada para a recuperação do passado” (DE LUCA, 2006, p.112).

Desta maneira, os impressos negros apontavam para as características do racismo sendo ele uma parte estruturante dos jogos de poder que compõem essa sociedade desde a sua configuração como tal. Assim, suas raízes sólidas continuam sendo, talvez, o principal problema da sociedade brasileira. Portanto, não se pode subestimar o impacto da escravidão no Brasil, afinal, o país recebeu a maior parte das pessoas que foram traficadas durante a escravidão negra moderna. Além disso, após a abolição formal, direitos básicos como educação, moradia, saúde, segurança e lazer foram e continuam sendo negados a essas populações marginalizadas. Sendo assim, Munanga descreve:

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional (MUNANGA, 2005, p.18).

Nesse viés, a partir do site virtual do *Observatório da Discriminação Racial no Futebol (ODRF)*, percebemos um projeto que, de fato, acredita no esporte futebolístico como um importante instrumento de inclusão social e de luta contra a violência e o racismo. Com base nisso, objetivamos utilizar a força do esporte mais popular do Brasil para debater sobre a discriminação racial. Também, para alertar que condutas preconceituosas e atitudes racistas nos estádios de futebol constituem-se em sério retrocesso à democratização das relações sociais no esporte e à construção de uma sociedade mais igualitária.

Além disso, identificamos, ainda, como uma ferramenta de luta contra os comportamentos racistas, visto que, mesmo não sendo propriamente uma imprensa jornalística, contribui para uma política antirracista semelhante aos jornais da imprensa negra em outras épocas. Por outro lado, consideramos significativa a maneira de operacionalização de estudiosos e de vários militantes dos movimentos negros, os quais continuam denunciando as práticas racistas nos esportes, em especial no futebol, deixando um legado de que a educação e a mídia podem corroborar na batalha contra o racismo estrutural presente no futebol, mídia e educação.

Assim, nossa intenção é apresentar o racismo sofrido pelos atletas no futebol, durante as fases amadorista, profissionalizante e pós-profissionalizante, até ano de 1958, com a finalidade de denunciar e chamar a atenção da sociedade para que práticas racistas possam ser extintas não somente no futebol, mas em todo o planeta. Frise-se que é lamentável presenciar, durante ou após o término das partidas, torcedores, jogadores, técnicos, jornalistas e árbitros envolvidos em situação de racismo, seja como praticante, seja como vítima de insultos. Por outro lado, nossas esperanças se renovam quando há órgãos comprometidos com uma política de combate ao racismo, a exemplo do ODRF.

Sem dúvidas, essa instituição antirracista ocupa um grande espaço de colaboração e de participação na luta por um esporte sem racismo/xenofobia, bem como outras causas que merecem atenção. De certa maneira, tais ações racistas contribuem para a estigmatização de determinados grupos na sociedade, e o futebol tem sido palco destas manifestações pejorativas. Entretanto, como já mencionamos, a política antirracista praticada por esse essencial órgão é fundamental para minimizar os diversos estereótipos que fazem parte dos jogos de futebol. Sendo assim, apresentamos, a seguir, um trecho que representa muito bem a batalha contra o racismo, em especial no futebol:

No atual momento, onde se percebe um aumento da tensão racial no Brasil e no mundo, o relatório se faz importante, pois traz os números dos incidentes e analisa as punições na tentativa de desmistificar que os casos de racismo “não dão em nada”. Nos últimos dois anos, foi possível notar algumas dezenas de campanhas contra o racismo nos estádios de futebol no Brasil, mas percebeu-se que poucas (ou nenhuma) foram efetivas e envolveram torcedores e/ou atletas em ações educativas. Não basta, apenas, asseverar que o racismo é crime, precisamos educar os torcedores para que entendam que o futebol não é um microcosmo da sociedade, e por ser um ambiente imerso em paixão cega, vale todos os tipos de demonstrações de preconceito e ódio para desestabilizar o adversário. Temos que unir forças para lutar contra o racismo e o relatório é um importante documento que comprova que os casos de racismo não são fatos isolados. Além disso, suspeitamos que a maioria dos casos não são denunciados pelos envolvidos e/ou noticiados na imprensa, já que em muitos casos a vítima não percebe a importância da sua denúncia ou não sabe quais são os seus direitos (MANERA, 2015. p.8).

Nesta perspectiva, assinalamos a importância da fundamentação teórica dos *Estudos Culturais* e *Decoloniais* para elucidar/dinamizar nossa escrita no decorrer da trajetória investigativa da pesquisa. A escolha da base teórica, dentre os vários motivos que podemos destacar, encontra justificativa porque identificamos nos produtos da indústria cultural uma estruturação que é determinante na mídia. Tais produtos constituem um fenômeno cultural e necessário para estudos da sociedade como um todo. Deste modo, ressaltamos, também, que lançaremos olhares sobre a perspectiva teórica dos Estudos Culturais e Decoloniais, com base nos autores/as: Kellner (2001 e 2006); Giroux (2003); Hall (2016); Brandão (1995); Freire

(2019); Munanga (2005); Gomes (2012); Munanga e Gomes (2016); Fanon (1968); Moura (2003); Magalhães (2010a) e Helal (1997), ocupando os conteúdos das matérias dos jornais da (INP), de (1915-1963), disponíveis nos periódicos da Universidade de São Paulo.

Assim, ao observar os periódicos, analisaremos também a continuidade e a regularidade da escrita, bem como os pontos de afrontamento e a disputa simbólica em torno da negociação, da contestação e da construção identitária da “raça negra⁶” no esporte futebolístico. Assim, a intenção é captar, através dos noticiários emitidos por esses órgãos da imprensa, as estratégias de distinção utilizadas por esse grupo étnico/racial em torno dos debates e representações negativas ou construção de representações positivas sobre o negro no futebol. Sublinha-se que os jornais negros da época surgem como uma imprensa alternativa⁷, e seu modelo organizacional, para se manter aberto, chama a atenção em razão da resistência, questão fundamental para que essas vozes não fossem silenciadas ou apagadas, bem como os poucos negros que sabiam ler e escrever, que sustentavam para além das manchetes destes jornais. Sendo assim, verifica-se que a educação se fez e faz para além dos muros da escola, no entanto, compactuamos com a abordagem de Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 1995, p. 1).

No entanto, com base na episteme dos Estudos Culturais e Decoloniais, observamos que a educação se faz também fora dos muros da escola, compreendendo esse fenômeno em seus diferentes sentidos e modos de ensino, além daquilo que já conhecemos dentro de um viés de educação formal. Deste modo, a pedagogia cultural e a pedagogia da mídia permitem considerar os textos que dominam a cultura da mídia como objeto de conhecimento e de análise crítica no campo educacional, entendendo que a educação não ocorre apenas nos limites da escola. Assim, essas produções possibilitam refletir, por exemplo, sobre “aquilo que significa reivindicar uma

⁶ Quando se fala em raça, não se está retroagindo ao pensamento dos séculos XVII ou XIX. Em termos biológicos, de fato não existe raça. Mas as pessoas agem em relação a outras pessoas tendo por base a ideia de que uma etnia é superior à outra. Portanto, raça é algo que existe socialmente, é um conceito construído no imaginário social. Por isso, é correto usar essa palavra.

⁷ Muitos jornais negros do Brasil se aproximam de um formato alternativo de jornalismo. Conforme Peruzzo (2008, p.5), o sentido de jornalismo alternativo está mais associado aos canais de comunicação que oferecem conteúdos diferenciados ou especializados: “o que caracteriza o jornalismo como alternativo é o fato de representar uma opção enquanto fonte de informação, pelo conteúdo que oferece e pelo tipo de abordagem”. E podemos destacar como uma das características dos jornais negros o seu comprometimento com a produção de conteúdos diferenciados sobre a temática racial, em que o negro é apresentado como protagonista das narrativas relacionadas ou não com a temática racial.

identidade como sendo do sexo masculino, feminino; pessoa branca, negra; cidadã, ou não cidadã, bem como definir o significado da infância” (GIROUX, 2003, p. 128).

Neste aspecto, pensar a *Pedagogia Cultural* é refletir acerca dessa área de atuação como responsável pela iniciação, especialização e treinamento esportivo. Ainda, que, além de lidar com o conteúdo esportivo, ela também pode transcender e contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, possibilitando as mudanças e transformações necessárias para uma nova concepção do esporte futebolístico e de cunho educativo. No entanto, já que para nossa compreensão, o esporte e a mídia quase sempre estão interligados, quando se trata de futebol, a questão fica mais latente ainda, pelo fato de que o esporte se tornou a principal modalidade do Brasil. Além disso, há necessidade de um novo olhar, neste caso, um olhar atento para que aqueles que promovem e atuam no esporte não o visualizem mais de modo unilateral, mas passem a considerá-lo a partir de sua pluralidade de significados, seja nas escolas, centros de treinamento e extraescolares, com a finalidade pedagógica de emancipar e construir novas perspectivas para a sociedade.

Frise-se que os estudiosos que analisam o campo midiático evidenciam que o futebol se tornou, ao longo do tempo, um meio de entretenimento e de comunicação. Assim, tornando-se cada vez mais visível nas diferentes mídias e alcançando patamares ainda não vistos, conseqüentemente, vigorando uma enorme potencialidade que atinge um grande escopo do planeta. Esse recurso é capaz de criar grupos sociais e influenciar no que vestir, comer, assistir, e até mesmo na construção de um projeto de vida (FAUSTO NETO, 2002). Para além do rádio e da TV, as mídias impressas (jornais e revista) e as novas mídias (internet, redes sociais) formam as basilares mídias existentes. Por conseguinte, identificamos que o poder das mídias opera por meio de suas necessidades de sustentação, as quais objetivam uma ampla lucratividade.

De acordo com Kellner (2001), o que estamos apontando é que as mídias, quando seduzem o indivíduo, consegue dar seu pontapé inicial com claros objetivos para manutenção de sua proposta consumidora e perversa. Em outras palavras, o que chama a atenção é que, ao influenciar os sujeitos, a mídia cria mudanças e concepções. Por fim, ressaltamos a necessidade de uma pedagogia cultural, que, por meio de uma leitura crítica da mídia e solidificada dos estudos midiáticos, contribui para dar conta de aprender e identificar as estratégias tendenciosas, que são produzidas e circuladas através de noticiários e conteúdo no mundo.

Desta maneira, a mídia televisiva tornou-se um meio de contemplação, no qual Kellner afirma que:

Nas últimas décadas, a indústria cultural possibilitou a multiplicação dos espetáculos por meio de novos espaços e sites, e o próprio espetáculo está se tornando um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana (KELLNER, 2001, p. 5).

Com base nessa afirmação, notamos a objetividade de manter/prender a atenção de seu público nos diferentes noticiários ou programas de entretenimento, legitimando seus discursos e imagens. No entanto, para elucidar todo este contexto aqui apresentado, podemos trazer como exemplo alguma informação veiculada em determinada emissora, que pode ser interpretada como algo normal ou banal; já em outra, tal informação pode ser considerada um absurdo aos olhos de uma camada da sociedade, “pois a necessidade de ver a tudo e a todos ali se torna um modo rentável de se estabelecer uma possível relação” (KELLNER, 2006, p. 119).

Todavia, segundo Magalhães (2010b), o futebol demonstrou, ao longo dos anos, a participação ativa dos torcedores. Isso foi visto principalmente após 1930, quando o esporte deixava de ser amadorista e se tornou profissional. Diante deste cenário de mudanças, o esporte gradativamente passa a ser profissionalizante, surgindo, assim, a necessidade de pagar para assistir aos grandes jogos. Assim, o pagamento dos espectadores para adentrarem ao estádio e acompanharem as partidas passa a ser necessário, visto que os lucros servem para o pagamento dos atletas e custeio de outras despesas para realização das partidas. No entanto, em meados dos anos 1960, inicia-se uma “nova fase” para prestigiar os jogos, assim, o futebol passa a ser transmitido pela televisão, fazendo com que seus adeptos tenham mais uma opção. Isso proporciona um enorme quantitativo de telespectadores, visto que, prestigiar seus times por meio da TV, torna-se um pouco mais favorável em aspectos econômicos, tendo em vista que ir aos estádios torna-se complexo em razão dos preços absurdos dos ingressos. Desse modo, essa alternativa continua gerando lucros para o mercado da bola e, conseqüentemente, aos canais que transmitem as partidas, pois com a venda de direitos de imagens, a emissora lucra e paga um percentual para os times de futebol para transmissão dos jogos.

Portanto, identifica-se que esse produto cultural midiático está extremamente preocupado com as audiências nas transmissões esportivas, tornando-se o “esporte da mídia” e não mais o “esporte na mídia”. Assim, elas acabam se modificando e constituindo novas ideias para que a modalidade ganhe maior visibilidade e lucro (BETTI, 1998, p.107-111).

Desta maneira, nossa metodologia estará pautada em uma leitura crítica da mídia com base nas concepções de Luca (1999), Barth (1998) e Kellner (2001). Nessa direção, segue De Luca, que é historiadora e trabalha dentro de uma perspectiva metodológica, destacando a necessidade das fontes impressas e por meio dos periódicos. De acordo com autora, em meados da década de 1970, ainda era parcial o número de trabalhos que se concentravam nas análises

das fontes, sobretudo da mídia impressa (jornais). Deste modo, após esse período, a introdução e expansão da imprensa no país passa a ter maior significância, tendo em vista o reconhecimento da importância de tais impressos, bem como a preocupação em escrever a História da imprensa por meio da imprensa.

Portanto, ancorados ao pensamento da historiadora De Luca (1999), que postulamos sobretudo a importância da valorização da imprensa como fonte de pesquisa. Assim, ela descreve que:

Vários fatores explicam tal situação, que não constituía particularidade brasileira. Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento (DE LUCA, 1999, p.111-112).

De Luca (2005) chama a atenção para que haja, ainda, uma consideração relacionada à função social, à propagação de ideias e ao instrumento de luta para os mais diversos movimentos, cuja função econômica se torna fonte de lucro. Por fim, ela alerta para o cuidado de contrapor as informações obtidas através dos produtos midiáticos a outras obtidas pelas diversas fontes. Diante disso, Busetto corrobora afirmando que:

A mídia deve ser compreendida “como um sistema em contínua mudança [...] a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e [...] diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se complementar. As transformações da imprensa ao longo do tempo se fazem notar tanto nos conteúdos, quanto nas técnicas de impressão, advindo e sendo determinadas pelas mudanças da sociedade. Mais uma razão para se tornar representante da mídia impressa, como jornais e revistas de variedade, por exemplo, “como fonte e objeto de estudo, pois analisar sua materialidade de papel, seu formato, sua diagramação parecem completar o trabalho preocupado com a análise dos conteúdos, ao mesmo tempo em que dá margem a análises contextuais, e, permite, por meio desses fatores, elucubrações sobre o momento histórico no qual a fonte e/ou objeto se insere. Pois, fenômenos de nível nacional sempre interferem na vida cotidiana “de um jornal, de uma rádio, de uma televisão” (BUSETTO, 2008, p. 8).

Por outro lado, segundo Barth (1998), antropólogo social com grande destaque na segunda metade do século XX, que trabalha a partir do ponto de vista dinâmico sobre identidade, há um olhar crítico e analítico da leitura, sobretudo das fontes. Ele mostra que a identidade étnica, bem como qualquer outra identidade coletiva, é constituída na interação de grupos sociais por meio de processos de exclusão e inclusão, que demarcam limites para tais

grupos, definindo os que os integram ou não. Por fim, ressaltamos que há necessidade de saber em que consistem determinados processos de organização social, que mantêm de forma duradoura as distinções entre “nós” e “os outros”. Em outros termos, averiguar de que forma contribuem para o fortalecimento de padrões de sujeitos ou grupos ideais de uma sociedade, visto que isso marginaliza outros. Em tais métodos, escreve Barth:

As características que são levadas em consideração não são a soma das características objetivas, mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes. [...] alguns traços culturais são utilizados pelos atores como sinais e emblemas de diferenças, outros são ignorados, e, em alguns relacionamentos, diferenças radicais são minimizadas e negadas (BARTH, 1998, p.194).

Nesse viés, esta pesquisa abará uma metodologia qualitativa, com a finalidade de identificar, analisar, sistematizar e refletir a partir dos noticiários das fontes pesquisadas, com intuito de visualizar a maneira pela qual o racismo é ou foi retratado, pautando-se nas informações estampadas nos jornais impressos, contidos na (INP). Desse modo, tem-se como ponto de partida alguns jornais da época, que noticiavam a participação de jogadores negros no futebol e seu modo de vida, interligado ao da comunidade negra. Assim, apresentando suas características culturais para visualizar a história de resistência e ressignificação através dos jornais que percorriam as ruas, bairros e avenidas, por diferentes localidades do Brasil.

Diante disso, o filósofo americano Douglas Kellner (2001) defende que se faz urgente uma análise minuciosa dos efeitos dos meios de comunicação de massa sobre os indivíduos e sobre a sociedade. Segundo o autor, “a cultura midiática pode ser, no futuro, um importante elemento de transformação social, em que vozes marginalizadas se façam ouvidas e em que umas diversas culturas encontrem meios de expressão”. Nesta perspectiva, os estudos culturais têm como trabalho e papel preponderante a possibilidade de intervenção na cultura dominante, assim, frisamos a necessidade de uma “pedagogia da mídia”, por meio dos *Estudos Culturais*, que possa ensinar como decodificar, de modo crítico, as mensagens das mídias, bem como possa investir em ensinar a ler e a analisar os textos midiáticos, assim como faz com os textos escritos.

Sendo assim, possibilitando o uso de suas tecnologias como um instrumento pedagógico antirracista para a transformação da sociedade e contribuindo diretamente com o futebol e com a mídia para extinção do racismo estrutural que permeia o mundo.

Nesta esteira, Kellner (2001) destaca a potencialidade que a mídia tem, dando ênfase para suas estruturas e métodos sedutores de infligir normas de pensamento, de ser, de sonhar e de se colocar frente a certos comportamentos. Deste modo, o autor nos alerta para que os

indivíduos da sociedade não sejam um bando de fantoches/marionetes. Entretanto, é justamente nesse ponto que o autor enfatiza a existência de grupos inconformados que se opõem a essa manipulação midiática.

Porém, a regra é a já conhecida inabalável maneira com que a tecnologia se infiltra e atrai com seus artifícios subliminares em termos de propaganda ideológica. É por isso que estudar produções cinematográficas, programas de TV e músicas é cada vez mais importante, já que sua carga comunicativa tem estabelecido padrões homogeneizantes de hábitos e costumes. Portanto, a função desempenhada pelas mídias na sempre mutante circunstância contemporânea demanda a utilização de métodos e reflexões analíticas cada vez mais rigorosas (KELLNER, 2001, p. 454).

Ademais, a partir de uma leitura crítica e reflexiva dos textos da mídia, com base nos *Estudos Culturais*, proposto por Kellner (2001 p. 425), é possível vislumbrar mudanças positivas no sentido de que não haja manipulação. Precisamos, isto sim, ensinar a criticidade e ressaltar a importância de aprender a usar a mídia como modalidade de autoexpressão e ativismo social.

Neste sentido, afirmamos que os “Estudos Culturais estão, assim, comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças instituições e práticas comunicativas de uma sociedade” (SILVA, 2013, p.12). Portanto, um campo epistemológico que contribui para análise dos diversos segmentos, futebol e mídia sendo um deles. Conclui-se que:

Estudos Culturais, ele argumenta que “a ordem social constrange e oprime as pessoas, mas ao mesmo tempo lhes oferece recursos para lutar contra aqueles constrangimentos”. Nas tradições dos Estudos culturais, pois, a cultura é entendida tanto como forma de vida – compreendendo ideias, atitudes, linguagens, práticas instituições e estrutura de poder – quanto toda uma gama de práticas culturais: formas, textos cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante” (SILVA, 2013, p.12).

Em contrapartida, faz-se essencial entender e considerar o fenômeno esporte como uma modalidade que se transformou no decorrer do tempo. De acordo com Galatti (2010, p. 77), a globalização e a influência midiática e mercadológica trouxeram profundas mudanças ao esporte, alterando suas regras em prol da venda do espetáculo, democratizando seu acesso com ajuda dos meios de comunicação. Consequentemente, incentivando mais pessoas para a prática esportiva, sendo possível, assim, identificar uma evidência de sua complexidade, já que “um mesmo fenômeno capaz de gerar lucros no pesado mercado internacional é capaz também de congrega seres humanos em cada região em que é praticado”. Assim, sendo um fenômeno capaz de congrega pessoas, entendemos e defendemos a pluralidade do fenômeno esportivo, já que o esporte pode ser compreendido como:

Um fenômeno social de múltiplas possibilidades, presente em diversos cenários, com diferentes personagens, apresentando, portanto, significados distintos, tal qual o profissional, de lazer, para saúde, estética, representativo, sociabilização e educacional, sendo este último o foco do estudo (GALATTI, 2010, p.1).

Portanto, justificamos que a escolha desta fonte se dá pelo fato de entendermos que o futebol e a mídia podem ser instrumentos pedagógicos para uma educação antirracista e humanizada. No entanto, acreditamos que futebol e mídia fazem parte da indústria cultural e são quase inseparáveis. De acordo com Kellner:

A cultura midiática vista como uma forma de manipulação dentro de um modelo comercial que legitima a expansão do capitalismo. Uma vez que tais mecanismos corroboram com o domínio do tempo e lazer dos sujeitos e modelam as opiniões políticas e sobretudo o comportamento social, na forjada construção de sua identidade (KELLNER, 2006, p. 9).

Diante disso, Kellner (2001) afirma que, na mídia, se encontra hoje a forma dominante de cultura, forma que nos socializa e nos fornece material de identidade, tanto em termos de reprodução quanto de mudança da sociedade. Todavia, o autor faz uma série de estudos vivazes que esclarecem a cultura contemporânea e apresentam métodos de análise e crítica. Isso para que tenhamos melhores condições de fazer uma leitura crítica das mídias, especificamente da impressa e virtual, pelo fato de ser nossa fonte de investigação na pesquisa. Por conseguinte, destaca-se, também, o papel da mídia no que tange ao campo educacional, pois oferece dados e orientações sobre a realidade social dos sujeitos. Assim, essa realidade pode ser corrompida por interesses adversos ao bem social, contribuindo para posturas racistas e reacionárias, além de estímulo a comportamentos criminosos.

Nesse sentido, é fundamental destacar o trabalho feito pela professora Miriam Nicolau Ferrara, que, com apoio de colaboradores, teve a iniciativa de resgatar e resguardar este rico material que compôs sua pesquisa de mestrado, que nos ajudará também para análises das fontes midiáticas digitalizadas na instituição paulista. Segundo Ferrara:

Os exemplares originais do material coletado em campo durante a pesquisa foram microfilmados e depositados no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) para sua melhor conservação. Outra parte desse material foi direcionada para o Centro de Documentação e Memória (Cedem) da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”⁸ (FERRARA, 1986, p. 1).

⁸ Disponível Em: <http://biton.uspnet.usp.br/impresanegra/index.php/sobre-o-acervo-2/>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

Ainda que o futebol seja considerado pouco estudado, são raros os pesquisadores que lançam olhares para este fenômeno cultural de maneira crítica e analítica, tendo em vista que somente enxergam como um esporte, ou seja, um jogo/partida. Outrossim, durante a escrita, fomentaremos a importância que esse fenômeno tem como objeto de investigação, sobretudo respectivos à sua representação cultural, apoiados em Stuart Hall:

Que a conexão existente entre “representação” e “cultura”, é colocada em termos simples, cultura diz respeito a “significados compartilhados”. Portanto, a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual “damos sentido” às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem. Evidentemente, que esta se torna fundamental para os sentidos e para a cultura e vem sendo invariavelmente considerada o repositório-chave de valores e significados culturais (HALL, 2016, p.17).

Desta maneira, os poucos pesquisadores que se dedicaram aos estudos nas entrelinhas deste fenômeno constatarem seus diversos efeitos, especialmente na sociedade brasileira. E, conseqüentemente, seus desdobramentos institucionais, tendo em vista que o futebol de certa maneira foi e continua sendo um importante meio de aproximação em uma dada sociedade. Em outras palavras, é notável que, na disputa de uma Copa do Mundo, o caráter patriótico/nacionalista torna-se um exímio objeto de utilização de regimes civis e militares⁹, como foi visto durante a Copa do Mundo de 1970, realizada no México, em que o futebol brasileiro se consagrou campeão. Nessa ocasião, entre os vários negros, havia Edson Arantes do Nascimento (Pelé), que foi premiado como melhor jogador daquele campeonato mundial. Portanto, constata-se que, no sentido de aumentar o campo de influência de certas ideias e ideologias, o general Emílio Garrastazu Médici, um dos presidentes do Brasil durante a ditadura civil-militar, utilizou-se das mídias e da modalidade para o crescimento de sua popularidade (FICO, 1997), pois foi a primeira vez que houve uma transmissão pela televisão de uma partida de futebol, ainda, aos embalos da música “Pra Frente Brasil”¹⁰, que ecoou nas vozes de milhares de brasileiros/as.

O futebol ainda segue com pouco empenho no sentido de se tornar uma grande ferramenta de inclusão, embora isso não signifique que ele não consiga exercer esse papel. Por conseguinte, possibilitar a promoção da igualdade e de conscientização contribui para unir, educar e transformar pessoas através dele. Entretanto, temos visto, de maneira gradativa, alguns

⁹ Ver MAGALHÃES, Livia G. Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro, Ed. Lamparina, 2014.

¹⁰ É uma canção composta por Miguel Gustavo para inspirar a seleção brasileira na Copa do Mundo FIFA de 1970. Foi cantada pelo país na euforia ufanista gerada pela primeira transmissão ao vivo de uma Copa e tornou-se hino desta edição para os brasileiros.

avanços para a eliminação do racismo no futebol. Embora tenhamos inúmeros casos na atualidade, continuamos nossa luta em prol de uma sociedade mais humanizada. Pretende-se a que alteridade seja um princípio recorrente na vida das pessoas. E, por fim, lançamos nossas esperanças na educação como meio de transformação social, política, cultural e religiosa, haja vista que a educação sozinha não dará conta disso, mas a unificação dela com outras categorias podem, sim, culminar em uma mudança significativa no Brasil e no mundo.

Desse modo, esta dissertação será composta por três seções: a primeira terá como título: *Futebol Esporte Nacional: Do Amadorismo ao Profissionalismo*. Em seguida, a segunda seção foi intitulada: *Apresentando o Racismo no Futebol: uma análise a partir da Imprensa Negra Paulistana*. E, por último, a terceira seção com o título: *Por uma Educação Antirracista: a necessidade da pedagogia da mídia*. Desse modo, buscaremos, no decorrer das seções, apresentar, discutir, analisar, refletir e visualizar a história do futebol e a inserção do homem negro na modalidade esportiva desde a chegada deste esporte até os dias atuais.

Conclui-se que há necessidade de implementar punições, de forma rigorosa, a todas as pessoas que estiverem envolvidas nas partidas de futebol, no instante em que forem constatadas cenas, ações, gestos, entre outras situações que sejam ofensivas. Isso porque trata-se de prática de um crime previsto no código penal, um crime reconhecido pela Lei nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989, criada pelo Congresso Nacional e sancionada por José Sarney, no ano da Constituição dita Cidadã.

Por vezes, a denúncia do racismo parece algo muito moralista e cristão. Neste sentido, parte-se do pensamento de Fanon (1968), de que o racismo não é ofensa, é crime! Precisamos exigir o reconhecimento da prática do crime de racismo e de aplicação da pena. Eles, os nossos inimigos, que ocupam a direção das instituições e que exercem o poder, não cansam de nos matar e aprisionar. Em suma, busca-se alcançar os objetivos de investigação da pesquisa, bem como utilizar-se do esporte das massas como um dos expoentes da luta contra o racismo dentro ou fora de campo.

1 FUTEBOL, ESPORTE NACIONAL: DO AMADORISMO AO PROFISSIONALISMO

"Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos".
Frantz Fanon - Pele Negra, Máscaras Brancas

Estudar a história do negro no futebol é adentrar um espaço de constantes conflitos e transformações, em que diversos personagens se aproximam e se distanciam conforme as ideias presentes em seus cotidianos. Essa situação suscita vasta reflexão acerca de um campo privilegiado para inúmeras investigações. Neste sentido, o futebol pode ser visto como um catalisador e um ótimo expoente dos ideais e dos conflitos presentes na sociedade, visto que são constatadas atitudes racistas há muito tempo. Sendo assim, criou-se um paradigma, pois uma sociedade que rejeita assumir tal atitude, mantendo uma retórica de igualdade racial, contradiz o discurso com a prática, sendo um dos argumentos suficientes para que possamos afirmar que a sociedade brasileira é racista, pois sustenta e sobrevive na farsa da democracia racial. Assim, tendo em vista que essa realidade é expressa no futebol, intenciona-se apresentar o contexto histórico de inserção do jogador negro no futebol em um país que rejeitou (e continua rejeitando) homens negros praticantes de uma modalidade esportiva, que foi formada no seio elitista da época já mencionada.

Neste sentido, Damata (1982) salienta que o futebol é um fenômeno que serve como um dos arcabouços para investigação de inúmeras pesquisas, visto que, apoiados ao autor, consideramos este um dos campos investigativos e privilegiados para análise da sociedade, permitindo as manifestações de uma série de dramatizações. Assim, compreendemos o futebol como um “jogo absorvente¹¹”, do mesmo modo que Geertz (1989) fez ao descrever e analisar a briga de galos em Bali. Podemos dizer, portanto, que grande parte da sociedade brasileira se revela por meio de uma partida de futebol. Ao longo das duas últimas décadas, principalmente, um dos nossos maiores dramas sociais tem recebido destaque no futebol, qual seja, o racismo. Talvez, isso ocorra por conta da intensificação da luta antirracista e pelo fato de os jogadores negros de futebol se agruparem por meio de órgãos que acentuam o enfrentamento ao racismo, como o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que tem sido um belo exemplo de

¹¹ Ao apropriar-se do conceito de Clifford Geertz (1989), sobretudo com base na briga de galos, é com intuito de identificar uma estrutura simbólica coletiva, organizada, que “fala” sobre a organização social dos balineses, em que os sentimentos estão presentes através de emoções, da excitação do risco, da perda, do desespero da derrota, do regozijo com a vitória. Nesse sentido, o espaço futebolístico se assemelha com o que o autor considera *ethos* da cultura balinesa. Ainda, que, visivelmente, no futebol, encontramos aspectos de sensibilidade provocada no ato de torcer e vibrar pelos seus times, sendo algo fascinante.

luta contra o racismo no esporte. Diante dessa circunstância, neste trabalho, apresenta-se descrição da chegada do futebol no Brasil, as características que marcavam essa prática, bem como o cenário no qual está inserido o homem negro com as práticas futebolísticas. Ainda, sua popularização e o processo de profissionalização, que, no Brasil, ocorreu a partir de 1930.

Desta maneira, Eduardo Hughes Galeano¹², jornalista e escritor uruguaio, afirma que:

[...] pelo menos no futebol há alguma possibilidade de ascensão social para o menino pobre, em geral, negro ou mulato, que só tem a bola como brinquedo: a bola é a única varinha mágica em que pode acreditar. Talvez ela lhe dê de comer, talvez ela o transforme num herói, talvez em Deus (GALEANO, 2004, p.51).

O futebol é um elemento ímpar no imaginário nacional. Há algo que sempre faz vibrar ou, ainda, que traz decepções jamais experienciadas neste jogo torto, inconstante, no qual a surpresa é um artefato que pode mudar o rumo e o estado das coisas. O futebol está sempre querendo nos dizer algo - e, dependendo de como interpretamos isso, as nossas emoções se processam das mais diferentes maneiras. Galeano (2004) conta, de forma lúdica, o quanto o jogo, por conta de suas características, funcionava como linguagem universal nos subúrbios da América Latina, já que trabalhadores de origens diferentes conseguiam se compreender com a bola nos pés. Para o espectador, também funciona assim: eu posso me sentar em um bar para assistir a uma partida em qualquer lugar do mundo e não preciso dominar nenhum idioma estrangeiro para ser impactado por aquilo que está acontecendo enquanto dois times jogam. Talvez essa simplicidade do futebol, no qual o gol é o objetivo e as regras são para os mais letrados em seus fundamentos - mas não são tão importantes para o espectador de primeira viagem - é o que faz com que ele esteja tão próximo.

Por essa razão, as mais diversas matérias que pretendem ressaltar a importância deste esporte na sociedade brasileira bradam: “Não é só futebol”; “É racismo estrutural”; “É sexismo”. Não é só futebol quando é parte da vida de alguém. Não é só futebol quando o esporte trata de um negócio. Não é só futebol quando o time também alega ser “uma tradição, uma história”. Não é só futebol quando o amor por uma camisa leva a uma atitude inusitada. Não é só futebol quando todos os atores presentes no esporte se solidarizam por um único clube. Em nossa língua, futebol nunca significa apenas um jogo. Neste viés, Stuart Hall ressalta:

¹² Eduardo Hughes Galeano (Montevideu, 3 de setembro de 1940 – Montevideu, 13 de abril de 2015) foi um jornalista e escritor uruguaio. É autor de mais de quarenta livros que já foram traduzidos em diversos idiomas. Suas obras transcendem gêneros ortodoxos, combinando ficção, jornalismo, análise política e História. Galeano é considerado um dos principais expoentes do Antiamericanismo e Anticapitalismo na América Latina, no século XX.

Obtinha destaque acadêmico se perguntando como as imagens que vemos constantemente a nossa volta nos ajudam a entender como funciona o mundo em que vivemos, como essas imagens apresentam realidades, valores, identidades, e o que podem acarretar, isto é, quem ganha e quem perde com elas, quem ascende, quem descende, quem é incluído e quem é excluído, como fica a situação particular dos negros nesse processo (HALL, 2016, p.10).

Dessa maneira, o discurso midiático sobre o futebol, aquele já conhecido, visto que já estamos acostumados com ele, chega carregado de emoção, a qual pretende nos transportar para momentos exatos de uma partida, com o intuito de que isso faça parte de nossa vida, seja em uma narração intensa do que está sendo realizado em campo, seja em um relato sobre o que já foi. No entanto, surge um questionamento: De que forma o esporte está presente no imaginário nacional? Já estamos acostumados com seus ritos? Sendo assim, parece natural que a emoção se sobreponha à razão quando este esporte é comunicado ao grande público. Portanto, Reis e Escher, quando abordam a aceitação dessa atividade futebolística na sociedade brasileira, sintetizam da seguinte forma,

Uma característica importante do futebol, que o distingue de outros esportes coletivos, é o período extenso de antecedência do prazer (o gol). O período de expectativa é extenso e a excitação provocada pela incerteza da concretização ou não do tento provoca nos espectadores um nível de tensão elevada que o mantém atento ao desenrolar dos acontecimentos no gramado (REIS; ESCHER, 2006, p.23).

Neste aspecto, o gol é, como enfatiza Galeano (2004), “o orgasmo do futebol”. Mas o autor uruguaio também nos lembra que, “como o orgasmo, o gol é cada vez menos frequente na vida moderna. O futebol está em constante mutação e nunca vai ser vivido da mesma forma, embora a experiência seja semelhante. Com isso, pode haver um discurso dominante que prega esta acepção: “antigamente que era bom”. Nesse sentido, qual seria o peso que o termo “antigamente” estaria carregando, de fato? Nunca se sabe se o saudosismo é colocado a respeito de um tempo no qual era comum que os jogadores, que defendiam a Seleção Brasileira, atuassem todos em times brasileiros ou se ele trata de quando as regras eram mais brandas - dentro e fora de campo.

Todavia, Reis e Escher (2006) consideram importante que os estudos acadêmicos sobre futebol “deem conta de analisar as modificações que o futebol sofreu nos últimos anos, tanto em termos de organização como nos aspectos econômicos e sociais” (REIS; ESCHER, 2006, p.51). Por outro lado, a *Pedagogia Cultural* contribui para análises da sociedade e, em especial, do futebol. As transformações externas, inevitavelmente, também estão intrínsecas ao que ocorre dentro dos estádios, assim como os padrões que estão influenciando a nossa sociedade há certo tempo.

Deste modo, uma questão latente que mostra a influência desses padrões dentro do esporte é o racismo estrutural no futebol (Almeida, 2019). Assim como na sociedade brasileira, a visão que se tem a respeito do futebol no Brasil é de que ele é calcado pela democracia racial, sendo que, contudo, o que ocorre, de fato, é um "relaxamento das tensões raciais" (HELAL; GORDON JR, 2001). Neste aspecto, ganha destaque a teoria de Hall (2016), sobretudo com relação à linguagem emocional do futebol, que também abre espaço para análises dos gritos de torcedores, nos xingamentos dos atletas de equipes adversárias, no apelido relacionado à cor, camuflado de carinho, que está sempre ali, sendo utilizado para mascarar o racismo e legitimar o lugar ao qual ele pertence na visão dos outros.

Portanto, destaco o "problema discursivo do racismo", buscando as tensões raciais do futebol em sua origem, entendendo como o racismo se porta na sociedade brasileira e na Europa, como a lógica do futebol opera por reforçar discursos de meritocracia e de segregação, e como as ofensas estão naturalizadas no ato de torcer. Ao tratar do racismo no futebol, também consideramos o pano de fundo no qual o contexto midiático brasileiro está inserido ao considerar que a sociedade do país vive sob uma “falsa democracia racial”, e que a ascensão de jogadores negros por meio do esporte não os coloca em posição semelhante a jogadores brancos, principalmente quando são envolvidos em situação de racismo. Este fenômeno no futebol é frágil e é capaz de alçar um jogador de herói em vilão em instantes. Assim, apresenta-se, a seguir, descrição do contexto histórico desde o surgimento do esporte futebolístico, o qual tem a intenção de legitimar a luta do negro em um espaço que, a priori, seria apenas do sujeito branco.

1.1 O INÍCIO: FUTEBOL NO BRASIL

Quando o futebol chegou ao Brasil, especificamente em Campinas¹³, o país estava vivenciando tempos de mudanças. Conforme Pereira (2000), o futebol aparece como elemento da modernidade, “uma novidade moderna e elegante”, sendo “um produto de importação” (PEREIRA, 2000, p.16). Assim, a grande expansão dos impérios coloniais europeus após 1870 ocasionou o aumento do controle político e da exportação de capital europeu ao redor do globo. Por conseguinte, Chalhoub sinaliza que:

¹³ Campinas é um município brasileiro no interior do estado de São Paulo, Região Sudeste do país. Pertence à microrregião e mesorregião homônimas, distante 99 km a noroeste de São Paulo, capital estadual. Tomamos como exemplo pelo fato de que, na cidade, surgiu a Ponte Preta futebol clube, no ano de 1900, sendo um dos times protagonistas na luta pela inserção dos pretos no esporte.

Nas últimas décadas do século XX, a América Latina, bombardeada por maciços investimentos de capitais europeus, trilha decididamente o caminho da ‘ocidentalização’ na sua forma burguesa-liberal, num processo de mudança muitas vezes brutal e de alto custo social (CHALHOUB, 2001, p.48).

Neste contexto, o capitalismo moderno no Brasil nasce na lógica do capital e se integra mais decididamente ao modelo que passa a operacionalizar sua manutenção e consolidação de sua forma econômica. Conforme Chalhoub (2001) declara, “esse processo foi impulsionado tanto pela abolição da escravidão, em 1888, quanto pela proclamação da república, em 1889” (p.48-49). Adicione-se a isso a chegada da modernidade ao país – representada, entre outros, pelas ferrovias, pelo crescimento industrial e pela urbanização – e o grande número de imigrantes, em sua maioria europeus, que foram estimulados a vir ao país para trabalhar, principalmente na colheita do café, e tem-se um quadro de profundas transformações políticas, econômicas e sociais.

De acordo com Zago (2002, p. 48), em “Campinas, os sinais mais aparentes da chegada da modernidade surgiram a partir de 1870, com o aumento da urbanização e o crescimento industrial”. Nessa mesma década, segundo Abrahão (2002), “foram construídas as primeiras estradas de ferro e a cidade ganhou iluminação a gás. Na década seguinte, apareceram bondes de tração animal e os primeiros telefones” (p.46). Dedicada principalmente ao cultivo do café, a cidade viu o aumento de sua população, que já contava com um grande número de escravos, tanto pela urbanização quanto pela chegada de imigrantes, desde o último quartel do século XIX, como afirmou Zago (2002).

Ademais, Gilmar Mascarenhas Jesus salienta que:

O futebol se introduz na vida urbana brasileira justamente no momento em que esta vive uma conjuntura de acirramento das tensões raciais. O processo de desescravização nas últimas décadas do século XIX faz aportar, nas principais cidades brasileiras, densos contingentes de negros oriundos da zona rural. A substituição do trabalho escravo por imigrantes europeus acarretou não somente um quadro de falta de oportunidades de trabalho para o negro, mas todo um recrudescimento do racismo no âmbito da ideologia do “embranquecimento” da nova nação republicana (JESUS, 1998, p. 144).

Neste viés, com o aumento da população e o surto de febre amarela que se abateu sobre a cidade, a partir de 1889, o processo de modernização foi interrompido. Nas décadas seguintes, Campinas e os principais centros urbanos do país passaram por transformações, visto que houve implementação de políticas de saneamento, de higiene e de saúde pública, assim, a volta do crescimento foi possível. Desse modo, Abrahão ressalta que:

Ao mesmo tempo em que permitiam um maior controle sobre as epidemias, tais transformações, ao longo das primeiras décadas do século XX – semelhantes ao que houve no Rio de Janeiro durante o governo de Pereira Passos (1902-1906) – visavam à manutenção do centro da cidade como área da elite, enquanto as classes mais baixas eram empurradas para as periferias (ABRAHÃO, 2002, p.47).

Nesse contexto, novos hábitos modernos da cultura europeia foram incorporados à vida cotidiana das elites brasileiras, sendo assim, o futebol foi inserido como prática fundamentalmente inglesa em nosso país. De início, foi configurado tal qual em seu país de origem, como uma prática social que promoveu redes de relações singulares na sociedade. Para melhor compreender esse papel assumido pelo futebol, é necessário voltar às suas origens.

Destaca-se que, o futebol como esporte moderno, surgiu na Inglaterra, fruto de um longo processo de controle e apropriação dos jogos populares pela classe dominante. Damo faz uma interessante retomada desse movimento:

A invenção dos esportes modernos pode ser considerada uma dupla institucionalização dos antigos jogos populares. A primeira, marcada pela convergência dos jogos para as cortes e instituições escolares, especialmente para as Public Schools, foi lenta, gradativa e produziu mudanças não apenas em termos de significado e função, mas também na forma como tais jogos passaram a ser praticados: em geral, menos violentos, mais disciplinados, regrados e, por isso mesmo, distintos entre si. Nessa primeira institucionalização, os jogos assumiram as conotações da corte ou das escolas frequentadas pela nobreza e alta burguesia. A segunda institucionalização, caracterizada pela difusão dos esportes desde o contexto das cortes e das Public Schools para os clubes, associações e ligas independentes, foi extremamente rápida e de acordo com as mudanças no seio mais amplo da sociedade inglesa da segunda metade do século XIX. Forjou-se (...) a institucionalização de códigos, valores e atitudes em nome das quais as disputas foram implementadas, de tal forma que os esportes se tornaram uma arena privilegiada para a representação mimética das diferenças socioculturais, especialmente, aqueles de natureza coletiva (DAMO, 2002, p.23).

Segundo Magalhães¹⁴ (2010b), o futebol chegou ao Brasil ao final do século XIX, quando o inglês Charles Miller¹⁵ voltava de viagem da Europa, trazendo a prática para o Brasil. Essa atividade foi uma distração para pessoas da elite, um momento de lazer entre a classe (diversão). Ainda, de acordo com Helal (1990, p. 38), acrescenta-se que, “de início, logo após a atividade de missionário exercida por Charles Miller, o futebol teve como focos de irradiação o meio industrial e aristocrático, ligados aos hábitos de lazer da colônia europeia”. No entanto,

¹⁴ Livia Gonçalves Magalhães - Professora Adjunta de História do Brasil República do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Possui graduação e licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense (2005).

¹⁵ Charles William Miller foi um esportista brasileiro, considerado o "pai" do futebol e do *rugby* no Brasil. Filho de um pai escocês chamado John d'Silva Miller, que veio ao Brasil para trabalhar na São Paulo Railway Company, e uma mãe brasileira de ascendência inglesa chamada Carlota Antunes Fox, nasceu perto da estação ferroviária da mesma companhia em São Paulo. Aos dez anos, foi estudar na Inglaterra.

somente a partir do ano de 1885, que, na cidade de São Paulo e no interior do Estado, a exemplo de Campinas, a atividade começava a desenvolver, havendo, assim, um aumento no número de admiradores. Com esse aumento de adeptos ao futebol, o esporte acompanhou o desenvolvimento da cidade de São Paulo e passou a fazer parte da cultura do estado, que foi se descobrindo ao longo do esporte.

O responsável por trazer a novidade ao país foi justamente Charles Miller, filho de um importante industrial inglês, que conheceu o futebol em sua temporada de estudos na Inglaterra e o — “trouxe” em sua bagagem de volta. Miller é hoje conhecido como o — “pai do futebol brasileiro” e, de fato, ele teve um papel de grande importância na disseminação do esporte em nosso país. Existem, inclusive, relatos da década de 1860 de partidas precárias entre marinheiros estrangeiros, verdadeiras — “peladas” nos portos brasileiros. Mas Charles Miller foi o responsável pela introdução do perfil competitivo do futebol e de suas regras, o que foi fundamental para sua expansão (MAGALHÃES, 2010b, p.14).

De acordo com Magalhães (2010b), o futebol chegou ao Brasil em razão do grande percentual de imigrantes que vieram em busca de empregos e com intuito de investir em um produto que estava em alta, o café, cujas lavouras necessitavam de bastante mão de obra¹⁶. Sendo que, de fato, a priori, seria um esporte de lazer para as elites, seja das indústrias, seja, também, dos cafezeiros, que foram os primeiros jogadores de futebol no país, reforçando a intencionalidade de Charles Miller, que “trouxe” o esporte aos grupos elitistas.

Todavia, na própria Inglaterra, a origem do futebol foi um pouco diferente. Em seu berço, nasceu na época do crescimento da classe operária, em plena Revolução Industrial, e era um esporte que levava para locais públicos toda a revolta e as insatisfações do operariado explorado. Tão grande era a violência que até a primeira década do século XIX era proibido pelo Estado inglês. Foi exatamente para controlar as classes mais baixas e a violência do jogo que se impôs regras ao futebol, que se tornou um importante — e interessante para as elites — válvula de escape dos explorados (MAGALHÃES, 2010b, p.14).

A origem do futebol no Brasil, como já foi mencionado, deu-se entre as elites, pois seus precursores visualizaram no esporte uma possibilidade de ganhos financeiros. Assim, introduziram, em primeira mão, o esporte entre a classe alta do país, já que o material (bola, chuteira e redes) seria importado e de alto valor. Desse modo, a atividade esportiva seria um meio de diversão entre os grupos privilegiados. A ideia era para ser um passatempo, uma atividade de “lazer”. No Brasil, a segregação social continua sendo um divisor de águas, entre homens, mulheres negros e pobres, no futebol não foi diferente, o esporte mais popular hoje

¹⁶ O Brasil, naquele momento, estava passando por mudanças estruturais, sendo que, dentro de um aspecto de imigração e com a política de embranquecimento, com base nas teorias raciais, o pano de fundo seria dizer que precisa de mão de obra como tentativa de justificar a “vinda” da população ao país.

começou como um esporte de poucos. De acordo com Magalhães, em sua obra *Ensino e Memória, História do Futebol*, explica:

Retornando ao Brasil, em seu primeiro momento, o futebol era definitivamente um entretenimento para as elites. Inclusive pelos altos custos, já que todo o material era importado (com o tempo, o brasileiro aprendeu que praticamente qualquer coisa, seja uma meia, uma latinha, poderia substituir a bola...). De qualquer forma, logo se tornou uma importante diversão para as elites e, em pouco tempo, já era praticado no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, onde foi introduzido por Oscar Cox, que, como Miller, trouxe o futebol — “na mala” em seu retorno da Europa (MAGALHÃES, 2010b, p.15).

Durante a chegada destes imigrantes ao país, percebe-se que a cidade de São Paulo possuía uma variação de culturas, de etnias, que, possivelmente, com o tempo, levaram a uma miscigenação. No entanto, com as diversidades existentes no Brasil daquela época e as inúmeras transformações que o país enfrentava, tendo em vista a inserção de novos hábitos vindos da Europa, a sociedade brasileira passava por constantes aculturações dentro de um modelo de sociedade. Entretanto, podemos imaginar que:

Era também o auge do café que gerava grandes lucros para a elite paulista e mudava o perfil da cidade de São Paulo e do próprio país: foi o ciclo da riqueza gerado pelo café que alavancava não só a economia, por meio da industrialização e da entrada de capital externo, como também a vida social, com a entrada de imigrantes e a consequente introdução de hábitos e cultura estrangeiros, no meio dos quais estava o esporte “bretão” (GUTERMAN, 2009, p. 14).

Deste modo, o futebol começava a ganhar espaço em São Paulo, uma das maiores cidades do Brasil, com o passar dos anos, daria, também, o ar da graça na capital do país, o Rio de Janeiro. Entretanto, no início da atividade futebolística, é necessário ressaltar que apenas os indivíduos de poder aquisitivo obtinham direitos. Segundo Magalhães (2010b), Oscar Cox¹⁷, juntamente com Miller, foram os pais do esporte em nosso país. Cox tinha a visão de que se necessitava fazer algo ao esporte para que ele pudesse concretizar-se no país. Nesse período, ele teve a ideia de formar um time para a prática do esporte em questão.

Porém, isso não era suficiente para consolidar o esporte no país. Nesse aspecto, foi Cox quem percebeu que o papel dos clubes era fundamental. No Rio de Janeiro, o primeiro a ser criado para a prática do futebol foi o Fluminense em 1902. Assim como a Ponte Preta de Campinas e o Paulistano – time da capital paulista que, na década de 1930, deu origem ao hoje conhecido São Paulo Futebol Clube – ele era formado

¹⁷ Oscar Alfredo Sebastião Cox ou simplesmente Oscar Cox foi o principal fundador do Fluminense Football Club e seu primeiro presidente, de 21 de julho de 1902 a 15 de dezembro de 1903, tendo sido também jogador do clube em seus primeiros anos.

apenas por brasileiros, todos eles, claro, membros da elite (MAGALHÃES, 2010b, p.15).

No início do século XX, no Brasil, havia poucos clubes, o futebol não era uma potência, havia outros esportes como prioridade, mais antigos, inclusive, que já tinham seus seguidores. Assim, a atividade futebolística proporcionou a mudança de pensamento dos clubes que não tinham essa modalidade em sua associação. A partir de 1900, o futebol começou a ser implantado como atividade desses clubes, como foi o caso do Fluminense e Bangu, no Rio de Janeiro e em São Paulo: Ponte Preta e o Paulistano (dando origem ao clube do São Paulo), que logo ganharam adeptos e expandiram dentro dessas principais cidades mencionadas. Portanto, logo começava a formação das ligas de futebol, nas duas cidades, com jogadores das elites e que não fossem de cor ou de etnia diferentes das elites brancas brasileiras. Frise-se que:

Naquele tempo, o futebol não despertava a paixão que despertaria poucos anos depois, nem gerava disputas ou capital, como seria no futuro. Até então ele era, em primeiro lugar, uma atividade de lazer, um ambiente de confraternização para as elites. E enquanto estivesse nas mãos das classes mais altas, o caráter amador do esporte seria mantido, a fim de manter, assim, sua restrição a poucos. A verdade é que a democratização do futebol ocorreu muito mais por questões econômicas que por interesse político da elite que o praticava (MAGALHÃES, 2010b, p.16).

Segundo Magalhães (2010b), jamais se pensou no futebol como um esporte para os pobres, pois a proposta que a classe elitista defendia, durante o contexto histórico, era que esse esporte não poderia deixar de ser um lazer, um momento de diversão das classes elitizadas do país. Destacando-se que havia uma preocupação da popularização do esporte entre as camadas mais pobres, como será citado mais adiante. Nesse sentido, Bourdieu afirma:

O esporte ainda traz consigo a marca de suas origens: além da ideologia aristocrática do esporte como atividade desinteressada e gratuita (grifos nossos), perpetuada pelos tópicos rituais do discurso de celebração, e que contribui para mascarar a verdade de uma parte crescente das práticas esportivas, a prática de esportes como o tênis, a equitação, o iatismo, o golfe, deve sem dúvida uma parte de seu 'interesse', tanto nos dias de hoje quanto em sua origem, aos lucros de distinção que ela proporciona (BOURDIEU, 1983, p. 143).

Neste sentido, Mário Filho (2003), em sua obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, afirma que, desde a chegada do futebol ao país, Miller e Oscar Cox, que integravam a classe elitista, levaram o futebol para a categoria da qual já faziam parte, com devido interesse econômico. Neste viés, a prática do esporte quase “exclusivamente por clubes de engenheiros e técnicos ingleses e suas famílias no início do século XX no Brasil. Do fascínio pelo novo esporte por

jovens da elite metropolitana que conviviam com os ingleses e os seus clubes” (MÁRIO FILHO, 2003, p.10).

A prática futebolística foi levada aos colégios das elites, sendo que, em vários momentos, percebia-se que isso era uma obrigação para os estudantes. O autor Mário Filho (2003) constatou que a obrigação era tão evidente que quem não gostasse teria que aprender a gostar, pois o esporte crescia na classe dominante. Dessa maneira, Anatol Rosenfeld aponta que, além dos colégios, a Igreja Católica também incentivou a prática futebolística nesse período.

(...) no Brasil foram justamente os colégios que muito cedo se tornaram as forjas de futebolistas: em escolas como os colégios militares, o Ginásio Nacional, o Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo-Brasileiro, o futebol era quase uma matéria obrigatória. A Igreja Católica, fator de enorme importância, parece não ter levantado nenhuma objeção. Deve-se até salientar o fato de que numerosos padres deram impulso decisivo para a difusão do novo jogo. Uma certa notoriedade conseguiu o padre Manuel Gonzáles, que deve ter fabricado a primeira bola brasileira de couro cru, para que seus alunos do Colégio Vicente de Paula (Petrópolis) pudessem dedicar-se ao esporte (ROSENFELD, 1993, p. 78).

Desse modo, evidencia-se que a modalidade esportiva se expandia pelo país, sendo oferecida por outras instituições, como já assinalamos. Sabe-se que os clubes de futebol no Brasil buscavam apenas jogadores brancos e de classe alta. O Bangu, Fluminense, Flamengo, Botafogo e América compunham os times do Rio de Janeiro, capital do país na época, sendo que o esporte era praticado com apenas jogadores brancos. Havia jogadores mestiços no time, mas que pertenciam à elite. Então, estes deveriam se passar por brancos, para isso, faziam uso de pó de arroz¹⁸ no rosto ou passavam algo no cabelo para que não demonstrassem os vestígios de um homem negro, assim, conseguiam estar no clube. Portanto, como exemplo, apontamos Francisco Carregal¹⁹, “talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro, o único do time, caprichou na maneira de vestir. Era o mais bem vestido dos jogadores do Bangu, um verdadeiro dândi²⁰ em campo” (MÁRIO FILHO, 2003, p.32).

Mesmo com essa tentativa de esconder suas características negras, com uso de maquiagem, havia torcedores que percebiam a diferença em razão da pele estar com uma cor

¹⁸ Produto usado por alguns atletas negros, no início do futebol, para que pudessem ter a cor da pele parecida com a de um jogador branco para, assim, praticar este esporte.

¹⁹ Francisco Carregal era um jogador negro, brasileiro, que fazia parte do time do Bangu, um clube com vários estrangeiros. Sendo ele um personagem que escondia suas características físicas para que os torcedores não ficassem contra ele durante as partidas. Carregal então passava brilhantina no cabelo para esconder os traços de homem negro, produto que, depois, foi utilizado por alguns atletas negros com intuito de clarear a pele, querendo ficar mais próximo dos brancos.

²⁰ Jogador negro que se cuidava muito no seu modo de se vestir, buscando traços de semelhanças com atletas brancos.

diferente da pele dos outros jogadores brancos. Os companheiros, por força da necessidade, faziam vista grossa, pois ele era um excelente jogador e tinha traços brancos de seu pai. Dessa forma, ele era aceito no elenco. Contudo, notamos que tais atitudes legitimam o racismo estrutural, velado e camuflado que já se apresentava.

1.2 POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL

Como já mencionado, o futebol era visto pelas classes dominantes como forma de distração, mas as classes subalternizadas passaram a praticá-lo também, e muitos gostaram, de forma que o esporte se expandiu rapidamente, mesmo contrariando uma elite eurocêntrica que, durante muito tempo, lutou para que não se espalhasse tal prática entre as classes desfavorecidas no país, evidenciando, portanto, o racismo estrutural, que insiste em fazer parte de nossa sociedade:

Mas, por mais que as classes altas tentassem impedir sua popularização, não demorou muito para que o futebol chegasse às classes sociais mais baixas. Em uma situação parecida com o caso da Inglaterra, o avanço da indústria e o crescimento do operariado significaram a difusão do esporte pela classe operária. Em muitos casos, esse operariado trabalhava nos empreendimentos ingleses no país. Desde 1903, existem relatos de trabalhadores das indústrias e de moradores dos bairros que ladeavam a linha ferroviária jogando futebol e se organizando em clubes (MAGALHÃES, 2010b, p.16).

A partir desses embates durante o processo de formação e crescimento do esporte, nas classes baixas, surge uma série de conflitos, tendo em vista que havia a luta por parte das elites para que os trabalhadores não integrassem a atividade futebolística. Ainda, entre outras lutas, havia a não profissionalização do futebol, visto que a elite branca queria que os jogadores continuassem como amadores. Já as classes marginalizadas lutavam pela profissionalização para que pudessem se dedicar mais ao esporte:

Os anos 1910, 1920 e os primeiros da década de 1930, no futebol brasileiro, foram marcados por duas disputas: a do elitismo versus a democratização e a do amadorismo versus a profissionalização. Na verdade, essas disputas estavam relacionadas entre si: geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam seu amadorismo, enquanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela sua profissionalização. É fácil entender essa associação: para os ricos, o futebol não era uma profissão, diferente do que desejavam os indivíduos das classes mais baixas, que, para praticar o esporte de maneira — “séria”, precisavam que ele fosse também sua profissão, sua fonte de renda (MAGALHÃES, 2010b, p.18).

A luta pela democratização do futebol seguiu um percurso de dificuldades, mas não deixou de lado a valorização pelo esporte que ajudaria as classes menos expressivas a ascender nessa modalidade, buscando seu espaço na sociedade brasileira. No entanto, inegável que as atitudes racistas, bem como o método estabelecido por parte dos representantes do esporte futebolístico, enfatizam e contribuem para a segregação entre negros e brancos, deixando espaços para a continuação das ações racistas dentro dos estádios de futebol e na sociedade:

Em São Paulo, foi o Sport Clube Corinthians Paulista que começou de forma definitiva a democratização do futebol. Por enquanto, cabe destacar que ele foi fundado em 1910 por moradores do bairro do Bom Retiro, de perfil imigrante e operário. O objetivo era formar um clube para as massas, com negros e brancos, imigrantes e operários, o — “clube do povo” (MAGALHÃES, 2010b, p.19).

As indústrias usaram o futebol como forma de crescimento econômico nos mercados, devido às viagens que os clubes faziam, visto que isso ajudava nas suas divulgações. Nesse sentido, Antunes (1994), por meio desta ponderação: “era usado como mecanismo de diversão e disciplina para os trabalhadores, bem como veículo publicitário importante na divulgação da imagem e prestígio das empresas” (ANTUNES, 1994, p. 106-107), faz clara referência aos times de futebol das fábricas.

É notório que as elites queriam o futebol apenas como lucratividades, não tendo nenhum outro objetivo em relação ao esporte. No Rio de Janeiro, essa atividade passou pelo mesmo processo, apresentando formas de não incluírem os negros ao esporte; em São Paulo, devido à presença das elites nos clubes de futebol, a situação foi semelhante, se comparada com a primeira cidade já mencionada. Naquele momento, as lutas para evitar a inserção das classes subalternizadas no futebol, bem como atos de racismo, já existiam nas duas cidades:

O caminho seria longo até a democratização e a inserção de jogadores negros no futebol, pois, durante muito tempo, foi proibido aos times incluí-los em seu plantel. Algumas histórias ficaram famosas, como o caso de Carlos Alberto, jogador do elitista Fluminense, do Rio de Janeiro, que passava pó de arroz no rosto para disfarçar sua cor, fato que acabou se transformando em símbolo do próprio time carioca. Mas, sem dúvida, o principal destaque é o caso do também carioca Clube de Regatas Vasco da Gama, que revolucionou o futebol nacional (MAGALHÃES, 2010b, p.20).

O clube de regatas, Vasco da Gama, teve um papel fundamental na luta contra o racismo e a desigualdade social. Esse clube carioca buscou nas classes inferiores seus jogadores, não se importando com nenhum tipo de racismo que existisse durante as batalhas contra os clubes elitistas. Suas apostas deram certo e o time conseguiu ganhar campeonatos importantes durante momentos de não aceitação de lutas contra as classes.

O Vasco foi fundado em 1898 como um clube de remo e, em 1915, fundiu-se com a Lusitânia. Já em 1904, mostrava sua personalidade progressista ao ter o primeiro presidente negro das agremiações cariocas. Mas o grande impacto viria quase duas décadas depois. Em 1923, pela primeira vez disputando a primeira divisão do campeonato carioca, o clube cruz-maltino foi campeão com um time majoritariamente formado por operários e negros, em sua maioria analfabeta, bem diferente do caso dos seus principais adversários, os elitistas Flamengo e Fluminense (MAGALHÃES, 2010b, p.20).

Durante muito tempo, os organizadores ficaram na indecisão de um futebol para amadores ou para profissionais. As ações passaram a ser disputas nas ligas de futebol em razão da exclusão de clubes que não cumprissem as regras de não inserir mestiços, negros ou indivíduos que fossem de classe marginalizadas, fato é que as duas cidades estavam envolvidas neste processo de exclusão dos menos desfavorecidos.

A fundação da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), em 1924, segundo a versão dominante de jornalistas e acadêmicos, é tomada como o principal indício da mentalidade racista presente no futebol nos anos 20. O Clube de Regatas Vasco da Gama, ao vencer o campeonato de 1923, com um time de negros e mestiços, teria motivado a ruptura no futebol e a criação da AMEA. O objetivo deste estudo é demonstrar que a trama — racista que explica a fundação da AMEA em decorrência da vitória do Vasco, debilita-se, e no máximo torna-se lateral, pela ausência de dados. A fundação da AMEA, a partir de novos levantamentos, é melhor explicada pela tensão entre a manutenção da ética do amadorismo e a rápida popularização do futebol nos anos 10 e 20 do século XX, e pela dinâmica das instituições esportivas (SOARES, 1998, p.119).

Nesse sentido, evidentemente, que todo o esforço feito pelas ligas de futebol deixa claro que o sujeito negro e pobre não teve seu espaço nos campeonatos futebolísticos, uma vez que, no futebol, só houve lugar para a elite branca. No entanto, depois que o clube Regatas Vasco da Gama, ao participar do campeonato com atletas negros, quebrou a ideia de futebol só para brancos, conquistando o campeonato, essa ideologia começou a se modificar. Nesse cenário, Mario Filho destaca que esta ideia de exclusão das classes e dos negros se enfraquecia:

O caminho da superação das barreiras sociais e raciais para a prática do futebol aberto pela ascensão do Vasco em 1923 e seguindo pelo São Cristóvão em 1926 e o Bangu em 1933 foi coroado pela implantação generalizada do profissionalismo na década de 30. Este abriu definitivamente as portas dos grandes clubes brasileiros para jogadores profissionais negros, mulatos e de origem humilde (embora alguns, como o Fluminense, continuassem a fazer questão de evitar o convívio dos atletas profissionais - definidos como empregados do clube – com o seu quadro social). Na sequência da sua adoção do profissionalismo, a contratação dos maiores ídolos negros do futebol brasileiro- Leônidas da Silva, Domingos da Guia e Fausto dos Santos - pelo Flamengo, em 1936, foi decisiva para a conquista de uma grande legião de adeptos para o clube em todo o país, superando as barreiras sociais e raciais que haviam marcado a sua história inicial (MÁRIO FILHO, 2003, p.13).

O Bangu passa a fazer mudanças, diferenciando-se dos clubes grandes, pois usava os operários como jogadores e não fazia separação, apenas queria que seus atletas pudessem apresentar um bom futebol aos seus adeptos.

O que distinguia o Bangu do Botafogo, do Fluminense, era o operário. O Bangu, clube de fábrica, botava operários no time em pé de igualdade com os mestres ingleses. O Botafogo e o Fluminense, não, nem brincando, só gente fina. Foi a primeira distinção que se fez, entre clubes grande e pequeno, um, o clube dos grandes, o outro, o clube dos pequenos (MÁRIO FILHO, 2003, p.43).

O esporte foi tornando-se algo popular não somente para as elites, visto que passou a ser conhecido também nas classes inferiores, de maneira que os negros, mestiços e trabalhadores iam ganhando seu espaço dentro dos clubes, aumentando seus admiradores. As torcidas, que eram compostas de poucos homens, tornavam-se maiores com a evolução do esporte, já que a presença feminina era constante.

Os jogadores levavam, quase sempre, para o campo, uma lembrança de uma moça que estava na arquibancada. Via-se um jogador de carapuça, já se sabia, se desconfiava. Por isso, os jogadores faziam tanta questão de se enfeitar. Com uma carapuça de tricô, uma faixa de cetim. Jogador sem carapuça, sem faixas, era jogador sem namorada. Ou sem irmã. Porque as irmãs não queriam que os irmãos fizessem feio. Substituíam as namoradas. Moderno os lencinhos rendados, dando gritinhos, batendo com os pés. Torciam pelos irmãos, pelos primos, pelos namorados (MÁRIO FILHO, 2003, p. 45).

A modalidade esportiva daquele momento era o remo, um esporte aquático que reunia muitos expectadores durante suas competições. Havia clubes que abarcavam esse esporte, como o Flamengo, por exemplo. Assim, antes de se tornar um clube de futebol, o Flamengo tinha apenas atletas na modalidade de remo, no entanto, em razão do convite de outros clubes, tais como Fluminense, passou a ter outra modalidade, neste caso, o futebol. Naquele instante, era uma segunda opção, já que as competições de remo na capital eram a modalidade que mais se destacava na sociedade. Assim, o remo era o esporte que mais reunia espectadores, enquanto o futebol ficava de lado. Para Mário Filho:

Como o futebol podia competir com o remo? Os clubes de remo não precisavam se preocupar com as matches de futebol. Os clubes de futebol, sim, é que precisavam se preocupar com as regatas. Tratando de saber, com antecedência, as datas das regatas. Para dar férias às suas torcidas, aos seus times (MÁRIO FILHO, 2003, p.48).

Assim, em relação a participar dos campeonatos, o Flamengo, durante um período, ficou indeciso na questão de mudar de ideia, visto que já havia um tradicionalismo no remo em várias participações. Portanto, não foi fácil convencer seus sócios e dirigentes para que participassem de outra modalidade. Entretanto, esse novo esporte estava em ascensão. Houve imposição de

uma série de leis por parte das autoridades que representavam o Flamengo, como o uniforme do futebol, por exemplo, que deveria ser diferente do remo. Assim, com várias mudanças de uniforme, em razão dos apelidos que os torcedores rivais colocavam, iam acontecendo as modificações. Diante disso, já que o Flamengo se via como dois clubes: esporte aquático (remo) e o futebol, era necessário ter uniformes diferentes uns dos outros. Desse modo, quando se pensou que iria permanecer um uniforme, ocorreu um grande problema, o qual mudaria a história do clube, o momento histórico influenciou as mudanças do uniforme e dos associados do clube.

Mas veio a guerra, a Grande Guerra, submarinos alemães afundariam navios brasileiros, o povo foi para as ruas caçar alemão, para não ficar frenético, com vontade de ver sangue. Foi quando se descobriu uma semelhança entre a camisa de futebol do Flamengo e a bandeira alemã. A bandeira alemã, vermelha, preta e branca. Justamente as cores da camisa “cobra coral”. A listra branca, colocada entre o vermelho e o preto, para distinguir o remo do futebol, atrapalhara tudo. Por causa dela, o Flamengo foi olhado com desconfiança. E o Flamengo tinha alemães, sócios alemães, que gostavam de sair de manhã cedo com um barco, que gostavam de remar. Botou-se para fora tudo quanto era sócio alemão. E tirou-se, da camisa do time de futebol, o friso branco que separava o vermelho do preto (MÁRIO FILHO, 2003, p.55).

Com todos esses acontecimentos, o Flamengo passou a ser visto como apenas um único clube e até mesmo seus uniformes passaram a ser iguais. Assim, o futebol do Flamengo chegou a ganhar títulos, enquanto o remo conseguiu apenas um título. Pode-se dizer que, naquele momento, o futebol do clube já despontava. Nas análises feitas por Mário Filho (2003), foi possível perceber o crescimento do futebol até mesmo no clube do Flamengo, que, depois de ganhar títulos nesse esporte, passou a ter uma nova visão sobre ele. Neste caso, que o esporte futebolístico deveria ser sua principal modalidade, uma vez que, durante tempos, antes do futebol aparecer, o remo havia conquistado apenas um título, e com o futebol, o Flamengo conseguiu conquistar dois. O autor evidencia o avanço que teve o futebol em virtude de sua popularização. Nas ruas, nos bairros e nos terrenos baldios, era possível encontrar crianças jogando peladas, assim, foi naquele instante que teve início a popularização do esporte futebolístico. O remo, esporte tradicional no Rio de Janeiro, perdia seu espaço para o futebol. A regata não atrapalhava mais a nova modalidade esportiva. Ainda de acordo com o autor, muitas moças preferindo ver um match²¹ a uma regata. Os clubes, por isso, não precisavam mais saber com antecedência quando ia haver uma regata, para transferir um jogo (MÁRIO FILHO, 2003, p.58).

²¹ Match: palavra de origem inglesa e que significa partida, jogo. Usada pelo autor Mário Filho (2003) na obra —o negro no futebol.

Aquela ideia de futebol só para brancos foi perdendo forças nas classes elitistas, certamente que havia exceções de alguns dentro dos clubes, bem como por parte das torcidas. Deste modo, alguns clubes já contavam com negros e mestiços em seus times. Assim, quando eles passaram a ganhar destaque no esporte, a sociedade, aos poucos, foi perdendo suas restrições, percebendo que indivíduos de cor diferente ajudavam seus clubes a ganhar partidas e até mesmo títulos. Os negros passavam a ter importância para o esporte, no entanto, as restrições contra eles permaneciam, tendo em vista que muitos ainda se maquiavam para disfarçar a negritude.

A popularidade de Friedenreich se devia, talvez, mais ao fato de ele ser mulato, embora não quisesse ser mulato, do que ele ter marcado o gol da vitória dos brasileiros. O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro (MÁRIO FILHO, 2003, p. 69).

Ao longo das abordagens, foi possível identificar a forma pela qual os indivíduos de cor negra eram vistos pelas camadas sociais elitizadas, estas que sobrepunham e ditavam suas regras em relação ao tipo de raça predominante (branca) à época. Estas elites, absurdamente, praticavam racismo em relação aos atletas negros, havia uma luta para que o negro não estivesse no espaço do branco. A entrada do negro no futebol foi sendo demarcada por várias situações de desprezo, isto é, a não aceitação por muitos dentro da atividade futebolística era incontestável. Portanto, no início deste esporte não houve participação dos negros, visto que o racismo já era explícito no futebol, uma vez que a população, de um modo geral, rejeitava a presença deles, inclusive nas arquibancadas. No entanto, em virtude de suas habilidades, a inserção do negro deu-se de maneira lenta e restritiva no futebol.

1.3 O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: HABILIDADES E DILEMAS

Por meio das análises feitas, o autor Kabengele Munanga²² (2012) propõe discutir o racismo em uma concepção de que o segregacionismo das raças só serve para classificar os não brancos de forma pejorativa e negativa. Identifica-se que, no futebol, este estereótipo era determinante para que a imagem do negro fosse estigmatizada. Assim, tornando-se um empecilho para que os negros pudessem participar do futebol, pois grande parte da população branca sustentava uma ideologia de que o sujeito negro não podia estar no mesmo nível dos

²² Kabengele Munanga é um antropólogo e professor brasileiro-congolês. É especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se à questão do racismo na sociedade brasileira. Kabengele é graduado pela Université Officielle du Congo e doutor em Antropologia pela Universidade de São Paulo.

brancos, muito menos praticar atividades ou outras ações no mesmo espaço. Desse modo, os jogadores negros estavam visivelmente separados dos campeonatos de São Paulo e do Rio de Janeiro, tendo em vista que, quando não separavam dos torneios, não avaliavam a ideia de ter um negro no time, situação que reafirma o racismo existente nas classes sociais, que afetaria também o futebol.

Desta maneira, havia organizações de partidas em que só jogariam negros, para tanto, observou-se que o contato entre jogadores negros e brancos dentro de campo era algo intolerável. Nesse cenário, na medida em que os homens negros tentavam adentrar no futebol, logo eram evidenciadas atitudes racistas e de empecilhos impostos pelas classes elitizadas. Entretanto, Mário Filho (2003) aponta que o racismo se agravava divulgando uma idealização de que os negros não conseguiriam praticar o futebol, pois eram considerados inferiores e de pouco conhecimento para compreender as regras do esporte. Enfim, compartilhamos do que diz Frantz Fanon (1968): “a cultura é, de expressão, primeiro de uma nação, suas preferências, seus tabus, seus modelos”.

Mesmo com a não aceitação de jogadores negros por parte da classe elitista, os autores Magalhães (2010b) e Mário Filho (2003) relatam que, quanto mais havia a presença de atletas negros para os jogos, visivelmente, a qualidade era enorme, às vezes, superior a de um branco. Assim, mostravam um futebol de encher os olhos dos torcedores, servindo de motivação aos outros sujeitos negros que gostavam de fazer parte daquela atividade, mas que, em razão do racismo estrutural existente, ficavam impossibilitados, porque alguns clubes não contavam com grande quantitativo de jogadores negros. Por outro lado, Magalhães (2010b) e Mário Filho (2003) identificam que, entre um ou outro jogador negro que já estava fazendo parte de clubes ditos de brancos, apresentava suas habilidades em campo e proporcionava vitórias aos seus times, por alguns instantes, isso fazia com que os atletas e admiradores deixassem a discriminação racial de lado. Assim, eles apenas aplaudiam as jogadas feitas durante a partida de futebol.

O jogador branco tinha de ser, durante bastante tempo, superior ao preto. Quando o preto começou a querer aprender a jogar, o branco já estava formado em futebol. O grande clube sendo uma espécie de universidade. Tudo quanto era professor de futebol ia pra lá. Ingleses, brasileiros que tinham estudado na Europa, todos com seu curso de futebol. Foram eles que trouxeram o futebol para o Brasil, que o passaram adiante, formando clubes. Quem começou antes levando vantagem acentuada. O caso do Fluminense (MÁRIO FILHO, 2003, p.73).

Desse modo, a participação do negro nos espaços povoados pelos brancos torna-se uma contínua luta de superação da ideia de inferioridade, visto que estes complexos taxativos são

produzidos pelos homens brancos, os quais procuraram sustentar discursos com a finalidade de demarcar e deslegitimar o ideário de resistência e de luta do povo negro. Assim, verifica-se que o futebol, em seus primórdios, era considerado um esporte para brancos, tendo em vista que o negro não era aceito de igual para igual, tendo que enfrentar condições adversas. Enquanto os indivíduos brancos podiam ter professores para ensinar a atividade esportiva, os negros não contavam com a mesma oportunidade, além disso, não tinham condições de ter o material esportivo para sua prática, tais como chuteira, bola, rede, entre outros. Os homens negros, para entrar nos times, aprendiam a jogar sem instrução. A ideia era ficar observando de longe os ensinamentos dos professores aos brancos, deste modo, prestavam bastante atenção para que depois pudessem reproduzir o que foi visto.

O jogador preto não podia aprender com o professor. Só jogando no the Bangu, só sendo operário da companhia. Progresso Industrial do Brasil. E assim mesmo um e outro. O the Bangu deixando preto entrar no time, não fazendo questão de cor, raça, mas não exagerando. Assim o preto, quando aprendia, era quase sozinho. As portas dos grandes clubes fechadas para ele. Das academias. A expressão academia, academia de futebol, significando o grande clube, onde se ensinava futebol de fato, nasceu na geral, não na arquibancada (MÁRIO FILHO, 2003, p. 73).

Portanto, o contexto mostra a ideia de que o homem negro não podia fazer parte daquela atividade futebolística. Mesmo assim, o que se observou foi sua resistência contra o racismo estrutural para que pudesse adentrar no esporte. É certo que foram muitas “lutas”, pois viveram tempos de discriminações racistas pelos brancos, durante as partidas de futebol, entre a torcida e jogadores do mesmo clube e, principalmente, de clubes adversários. No entanto, mesmo com toda essa condição, os jogadores negros permaneceram resistindo aos insultos e a qualquer tipo de racismo presente nos campos de futebol, demonstrando suas qualidades e, ainda, resiliência.

1.4 FUTEBOL: AMADORISMO X PROFISSIONALISMO

Dizer que o futebol é um esporte moderno significa remetê-lo a uma construção em um determinado tempo e espaço, elaborada por um grupo mais ou menos definido da sociedade, cujos valores são atribuídos à prática. Assim, quando, em 1863, 11 representantes de clubes e escolas reuniram-se e fundaram a *Football Association*²³, o que caracterizava o futebol era sua constituição como um espaço de sociabilização da elite inglesa imersa em um ambiente de constante modernização e desenvolvimento de uma cultura capitalista burguesa, que veria, em

²³ O *Football Association* foi o modelo de jogo que marcou a passagem para o futebol que praticamos hoje. AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol: uma paixão nacional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 18.

poucas décadas, devido à sua rápida popularização – a profissionalização do futebol como uma de suas marcas. A relação entre burguesia e aristocracia, no período de emergência do futebol como um esporte moderno, coloca questões a respeito do papel dessa prática (por exemplo: Quais os limites entre o futebol da nobreza e o da burguesia? É seguro afirmar que o futebol da nobreza se fundamenta a partir do princípio da distinção social, ao passo que o da burguesia abre possibilidades de participação para a sociedade em geral?), que, apesar de seu grande interesse para um estudo detalhado do esporte, vai muito além do âmbito deste estudo.

De qualquer forma, é uma possibilidade de interpretação que surge depois das análises com base em Mário Filho (2003) e Magalhães (2010b). Assim, destaca-se que, se em um primeiro momento, restrito à aristocracia e à alta burguesia, o futebol assumiu valores de distinção como esporte amador, com o passar dos anos, incorporando os valores burgueses, inicia-se o processo de profissionalização do futebol, primeiramente com o amadorismo, para então instituir legalmente o profissionalismo. Frisa-se que, para uma melhor compreensão a respeito da transição do futebol amador para o profissional, naquele período, podemos dizer que foi um momento decisivo e de extrema relevância sob o ponto de vista econômico e social em um momento de impasses nas tomadas de decisões dos responsáveis pela organização das partidas. Assim, com relação a tais classificações hierárquicas ao esporte, hoje, no Brasil, há ainda esta mesma divisão entre partidas com clubes de jogadores profissionais e atletas amadores.

Por conseguinte, a mercantilização irá alargar as fronteiras do futebol estendendo-o à população. Isso indica, como já apontado em uma das questões acima citadas, que o esporte em geral e o futebol, portanto, assumiram, em um momento inicial, características prezadas pela nobreza, que exaltavam a distinção social. Assim, o esporte foi praticado apenas pela elite, em um esquema de amadorismo. A partir da ascensão da burguesia, o esporte passou a assumir, ao longo do tempo, um caráter mais aberto, vinculado ao sistema de mercado, em que foi constituído como prática profissional. E é nessa direção que segue este estudo, buscando observar a participação dos negros no futebol brasileiro antes e depois de sua profissionalização.

No decorrer das abordagens sobre o futebol e a entrada do negro no esporte, ficaram evidentes as inúmeras resistências entre a elite branca e as populações de classe baixa. Isso porque a classe elitista já trazia a opinião de que a participação de pessoas negras no esporte não seria bem vista, por saber que um sujeito “inferior” estava ali no mesmo espaço que os brancos. Por outro lado, destacam-se outras concepções para a não participação dos homens negros no futebol, porque, uma vez incluídos, teriam que ser tolerados pelos brancos, já que estariam no mesmo “ambiente” dos elitizados e, em alguns momentos, sentados na mesma

mesa, comemorando a vitória depois de um jogo. De acordo Mário Filho (2003), havia temor de que os negros, envolvendo-se com o futebol, poderiam desfalcar a mão de obra nas indústrias, já que não teriam tempo para o trabalho, pois se dedicariam ao esporte e ao clube. Desse modo, quando se ressalta essa preocupação dos brancos, nas disputas, para a não inserção de negros no futebol, faz sentido para os brancos o fato de não deixarem o esporte se tornar uma profissão, e sim apenas um futebol de amadores, assim, realmente não querendo enxergar um negro como um atleta bom e profissional.

Na verdade, essas disputas estavam relacionadas entre si: geralmente os que queriam manter o futebol como esporte típico da elite eram os mesmos que defendiam seu amadorismo, enquanto os que buscavam democratizá-lo também lutavam pela sua profissionalização. É fácil entender essa associação: para os ricos, o futebol não era uma profissão, diferente do que desejavam os indivíduos das classes mais baixas, que, para praticar o esporte de maneira — séria, precisavam que ele fosse também sua profissão, sua fonte de renda. Tais conflitos nada mais eram do que o reflexo de importantes questões sociais e políticas que emergiam no país e que acabariam sepultando a República Velha (MAGALHÃES, 2010b, p.18).

Além da demora na aceitação dos negros no futebol, havia outros tipos de dificuldades. Como já se destacou, o branco tinha professores, campos adequados e todo o material esportivo, os negros estavam de forma inadequada, com uma bola feita de meia, jogavam descalços e o campo para realizar a atividade era a rua. Ainda, o aprendizado era apenas a observação dos ensinamentos que os brancos recebiam. Entretanto, de acordo com Mário Filho (2003), algumas crianças brancas, a caminho da escola, deparavam com outras crianças negras jogando futebol nas ruas. Assim, o autor traz a percepção de que essas crianças, filhas de famílias de boas condições, sentiam vontade de jogar também, mas não podiam, pois era prioridade ir à escola. E outro fator primordial era (e continua sendo) a separação racial existente, em razão das barreiras sociais para o processo de sociabilidade de pessoas negras a ter relação com as brancas, assinalando o racismo estrutural que permanece nos diferentes segmentos da sociedade brasileira. Essa questão reforça sua conjuntura estrutural, que foi vista no passado e que ainda permanece no país. Ainda, através deste contato entre crianças brancas e crianças negras, “os moleques de pé no chão impressionavam os garotos de “boas famílias”, que levavam a notícia de um pretinho que ia ser um grande jogador de futebol. Só vendo o domínio de bola que ele tinha” (MÁRIO FILHO, 2003, p.77).

A profissionalização do futebol brasileiro oficializou a separação entre times que prezavam a manutenção do futebol como um status e espaço elitista e times populares – locais em que negros possuíam maior representação – que vinham cada vez mais potencializando o nível das competições com seus jogadores, passando, literalmente, a viver do futebol. Nesse

sentido, à medida que o processo de profissionalização se tornou mais aparente, principalmente com os famosos pagamentos de bichos²⁴ aos jogadores, passou a existir um tensionamento que pressionava os defensores do futebol amador para que tomassem um posicionamento mais conservador, deixando mais clara a observação desses embates. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro recebeu atenção de muitos estudos, os quais fornecem dados e enriquecem a discussão para pensar acerca do futebol em Campinas.

Neste sentido, foi criada uma nova associação, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)²⁵, formada por outros times grandes do Rio de Janeiro, tais como Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu. Os clubes filiados à AMEA, além de outros critérios, eram fiscalizados quanto à procedência de seus jogadores. No caso, somente amadores eram aceitos, como ocorria anteriormente, mas introduziram fiscalização, ou seja, não era mais possível formar times com jogadores sem emprego ou com empregos subalternos. Esse critério de distinção social dificultou ainda mais a pequena participação do negro no futebol.

De acordo com Soares (1998, p.119-120), em suas análises sobre as narrativas presentes no livro de Mário Filho, “Assim, a fundação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) é apontada pelas narrativas como um dos principais indícios ou prova da mentalidade racista/segregacionista que rondou o futebol carioca na década de 20”. Em outros termos, Mário Filho trata a criação da AMEA como uma manifestação racista de uma elite branca com a pretensão de embranquecer o futebol.

Neste aspecto, conforme Santos (2002, p. 65), “no Rio de Janeiro e em São Paulo, parece ter ocorrido um processo similar. Em 1901, é criada a LPF (Liga Paulista de Futebol) separando os cinco times da elite paulistana dos outros times de várzea”. Com o passar dos anos, alguns times tidos como populares começam a fazer parte dessa liga. Em consequência, alguns desses times da elite (como Clube Atlético Paulistano, Associação Atlética Mackenzie e Associação Atlética da Palmeiras), novamente com a ideia de elitizar o futebol, criam, no início da segunda década, a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), que, segundo Rossi, tinha por objetivo a distinção social. Mais tarde, a APEA sofre o mesmo processo que sua antecessora, e alguns times populares, ao se destacarem no futebol, são integrados à associação, aparecendo desta vez indícios de profissionalização. Novamente, há a iniciativa de segregar o futebol. Em uma cisão, cria-se a LAF (Liga Amadora de Futebol). APEA e LAF coexistem durante pouco tempo. Havia muitas pressões para profissionalizar o futebol; a LAF e seus protagonistas não

²⁴ É um prêmio pago aos jogadores e à comissão técnica dos clubes em caso de vitória, mas também pode ser recebido em caso de empate, a depender do que for combinado entre as partes.

²⁵ A entidade que representava o futebol carioca desde 1905 era a Liga Metropolitana de Futebol.

resistem; o Clube Atlético Paulistano, um dos idealizadores do futebol amador, abandona o futebol, enquanto os outros times da LAF se inserem na APEA. Esta passa a assumir o futebol profissional, que, no ano de 1933, é regulamentado.

No Rio de Janeiro, o time do Vasco da Gama era visto pelos outros clubes como um time pequeno, então, já que havia negros, esse era o lugar para eles estarem, em um clube pequeno, pois lugar de branco era em times grandes como Fluminense, Flamengo e Botafogo. Outras ponderações eram feitas ainda no sentido de definir um clube como grande ou pequeno. Por exemplo, se tivesse um campo bom, ou até mesmo um estádio, entre outros requisitos, já era considerado grande. O Vasco, tendo campo, mas não tão bom quanto o dos outros clubes, era visto como um time pequeno. A partir das vitórias que o Vasco ia conquistando, observava-se a quantidade de torcedores que ia aos campos para assistir aos jogos, pois os jogadores estavam muito entusiasmados fazendo um bonito futebol. Isso ocorria graças aos seus dirigentes que os incentivavam antes das partidas, oferecendo um bicho para os atletas caso vencessem. Tal situação deixa visível o quanto valia uma vitória, bem como a popularização que o futebol estava proporcionando nas sociedades.

Segundo Mário Filho (2003), o Flamengo, em determinada ocasião, enfrentou o clube do Vasco em uma partida na qual este ficou marcado dentro e fora de campo, em razão do Flamengo ter em seu time jogadores brancos, estudantes e “de boa família”, sendo que o Vasco apresentava situação inversa, com atletas negros, trabalhadores e analfabetos. Para a elite ou classe alta, o Vasco já entrava em campo perdendo, pois não tinha as qualidades que eles construíram e consideravam as ideais para ter sucesso em campo. Essa partida deixou marcas no contexto histórico da época devido à vitória do Vasco, pois todos os torcedores ficaram assustados com o fato da vitória de um clube pequeno e sem as características consideradas ideais. Portanto, com essa vitória dentro de campo do clube de Regatas Vasco da Gama, teve início uma nova imagem sobre os negros, mestiços e analfabetos.

A ilusão durou pouco, os clubes finos, de sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganhava campeonato só com time de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão, o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor (MÁRIO FILHO, 2003, p.126).

Mais uma vez, tentou-se colocar em prática a ideia de que o futebol não podia se popularizar, ou seja, tornar-se um futebol profissional. No decorrer dos campeonatos, com o

time do Vasco da Gama demonstrando força ao vencer o Flamengo, quebrando aquela ideia de que somente o esporte com brancos era vencedor, houve outras tentativas de exclusão dos trabalhadores e analfabetos do esporte. Assim, a ideia era chegar às camadas dos negros, pois eles eram trabalhadores e analfabetos por não terem tido a oportunidade de estudar. Entre um e outro time, discutiu-se essa rejeição, essa questão de não deixar a classe trabalhadora, bem como de analfabetos, participar dos campeonatos. Os dirigentes levaram essa ideia aos organizadores, os quais começaram a aderir à causa, e é claro que esses organizadores aceitariam a opinião, pois era maioria e, neste caso, apoiariam a ideia, então, se trabalhassem, seriam cortados. “Se trabalhassem e ganhassem pouco, uma quantia que não bastasse para a vida que eles levavam, seriam cortados. E se trabalhassem, e se ganhassem bastante, ainda teriam de passar pela prova terrível do bê-á-bá”²⁶ (MÁRIO FILHO, 2003, p.131).

A partir das reflexões feitas por Magalhães (2010b) e Mário Filho (2003), entre outros autores, vimos que o futebol tornou-se popular para todas as classes sociais. Para fazer parte de um time de futebol, bastava ser bom em campo. Na medida em que o clube do Vasco manteve a resistência de não abrir mão dos jogadores negros de seu time, os demais clubes e jogadores negros começaram a lutar por seu espaço no esporte. Identifica-se que, juntamente com o clube do Vasco da Gama, o clube do Bangu e o Clube da Ponte Preta participaram de forma “espetacular”, pois foram os primeiros times que lutaram contra o racismo. No entanto, apenas o time do Vasco conseguiu ganhar o primeiro título com jogadores “inadequados” para aquele momento em que o futebol era elitista.

Portanto, em pleno século XXI, ainda há casos de racismo dentro e fora dos gramados, e como já foi mencionado neste trabalho, as autoridades não conseguiram resolver estes crimes. Ainda, alguns jogadores negros não se preocupam com tamanho descaso e tratam essa banalização como algo natural do esporte, dessa forma, reforça-se o imaginário do país da democracia racial, que enaltece a ideologia de que, no Brasil, as raças vivem em harmonia.

Ao longo deste trabalho, foi possível evidenciar a dificuldade para resgatar a história de um grupo marcado por sua origem popular, que está - e continua - à margem da sociedade: os homens e mulheres negros. Neste aspecto, a partir de uma leitura crítica, constatamos na pesquisa, também, o modelo de sociedade (e de homem) que se projetava para aquele momento, visto que o futebol foi um mecanismo importante legitimador desse modelo, carregado de valores da burguesia europeia, os quais foram transferidos para a prática em território brasileiro. No entanto, o futebol se consolidou como um dos espaços de formação e exposição do homem

²⁶ Quando ao longo da obra se usa o bê-á-bá, a intenção é dizer que havia uma necessidade de alfabetizar os jogadores, em especial, os negros, para que pudessem praticar o esporte.

moderno. Nessa configuração, o negro tinha seu lugar. Todavia, era preciso representar o modelo de homem daquela sociedade.

Assim, notamos as mais variadas informações relatadas pelos autores, validando o racismo sofrido no futebol pelos atletas negros que estavam em campo. Por vezes, no intuito de combatê-lo ou de resistir a ele, os praticantes deste esporte conviveram com jogadores e torcedores racistas. Magalhães (2010b) salienta que, diante da recorrência dos insultos vindos das arquibancadas, da indiferença dos colegas de profissão, da conivência dos árbitros, da passividade dos dirigentes do próprio clube e da falta de atitudes e das medidas inócuas tomadas pelas autoridades máximas do esporte, talvez este seja um caminho: fazer do veneno o próprio remédio, utilizando a capacidade de alcançar e mobilizar as massas para transmitir uma mensagem e um modo diferente de lutar contra o racismo.

Desta maneira, se os insultos raciais foram construídos como parte da “cultura do futebol”, eles podem, igualmente, ser desconstruídos. Nesse viés, a pedagogia cultural no futebol, com base em Kellner (2006), pode ocupar, nesse tocante, também, um papel social importante, na tentativa de dar um basta no racismo e ensinar novos valores. Sendo assim, ao invés da violência racial e da impunidade, ganham destaque o respeito e a igualdade. Isso não retira, absolutamente, a necessidade da denúncia e da punição, seja por se tratar de um crime no Brasil, seja pelo fato da eliminação do racismo ser um compromisso público assumido pelos Estados-membros da ONU. A ação coletiva, nesse sentido, além de mais eficaz, transforma, indubitavelmente, as experiências e escolhas individuais em um discurso e em uma prática comum. Certamente, esse é o passo adiante a ser dado pelos futebolistas negros em geral, não apenas os brasileiros, no intuito de se unirem, aprofundarem a discussão, traçarem objetivos coletivos e conclamarem a opinião pública, bem como as instituições competentes, na luta antirracista a fim de propor e exigir novas medidas e maneiras de enfrentamento.

2 O RACISMO NO FUTEBOL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA IMPRENSA NEGRA PAULISTANA

“Se você não for cuidadoso, os jornais farão você odiar as pessoas que estão sendo oprimidas e amar as pessoas que estão oprimindo.”
Malcolm X.

Ao escolher os jornais como fonte desta pesquisa, partimos da premissa de que os periódicos são documentos riquíssimos e podem servir como análises a diferentes estudos. Assim, por meio deles, podemos identificar a divulgação de opiniões e percepções políticas, socioculturais e religiosas, sejam elas individuais, sejam elas coletivas. Por outro lado, visualizamos nestes materiais impressos um modelo educativo a partir da percepção que Brandão (1995) compreende do que é educação. Neste sentido, compactuamos com as ideias do autor, pois existem outras maneiras de fazer educação, e este veículo de comunicação tem corroborado no dia a dia por meio das divulgações de matérias, atividades, comemorações, entre outras formas de dar visibilidade aos grupos negros, que, de certa maneira, foram e continuam sendo marginalizados na sociedade. Por fim, informamos que os jornais negros e demais textos produzidos pelos militantes demonstraram que a luta para inserção social no Brasil foi (e continua sendo) árdua, por falta de uma política efetiva de reparação social. Sendo assim, apresentaremos, durante as páginas seguintes, o surgimento dos jornais negros.

Inicialmente, de maneira sucinta, apresentaremos a história dos jornais negros brasileiros, tendo em vista que o primeiro jornal, intitulado *O Homem de Cor*, em sua primeira edição, de 1833, já fomentava com seus dizeres com elevado teor político, social, econômico e cultural. Desse modo, assim constituía a formação do primeiro embrião que viria com a passagem do século XIX para o XX se tornar a chamada *Imprensa Negra* a fim de denunciar o racismo e a luta pela plena cidadania do negro no Brasil. Frise-se que, desde o século XIX, os primeiros periódicos negros cumprem esse papel, pois, desde a ata dos tempos da escravatura, permeou-se o texto negro pela emancipação dos povos escravizados.

Também, faremos menção ao contexto histórico da formação destes jornais desde seus primórdios, pois entendemos que trará maior clareza aos leitores, dinamizando os objetivos ora estabelecidos neste processo de investigação e de análises das fontes. No entanto, verificamos nos primeiros jornais negros e, logo em seguida, na formação da *Imprensa Negra Paulista*, o racismo sofrido pelo negro no futebol brasileiro, desde o surgimento dos primeiros times compostos por negros, que foram noticiados na mídia impressa (jornal).

A partir dos estudos de Ana Flavia Pinto Magalhães (2010a), observa-se que a formação dos primeiros jornais negros no Brasil do século XIX nasce como uma das fórmulas para a construção da identidade racial, “tais movimentos surgiram como consequência do modelo tradicional, patrimonial, discriminatório e excludente, que se assentou no convívio entrebrancos e negros na cidade de São Paulo”. Fato é que esta condição de exclusão social foi favorável à criação de determinadas formas de sociabilidade e junção da comunidade negra. Nesta proposição, a fundação de clubes dançantes, grêmios recreativos e jornais são exemplos que foram expostos nos jornais negros, com a finalidade de tratar dos assuntos referentes ao negro, mas que não eram vistos nos outros jornais da grande imprensa.

O histórico de subalternização do povo negro está diretamente atrelado ao período escravocrata, em que se institucionalizou, na sociedade brasileira, a concepção de que os povos africanos e seus descendentes não eram dignos dos direitos básicos de um ser humano e, por essa razão, até a liberdade lhes foi negada. Nesse período, Moura (2014) aponta, ainda, que um(a) homem/mulher negro(a) ao conseguir a sua liberdade formal, ele continuaria sendo apontado na sociedade como um ser de segunda classe, em muitos casos, sem ter direito ao trabalho formal. E foi nessa realidade escravocrata que negros libertos produziram os primeiros periódicos da imprensa negra brasileira.

Ademais, ressalta-se que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão e, com isso, os jornais negros brasileiros coexistiram com o sistema escravocrata, como o jornal *O Homem de Cor*, por exemplo. Este, localizado no Estado do Rio de Janeiro, expandiu para outras regiões do Brasil, como foi o caso do periódico “O Homem: Realidade Constitucional”, criado em 1876, em Recife, bem como afirmou Magalhães (2010a). Por outro lado, em razão das condições precárias da população negra liberta, esses periódicos negros tiveram um número limitado de publicações. No entanto, conseguiram apresentar um conteúdo de reivindicação negra:

O noticiado nos pasquins negros conquistou repercussão, extrapolando, assim, os limites que a pessoa hipotética dos redatores poderia determinar. O enigma fica, portanto, esvaziado diante da amplitude da mensagem emitida. À luz da debilidade dos registros que tentaram asseverar os responsáveis pela escrita daquelas folhas, opto por solucionar essa peleja apostando na veracidade e legitimidade do narrador construído, na persona negra que revela as demandas dos segmentos negros livres e liberto da Corte nos anos de 1830. Em vez de continuar adentrando no terreno movediço das especulações, é preferível tomar outro caminho e deslindar os fatos e as questões suscitadas nos pasquins e em seu contexto (MAGALHÃES, 2010a, p 66).

Nesta direção, bem como salienta Roger Bastide (1973), estes jornais negros paulistas, já no início do século XX, entre as décadas de 1920 e 1930, utilizavam recursos argumentativos

e características peculiares para que fossem um dos símbolos de lutas e resistência daquele momento. Sendo assim, Bastide descreve:

Em primeiro lugar, raramente é uma imprensa de informação: o negro letrado lê o jornal dos brancos, é uma imprensa que só trata de questões raciais e sociais, que só se interessa pela divulgação de fatos relativos à classe da gente de cor, (...) Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando valores negros, fazendo a apologia dos grandes atletas, músicos, estrelas de cinema de cor. É, pois, um órgão de educação. Em segundo lugar, é a importância dada à vida social, às festas, aos bailes, as recepções, aos nascimentos, casamentos e mortes – a exigência sociológica de mostrar seu status social e sua honorabilidade (BASTIDE, 1973, p.130).

Nesta perspectiva, conforme Bastide (1973), nota-se que estes jornais negros permitiram um arsenal de fatos. Assim, cabe destacar, de maneira específica, o conhecimento dado a uma rede de solidariedade negra, que legitima a conservação de garantias individuais e a construção de uma voz coletiva, que estejam diretamente ligadas ao fortalecimento do grupo sociorracial. Dessa maneira, algumas polêmicas criadas à época, sobretudo acontecimentos de uma política imperial, indicavam como um espaço primordial para a identificação e publicização de ideias iluministas e liberais na chamada democracia, que, possivelmente, estaria a serviço da luta pela igualdade de todos os cidadãos, independentemente da cor da pele ou de qualquer outra diferença fenotípica, em solo brasileiro.

Portanto, o excerto a seguir demonstra um pouco das diversas matérias que os jornais negros noticiavam no último quartel do século XIX.

Imagem 1 - Cabeçalho do pasquim O Homem de Côr, n.2



Fonte: Biblioteca Nacional (2021)²⁷

No fragmento acima, observa-se que, em um sábado do ano de 1833, aproximadamente dois anos após abdicação de D. Pedro I (o Sete de Abril), criou-se a Guarda Nacional, na época chamada de “Milícia Cidadã”. Segundo Jeanne Berrance de Castro (1979), “os guardas nacionais, durante todo o período em tela, estiveram desempenhando um papel marcadamente policial nas vilas e cidades do então emergente império brasileiro”. Neste sentido, a autora enfatiza:

Foi graças, sobretudo, ao serviço de policiamento desenvolvido pela Guarda Nacional que as elites dirigentes conseguiram “manter em calma as cidades e vilas nos tormentosos tempos da Regência, justamente quando mais necessárias se faziam tais diligências (CASTRO, 1979, p. 40).

Nesta esteira, identifica-se que o cenário era de intensa agitação em torno da democracia moderna que marca o período regencial. Assim, concebemos que, a partir dos trechos do jornal, há uma possível sinalização do surgimento de uma reafirmação prematura da cidadania brasileira, haja vista que o primeiro jornal da imprensa negra, no Brasil, o pasquim *O Homem de Côr*, nasce da tipografia de Francisco Paula Brito, na capital do Império, em 14 de setembro, colocando em xeque as efetivas condições de realização dessas promessas nas páginas deste jornal. Diante disso, Magalhães destaca que,

O pasquim *O Homem de cor*, criado em 14 de setembro, na tipografia de Francisco de Paula Brito, um negro livre do Rio de Janeiro, que já trabalhava com impressão de jornais é considerado um dos pioneiros na luta contra a escravidão e o preconceito racial no Brasil. Com poucas edições, a existência desse pasquim ajuda a reforçar a ideia defendida pela negritude em relação à participação do negro na formação da sociedade brasileira: “ocuparam espaços decisivos para a expressão de suas opiniões sobre a sociedade que viviam, estabeleceram alianças, romperam outras, enfrentaram dúvidas e, em alguma medida, tiveram sucesso em suas empreitadas” (MAGALHÃES, 2010a, p. 31).

No entanto, ao analisar o contexto histórico descrito pelos jornais negros, antes e depois da abolição da escravatura, em que a comunidade negra foi sendo “tolerada” de maneira gradativa

²⁷ Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2018/08/O-Homem-de-Cor.jpg>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

na sociedade brasileira, é evidente que a naturalização do racismo era algo comumente aceito pelas autoridades da época e, ainda, que somente reivindicando seus posicionamentos poderiam ser integrados aos direitos de cidadania. Em síntese, conforme Ellen Meiksins Wood (2011) explica, a peculiaridade do “racismo moderno” opera de maneira sistemática para consolidação e fortalecimento com o colonialismo:

O racismo moderno é diferente, uma concepção mais viciosamente sistemática de inferioridade intrínseca e natural, que surgiu no final do século XVII ou início do século XVIII, e culminou no século XIX, quando adquiriu o reforço pseudocientífico de teorias biológicas de raça, e continuou a servir como apoio ideológico para opressão colonial mesmo depois da abolição da escravidão (WOOD, 2011, p.240).

Portanto, ao prosseguir nossas análises do fragmento apresentado, observa-se que, no cabeçalho, o qual foi reproduzido nos cinco números do jornal, de setembro a novembro de 1833, há um esboço de apresentação, sobretudo acerca de um debate que ocorre ainda nos dias de hoje: no lado esquerdo, a transcrição do parágrafo 14 do artigo 179, da Constituição de 1824, que profere: “Todo o Cidadão pode ser admitido aos cargos públicos civis, políticos e militares, sem outra diferença que não seja a de seus talentos e virtudes”; no direito, uma reprodução do trecho de um ofício do Presidente da Província de Pernambuco, datado em 12 de junho de 1833:

O Povo do Brasil é composto de Classes heterogêneas, e debalde as Leis intentem misturá-las, ou confundi-las alguma há de procurara, e tender a separar-se das outras, e eis um motivo a mais para a eleição recair nas classes mais numerosas (HOMEM DE CÔR, n. 1, p.1).²⁸

Partindo desse pressuposto, Ana Flávia Magalhães Pinto²⁹ afirma que *Francisco de Paula Brito* (1809-1861) foi editor, jornalista, escritor, poeta, dramaturgo, tradutor e letrista, sendo ele um dos principais líderes em relação à formação dos jornais negros, tendo como propósito inserir a questão racial no debate político fazendo uso das matérias dos jornais. Assim, aproximadamente em 14 de setembro de 1833, publica-se o primeiro impresso jornalístico respectivo ao negro, o qual foi intitulado *O Homem de Cor*. Para tanto, segundo a autora, esse periódico teve 5 números circulando entre os meses de setembro e novembro do mesmo ano.

Neste aspecto, ancorados em De Luca (2008) e Magalhães (2010a), identifica-se que o veículo aqui denominado como Imprensa é fundamental para a construção das narrativas do cotidiano de uma sociedade. Consequentemente, sendo ela o principal meio para conhecermos o mundo com a possibilidade de que as informações cheguem de maneira mais rápida e com

²⁸ BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em:

<<https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2018/08/O-Homem-de-Cor.jpg>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

²⁹ MAGALHÃES, Ana Flavia Pinto. Imprensa Negra no Brasil do século XIX. Selo Negro, 2010.

qualidade. A imprensa em sua conjuntura está interligada com os diferentes campos, entre eles: políticos, religiosos, sociais, educacionais etc. Outrossim, nota-se que a imprensa é um exímio potencializador para causas, acontecimentos, tragédias, interatividade, esporte, enfim, uma enorme gama de exposição de conteúdo para diversos adeptos.

Ademais, desde os anos 1833, quando, com grande maestria, idealizou-se um jornal que proporcionasse e potencializasse a comunidade negra, indubitavelmente, a partir dessa data, por inúmeras vezes, surgiram periódicos, revistas e jornais, ligados ou não, a movimentos políticos e com variadas vertentes de pensamento, dando destaque aos assuntos concernentes à história de luta e resistência da população negra no Brasil.

Diante disso, não poderíamos deixar de lado alguns dos que contribuíram com esses jornais: intelectuais, militantes e escritores negros conhecidos, tais como *Antônio Pereira Rebouças*, *Manoel Querino*, *José Correia Leite*, *Abdias Nascimento* e *Gustavo Lacerda*, sendo este último fundador da Associação Brasileira de Imprensa, a centenária (ABI). Neste caso, fato relevante que poucos conhecem. A imprensa brasileira muito deve aos jornalistas negros, entre os quais figuram nomes consagrados como *José do Patrocínio*, *Luiz Gama* e *Machado de Assis*. Todavia, percebe-se que os periódicos negros embrionários do século XIX, que preconizam a Imprensa Negra do século XX, resistiram e utilizaram-se de estratégias organizacionais relativas às questões de esfera pública. Certamente, quando surgiu a discussão abolicionista, tais atitudes/ações são convertidas em um grande movimento de massas da sociedade brasileira. Para aquele grupo, sendo a maioria ex-escravos e alguns intelectuais negros, teve-se, de forma obstinada, a publicação da escrita nos jornais, bem como a demonstração da importância dessa ferramenta para apelos de ordens moralistas, prestações de serviços. Também, a divulgação de acontecimentos principais da comunidade negra e, conseqüentemente, a possibilidade de suscitar reflexões culturais e políticas.

Além disso, os grupos considerados invisibilizados da sociedade não se calaram e continuaram com a mesma finalidade durante o século XX. Sendo assim, tais camadas se unificaram e se articularam para combater as várias práticas de racismo que se arrastaram desde o período colonial no Brasil, embora saibamos que, em cada período, os mecanismos de poder e resiliência foram organizados e pensados dentro do que era possível para época. Entretanto, a ideia não é tratar sobre períodos da história de maneira reducionista, mas, sim, historicizá-los, ou seja, todos os fatos e acontecimentos para que possamos compreender as diferentes formas pelas quais o negro buscou sua liberdade e a construção identitária de seu grupo. Dessa forma, esses grupos precisaram planejar novas atividades que possibilitassem o fortalecimento da luta antirracista, visto que, ainda nos dias de hoje, constata-se o racismo estrutural e naturalizado.

Nesse viés, temos visto algumas mídias que, de certa maneira, atraem seus adeptos, alguns abraçam a causa e outros continuam com o racismo enraizado, olhando o seu semelhante como sujeito inferior. Por conseguinte, vale ressaltar que há sites e outras mídias eletrônicas que tentam potencializar a comunidade negra, dando destaque à sua cultura ancestral. Desse modo, para elucidar nossa investigação, a seguir, apresentaremos outro jornal da imprensa negra que potencializou e trouxe uma melhor visibilidade aos negros. Assim, *O Clarim d'Alvorada* exibiu em suas páginas a trajetória daquele grupo invisibilizado pela grande imprensa de São Paulo.

Imagem 2 - Jornal “O Clarim da Alvorada”, de 1920



Fonte: Fundação Palmares (2021) ³⁰

Na imagem acima, visualizamos os pioneiros na Fundação do jornal *O Clarim d'Alvorada*, nesta tela, os jovens militantes, *Jayme de Aguiar* e *José Correia Leite*, são retratados no momento em que o jornal era editado na cidade de São Paulo e logo em seguida iria circular por várias cidades do Brasil. Para tanto, de acordo com Leite (IMPRENSA NEGRA PAULISTA, 1940), “a publicação foi apresentada em diversos formatos, uma mudança drástica na linha editorial transformou o jornal em um elemento fundamental na construção de uma consciência política e social da comunidade negra”.

³⁰ Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=52932>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Imagem 3 - Jornal “O Clarim da Alvorada”, de 1920



Fonte: Fundação Palmares (2021)³¹

Mediante observações e conforme Ferrara (1973), o jornal circulou com o nome de *O clarim* até a 4ª edição. A partir da 5ª, lançada em 13 de maio de 1924, foi adicionado ao seu título, em letras menores, a expressão *da Alvorada*. Consolidando, assim, o nome: *O Clarim da Alvorada*. A autora descreve que a primeira fase³² do jornal, que vai da fundação até outubro de 1927, teve 36 edições publicadas. Nestas primeiras edições, eram escritos artigos com foco na abolição da escravatura, lutas, acontecimentos, bem como os desdobramentos referentes à população negra.

Ademais, Ferrara (1973) salienta que, no início de 1928, o jornal viveu sua segunda fase³³, que consistiu em apresentar uma identidade política forte voltada para a “questão racial” e o título em destaque no fragmento acima propõe a mobilização dos grupos negros para conquistar a cidadania plena. No entanto, ao verificar os exemplares do *Clarim*, percebe-se que seu redator e um dos principais idealizadores, chamado José Correia Leite, determinou inúmeras mudanças em variados aspectos ao jornal: diagramação e cabeçalho. Por fim, a autora ressalta que, até o ano de 1933, o jornal conseguiu publicar aproximadamente cerca de 26 edições, entretanto, no mesmo ano, foi suprimido.

Dessa maneira, ao averiguar o depoimento de José Correia Leite, sobretudo nessa última fase do Jornal, destacamos:

Depois de um longo silêncio, o porta-voz que marcou uma época nas indagações históricas, nas afirmações dos direitos e em todos os anseios de conquistas dos homens negros, surge, hoje, uma edição do “Clarim da Alvorada”. Isto prova que das cinzas

³¹ Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=52932>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

³² Primeira: 1924 - ano I n.º 1 ao 8; 1925 - ano II n.º 12 ao 17; ano III n.º 18 ao 27; 1927 - ano IV n.º 28, 30 ao 31 e 33 ao 36.

³³ A segunda de 05/02/28 até... 1933, ano 1 n.º 1 ao 3, 5 ao 7 e 9; em 1929 eles retomaram no ano IV respeitando a numeração da primeira fase. Assim, ano V n.º 12, 13 e 16 ao 22; 1930 - ano VI n.º 23 e ano VII n.º 25, 26, 29 e 30 (25/01/30 a 28/09/30) 1931 - ano VIII n.º 34,36,38 (26/07/31 a 28/09/31 e 20/12/31) 1932 - ano IX n.º 39,41 (31/01/32 a 13/05/32).

de velhos ideais, ainda brilham as pequenas brasas da esperança (O CLARIM DA ALVORADA, 28 de setembro de 1940, p.1).³⁴

Naquele momento, Ferrara (1973) destaca que os jornais eram o meio de comunicação mais difundido. Assim, a autora sustenta a ideia de que, no mesmo período, poucos se colocavam para refletir sobre as questões da população negra, portanto, justificamos a importância de que os jornais da imprensa negra, ao circularem pelas cidades, cumpriram com o processo de estimulação para com a comunidade negra, bem como com a luta contra as diversas formas de opressão, direcionando as reivindicações para o estabelecimento de sua inserção social. Contudo, no decorrer dos anos, a imprensa negra, além de contribuir para a difusão do conhecimento, corroborava com as denúncias dos primeiros casos de racismo, mesmo naquele período, que o racismo operava de tal maneira que Lilia Moritz Schwarcz (1993) chamou de “racismo camuflado”. Em síntese, *O Clarim d’Alvorada* trouxe a questão da militância política e procurava sempre estar a par de tudo que acontecia no meio da população negra, assuntos eram debatidos através dos escritos do jornal, promovendo, assim, uma afirmação social da população.

Nesta conjuntura, Ferrara (1973) sinaliza para outro depoimento que reverbera a importância desta imprensa alternativa:

A comunidade negra tinha necessidade dessa imprensa alternativa. Não se tinha outro meio a não ser copiar o que as colônias estrangeiras faziam. O negro, de certa forma, era também minoria como os italianos, os alemães, os espanhóis. E todos eles tinham jornais e sociedades. As publicações negras davam aquelas informações que não se obtinham em outra parte (LEITE; CUTI, 1992, p.33).

Conforme podemos observar no depoimento de Correia Leite (LEITE; CUTI, 1992), as engrenagens que moviam as estruturas daquele jornal negro foram de alguns jovens militantes negros, que escreviam, imprimiam e divulgavam os acontecimentos que circundavam a população negra, também, apresentavam os aspectos do modo de vida daquela comunidade. A situação apresentada traz à tona que essa postura criada pelos negros, para romper as barreiras preestabelecidas, passa a exibir por meio da imprensa negra uma outra realidade histórica dos grupos marginalizados na grande imprensa da época. Contudo, nosso interesse é conhecer o sujeito responsável por escrever, imprimir e fazer circular aquelas ideias de como os grupos de jogadores negros de futebol eram descritos nos periódicos.

³⁴ IMPRENSA NEGRA PAULISTA. *O Clarim d’Alvorada*, 28/09/1940, p.1. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

Desse modo, acreditamos que, possivelmente, das fontes escolhidas para as análises da investigação até o momento da pesquisa, acerca dos estudos sobre imprensa negra, o jornal *O Clarim d' Alvorada* tenha sido o mais importante da época. Nesse contexto, conforme Maria Angélica Motta Maues (1997) e Ferrara (1973), esse jornal teve uma maior veemência, haja vista que *O Clarim* permaneceu durante toda a sua existência abordando, refletindo e denunciando as condições de vida e de exclusão social em que se encontrava a população negra em São Paulo e no restante do país. Todavia, o periódico surge com finalidades mais modestas, pois seus editores, com o passar dos anos, vão desenvolvendo mais acuradamente suas reflexões, incorporando às páginas do periódico temáticas políticas e propondo práticas mais combativas. Assim, observemos a seguinte análise:

Se acompanharmos, por exemplo, as mudanças registradas no próprio subtítulo do jornal 'O Clarim da Alvorada', veremos retratadas, nelas, as transformações que foram ocorrendo na orientação imprimida no jornal, o que dá bem a ideia das mudanças ocorridas no pensamento de seus dirigentes. Logo no início, em 1924, o jornal se apresentava como 'Orgam Literário, Científico e Humorístico'. Pouco depois, em 1927, muda um pouco e passa a ser Orgam Literário, Noticioso e Humorístico'. Logo no ano seguinte, 1928, nota-se uma mudança significativa e o subtítulo do 'Clarim (...)' passa a ser, 'Pelo interesse dos Homens Pretos – Noticioso, Literário e de Combate'. E, em 1931, esta Segunda parte do subtítulo muda para 'Independência – Doutrina – Verdade'. No último número de 1931 (dezembro), o jornal apresenta-se como 'Órgão da Raça Negra' e na propaganda do próprio jornal, que aparece em destaque na primeira página desta mesma edição, lê-se: 'NEGRO, aqui estão as colunas de resistência e da soberania de sua legítima aspiração – apoie o seu órgão para que ele seja a alavanca da evolução negra no convívio social nacional; - Assigne 'O Clarim d' Alvorada, indique-o ao seu amigo, ao seu vizinho, como um dever racial na difusão de todo o NOSSO PENSAMENTO' (MAUES, 1997, p.97).

Com a transição do século XIX para o XX, o Estado de São Paulo tornou-se o principal local em quantidade de jornais negros, assim, algumas transformações acompanham essa transição principalmente nos regimes políticos, econômicos e sociais. Isso aconteceu em razão da rápida urbanização e industrialização da cidade, haja vista que os planos de educação básica, estabelecidos pelos governantes à época, apresentavam um quadro de exclusão do negro dentro da cidade. Assim, com tal realidade estigmatizada, os jornais corroboraram para realizar suas reivindicações de inclusão e cidadania para a população negra. Neste sentido, o professor Flávio Antônio da Silva Nascimento destaca que:

Em São Paulo, este movimento foi mais amplo e profícuo, talvez porque esta cidade era o local em que os negros enfrentassem racismos de formas mais acintosas, violentas e intransigentes, em função de ser ali o maior reduto de imigrantes brancos europeus, que professavam ideologias do trabalho e da ascensão social unilateral e competitiva, a qualquer custo, apresentando, pois, enormes dificuldades em entenderem e compreenderem o processo histórico pelo qual passavam os negros, o

que também criava inúmeras dificuldades para que reconhecessem as especificidades de “classe e raça” porque passava o negro (NASCIMENTO, 2015, p. 228).

Diante dessas informações, percebe-se que esse grupo era inferiorizado por parte de uma elite branca, que detinha também jornais de grande massa, e que olhava para esses jornais negros de maneira estereotipada. Assim, tais ações, no decorrer dos anos, continuaram se agravando, desde aspectos de desemprego, baixos salários e humilhação por parte dos patrões das empresas paulistanas. Além disso, havia os imigrantes, principalmente os europeus, que oprimiam essa categoria com atitudes racistas. Dessa forma, os negros de São Paulo tiveram que se organizar, ou melhor, se readaptar com a conjuntura do estado para que não definhassem dentro de seu próprio país.

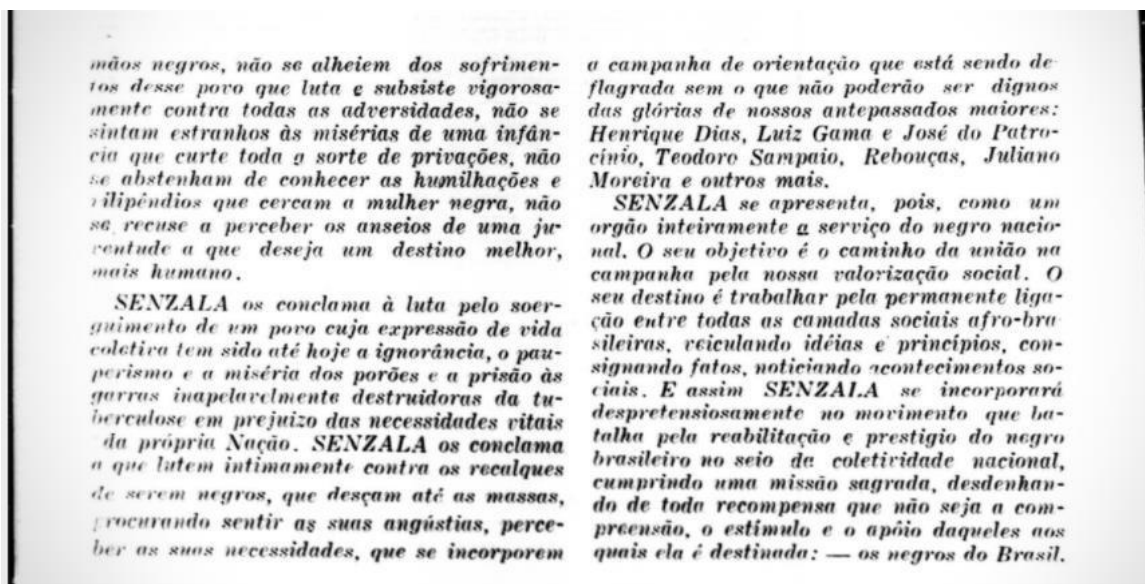
Entretanto, as comunidades negras de São Paulo, no início do século XX, reorganizaram suas estruturas para a continuidade de seus propósitos, realizando atividades grupais, intergrupais e recreativas, tais como piqueniques, festas, jogos, competições, etc. A partir dessa realidade, deportaram-se as primeiras associações ou agremiações a fim de expressar consciência política e, por conseguinte, acirrar a luta com maior latência no combate contra as injustiças nos diversos segmentos. Assim, os jornais se apresentavam como uma via de denúncias.

Sendo assim, vale ressaltar que, entre outras manifestações, a Imprensa Negra Paulista pretendia elevar a formação e conscientizar os negros. Certamente, não foi nada fácil para a comunidade negra permanecer de maneira organizada e dar sequência aos seus ideais na participação política do estado, uma vez que havia muitos analfabetos, desempregados e salários baixíssimos para obter recursos suficientes. Surgia, assim, um jornalismo amador, intermitente, levado adiante com dificuldades, e por gente que não podia exercer dedicação exclusiva. Ainda, os editores que não conseguiam os recursos suficientes acabavam pagando o jornal, na maior parte, com dinheiro do próprio bolso, resultando daí, a ocorrência de inúmeras falhas. Conforme explica Nascimento (2015):

Este tipo de Imprensa popular estendeu-se até meados dos anos de 1960. Em parte destacou-se engajada e, grosso e amplo modo, endereçada aos negros em geral. Conseguiu-se infundir em grande parte dos negros, elevações mínimas de consciência étnica e orgulho próprio. E apesar do pequeno número de tiragens de suas edições, seus assuntos eram debatidos pela comunidade negra, representando indiretamente um dos obstáculos, por exemplo, ao genocídio em andamento, uma vez que esta Imprensa propagava informações úteis, tornando-se assim um pequeno baluarte contra o racismo em andamento contra os negros. Continha desde atividades simples e inocentes, como trocas de confidências, até convites para festas, celebrações de heróis e patronos negros, permeados por apelos à honra, ao caráter, etc. Contemplava também lazer, descontração, formação e envolvimento (NASCIMENTO, 2015, p.229).

Nesse viés, a Imprensa Negra buscava cobrir, mesmo de modo parcial, as atividades da comunidade negra, porém não se incomodava em estampar nas páginas a necessidade de superar as dificuldades que aquela população passava, principalmente em São Paulo. Esses encaminhamentos foram colocados na escrita jornalística com a finalidade de solidarizar e estimular a classe para as lutas em prol da melhoria do grupo. Assim, jornais como Xautner, Getulino, Clarim da Alvorada, Chibata, Senzala, entre outros periódicos, faziam parte do grande acervo com mais de 30 títulos, que se estenderam praticamente por mais de 50 anos. Dessa forma, o excerto na imagem abaixo elucida bem a luta pela emancipação da população negra no Brasil.

Imagem 4 - Jornal Senzala de 1946



Fonte: Imprensa negra paulista (USP) (2021)³⁵

O fragmento acima, retirado do jornal “Senzala”, do ano de 1946, em sua 1ª edição, destaca suas objetividades em relação aos problemas enfrentados pela comunidade negra em razão dos descasos e do forte impacto do racismo estrutural que prevalecia à época. Nesse sentido, nas entrelinhas do periódico, ficaram evidentes inúmeros relatos que detalhavam desde a demonstração de uma infância roubada, provavelmente em razão das privações de um sistema que não contribuiu para o convívio social, bem como alguns casos de humilhações sofridas pelas crianças, jovens e mulheres negras. Por outro lado, a palavra senzala ganha destaque conotativo no decorrer dos parágrafos com o intuito de chamar a atenção dos leitores, tendo em

³⁵ Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/senzala/senzala-011946-2/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

vista uma gama de representatividade e preservação da memória de um passado enraizado e latente na vida dos sujeitos negros e negras do Brasil.

Sendo assim, partindo destas análises, que ao conclamar a luta por uma sociedade com menos desigualdade e com mais justiça social, o jornal *Senzala* potencializa os grupos vulneráveis para uma melhor organização e coletividade da comunidade negra, assim, com aspectos de fortalecimento da causa. No entanto, os escritores negros procuram destacar as cicatrizes de um tempo de escravidão que insiste em permanecer, tendo em vista que usar os periódicos pode ser um instrumento de convocação de homens negros e mulheres negras para a necessidade de mudança, seja dos ideais dos grupos negros, seja para o modelo de inserção social desta população negra no país. Portanto, o sociólogo Clóvis Moura (2003) fomenta que esta organização, denominada “imprensa que tem circulação restrita e penetração limitada à comunidade a que se destina irá exercer uma função social, política e catártica durante a sua trajetória, mudando de conotação ideológica com a passagem do tempo” (MOURA, 2003, p. 242).

Assim, nos parágrafos seguintes do periódico mencionado, observa-se que a intenção de despertar nas comunidades negras gera certo teor de militância. Fica sólido quando, no fragmento, chama-se a atenção para as glórias dos antepassados, demonstrando claramente a necessidade de lutar por políticas públicas de reparação social, ou que ao menos possibilite a condição de sociabilidade da população negra no Brasil. Nesse viés, ao salientar os nomes de Joaquim Nabuco, Luiz Gama e José do Patrocínio, entre outros colaboradores que estiveram envolvidos na luta e resistência contra abolição da escravatura, durante o Brasil Imperial, tem-se uma estratégia para inflamar os grupos por meio da escrita jornalística. Frise-se que, talvez, fosse para sensibilizar, visto que havia a necessidade de se agrupar e de se reestruturar para uma política antirracista e classista.

Neste sentido, como já ressaltamos, a imprensa negra paulistana foi uma imprensa alternativa desde seu surgimento no século XIX e XX, pois teve como princípio pautas que, nos jornais da grande imprensa, não eram noticiadas, uma vez que esses jornais da grande imprensa estavam a serviço do governo da época. Consequentemente, não focaria em assuntos dos negros, como os aspectos socioculturais de seus grupos no dia a dia, por exemplo. Para tanto, essas vozes ecoaram por meio dos periódicos da época, transcritos nas páginas da imprensa negra o modo de vida, lazer, educação, esporte e culinária. Todavia, identificamos no jornal *Senzala* matérias em que, na modalidade esportiva, os negros ganhavam destaque em razão de sua qualidade técnica, isto é, com a bola nos pés. Por conseguinte, a próxima imagem da matéria jornalística revela o quanto os jogadores negros de futebol se destacavam.

Imagem 5 - Jornal Senzala 1946



Fonte: Imprensa negra paulista (USP) (2021)³⁶

Na página de nº 29 do jornal *Senzala*, de 1946, na sua 1ª edição, o esporte futebolístico foi uma das matérias do periódico, que inicia de maneira imediata suas abordagens, desconsiderando os ideais que assolavam a sociedade brasileira no século XX, de que havia inferioridade entre Negros e Brancos. Essa condição, que foi utilizada para estabelecer a segregação entre negros e brancos nos cinco continentes, fez parte do futebol também nos finais do século XIX, quando Charles Miller apresenta o futebol às famílias brancas como um lazer entre seus pares.

Diante disso, ao decodificar nas escritas os posicionamentos de uma política antirracista, mais uma vez, identifica-se que os jornais que compunham a imprensa negra vieram para resistir contra o pensamento colonialista, patriarcalista, que reverberava no país e ditava quais grupos deveriam ser protagonistas para a construção de um perfil da identidade brasileira. Destemodo, ao descrever os dois jogadores de futebol negros, Leônidas e Domingos os autores propositalmente fizeram questão de desconstruir ideias racistas e, ainda, de enaltecer que os jogadores negros eram detentores da modalidade esportiva com enorme talento no país.

Dessa maneira, de forma breve, faremos questão de demonstrar a trajetória de Leônidas e Domingos, jogadores negros talentosos, que marcaram seus nomes na história do esporte futebolístico e, supostamente, no enfrentamento do racismo em campo, durante as partidas de futebol em São Paulo, Rio de Janeiro e outras localidades do país. Para tanto, segundo Heizer:

³⁶ Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/senzala/senzala-011946-2/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Leônidas da Silva, também conhecido apenas como Leônidas, (Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1913 — Cotia, 24 de janeiro de 2004) foi um futebolista e técnico brasileiro. Conhecido também como "Homem-Borracha" ou "Diamante Negro", é considerado um dos mais importantes atacantes do futebol brasileiro na primeira metade do século XX. Ficou notabilizado por popularizar o lance identificado como "bicicleta" no futebol, embora não tenha sido o seu inventor: foi por muito tempo creditado erroneamente por historiadores e jornalistas esportivos brasileiros, mas ele próprio admitiu antes de morrer que já se fazia o movimento, cuja primeira execução deu-se em 1914, pelo jogador espanhol naturalizado chileno, Ramón Unzaga, e que ainda hoje é conhecido em países de língua espanhola como "chilena". Começou a jogar ainda muito novo pelo São Cristóvão, clube do seu bairro. Na década de 1930, profissionalizou-se pelo Bonsucesso e teve passagens de destaque pelo Vasco da Gama, Botafogo e Flamengo, nos 3 times conquistou títulos cariocas. Defendeu ainda o São Paulo, onde seria campeão paulista em cinco ocasiões. Pela Seleção Brasileira de Futebol, atuou nas Copas de 1934 e 1938, tendo marcado nove gols na história do torneio. É um dos maiores artilheiros da história da seleção "canarinho", com 37 gols em 37 partidas disputadas. Marcou 142 gols pelo Flamengo e 144 pelo São Paulo, além de 23 tentos em 36 jogos pelo Botafogo e gols por outros clubes e pelas seleções carioca, paulista e brasileira, totalizando 429 gols como profissional, desde 1929. Após deixar os gramados, em 1950, continuou no mundo do futebol, em princípio como técnico, depois, como comentarista esportivo (HEIZER, 2001, p.48).

Ademais, Mazziero de Souza descreveu o jogador assim:

Domingos Antônio da Guia (Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1912 — Rio de Janeiro, 18 de maio de 2000) foi um futebolista brasileiro que atuava como zagueiro. É considerado por muitos o maior defensor da história do futebol brasileiro. Foi revelado pelo Bangu, assim como seus três irmãos e um filho. A ligação de Domingos da Guia com o Bangu é tão grande que seu nome é citado no hino do clube. Além do Bangu, Domingos da Guia jogou e teve grande destaque no Vasco, Nacional de Montevideu, Boca Juniors, da Argentina, Flamengo e Corinthians. Quando Domingos foi contratado para jogar no Uruguai, os uruguaios se revoltaram alegando que não precisavam de zagueiro, pois tinham Nasazzi. Quando Domingos foi embora, disseram que só aprenderam o verdadeiro significado da palavra "zagueiro" após a passagem de Domingos pelo país. Zagueiro clássico e de excelente técnica, é apontado como o melhor zagueiro brasileiro de todos os tempos. Sua "marca registrada" era sair driblando os atacantes adversários. Tal jogada de extrema habilidade e risco, mas que sempre foi perfeitamente executada por Domingos da Guia, ficou conhecida como "Domingada". Pela seleção brasileira foram 30 jogos, sendo 19 vitórias, 3 empates e 8 derrotas. Jogou a Copa do Mundo de 1938, tendo o Brasil ficado em terceiro lugar. Com a seleção, ele foi campeão da Taça Rio Branco, em 1931 e 1932, e da Copa Rocca, em 1945. Domingos é pai de Ademir da Guia, maior ídolo da história do Palmeiras e irmão de Ladislau da Guia, o maior artilheiro da história do Bangu (com 215 gols), clube que revelou as duas gerações de craques. Foi considerado por Obdulio Varela o melhor jogador do Brasil. "O melhor que vocês já tiveram foi Domingos, completo. Campeão lá [Brasil], aqui [Uruguai] e na Argentina", declarou a um repórter brasileiro em 1970. Na década de 1930, as competições esportivas internacionais ganharam grande simbolismo e importância (MAZZIERO DE SOUZA, 2001, p.10)

Nesta conjuntura, seguindo com as análises, os descritores da imprensa negra fomentavam que havia inúmeros negros talentosos espalhados por diferentes regiões e diversos clubes, demonstrado suas habilidades nos campos de futebol, como já apresentamos os casos de Leônidas e Domingos. Portanto, ao valorizar o jogador negro diante do sujeito branco, a partir dos impressos, foi crucial, visto que significou uma garantia de que o homem negro no

futebol sabia muito bem as regras do esporte, pois as estruturas racialmente pré-indicavam que jogadores negros não deveriam estar ocupando o “espaço do branco”. Sendo assim, o periódico negro percorria ruas, praças, avenidas e bairros levando notícias da comunidade negra e do esporte.

Certamente, esses locais de convivência se tornaram espaços de afirmação étnica/racial e ambientes de discussão de temas que envolviam uma sociedade, entre eles: políticos, religiosos, sociais, econômicos e culturais. Esses temas eram centrais para participação do negro no país, tendo em vista que nada se fez para uma política de reparação pós-escravismo e república. Assim, a partir de Giacomini (2006), identificamos outra maneira de integração em que passa a existir e foi ganhando significância, visto que atitudes passivas foram substituídas por uma intensa mobilização política e pelo cultivo da identidade racial.

Partindo desse pressuposto, o sociólogo Clóvis Moura corrobora para o entendimento das questões étnicas raciais, afirmando que:

A articulação do problema étnico com o social e político é que alguns grupos negros não estão entendendo, ou procuram não entender para se beneficiarem de cargos burocráticos e espaços abertos para os membros qualificados de uma ínfima classe média branqueada. Guerreiro Ramos teve oportunidade de enfatizar o perigo de se criar uma "sociologia enlatada". E tememos que alguns elementos negros ao concluírem a universidade, ao invés de se transformarem em ideólogos das mudanças sociais que irão solucionar o problema racial no Brasil, assimilem os valores ideológicos dessa sociologia enlatada, o que levará o negro a continuar sendo cobaia sociológica daqueles que dominam as ciências sociais tradicionais: brancos ou negros (MOURA, 2003, p. 33).

Indubitavelmente, acreditamos que a Imprensa Negra Paulistana teve como propósito de mobilização a unificação dos sujeitos negros para uma melhor valorização da imagem da raça negra. No entanto, Domingues (2009) explica que os libertos, durante o período pós-abolição, majoritariamente, ex-escravos e seus descendentes, estavam sendo representados de maneira estigmatizada pelos jornais da grande imprensa. Portanto, apoiados nas ideias do autor, identificamos que o surgimento desta instituição jornalística teve como finalidade, além de denunciar os problemas que a comunidade negra enfrentava, apresentar outra imagem de maneira não inferiorizada, que foi e continua sendo legitimada em determinadas mídias. Sendo assim, é nesse cenário de resistência que notamos o surgimento de uma imprensa alternativa, estimulando outros negros a produzirem jornais que enaltecem a figura do negro. Assim, contribuindo para o fortalecimento da luta em prol das diversas questões, que, segundo Domingues, “tratava-se de uma rede de comunicação, expressão cultural, articulação de ideias

e reivindicação política de um segmento sem voz ou visibilidade na sociedade brasileira” (DOMINGUES, 2009, p.96).

Sendo assim, na tentativa de fazer correlação ao que Domingues (2009) apontou, apresentamos mais um excerto para assinalar de maneira contundente essa rede de comunicação alternativa que contribuiu com os sujeitos negros e negros das comunidades periféricas.

Imagem 6 - Jornegro “edições 2” de 1978



Fonte: Negritos (2021)³⁷

O Jornal *JORNEGRO*, produzido pela Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo (FEABESP), teve sua primeira edição publicada no início de 1978, localizado na rua Maria José, nº 450, no bairro Bela Vista, na cidade de São Paulo. Desse modo, foi mais um dos periódicos que fizeram frentes à luta árdua pela inserção e sociabilidade da população negra. Além disso, o Brasil passava por um período de ditadura civil militar no país (1964-1985) período de forte censura para os veículos de comunicação em geral e repressão bruta contra os movimentos populares organizados, como o movimento negro (MOREIRA, 2018). Por conseguinte, ao analisar este material, percebe-se que o título do periódico já permite um panorama daquilo que será transcrito nas páginas subsequentes. Isso porque o posicionamento já fica visível desde o cabeçalho, dessa forma, torna-se evidente do que se trata e quais são os assuntos que farão parte das matérias a serem noticiadas. Assim, do lado direito

³⁷ Disponível em: <<http://negritos.com.br/2020/05/27/jornegro-edicoes-2-3-e-4/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

do jornal, visualizamos ano, mês, cidade e número correspondente ao impresso, do outro lado, verifica-se que seus organizadores pedem uma colaboração para os custeios dos exemplares, demonstrando as dificuldades para manutenção da imprensa negra alternativa.

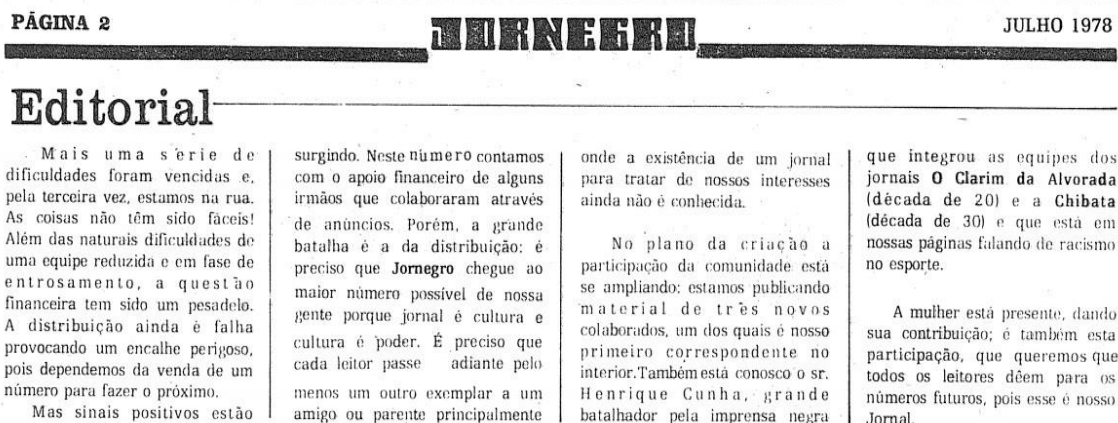
Ademais, tomando como referencial de análise do excerto acima, identificamos no subtítulo denúncias no esporte em pleno ano de Copa na Argentina. Certamente, que, ao transcrever casos de discriminação dos sujeitos negros e negras, transmite-se um posicionamento político voltado ao combate do racismo no Brasil, bem como a sinalização das falhas que existem dentro do sistema brasileiro, na esfera política, sociocultural e outras categorias. Desta maneira, com tais ações implementadas pelos militantes negros, aponta-se de modo absoluto a ideia da falsa democracia racial, que perdurou por longos anos durante o século XX e claramente foi e continua sendo vista nos dias atuais. Em síntese, Moura (2003) salienta que:

Durante todo o tempo em que a imprensa negra circulou, através de jornais de pequena tiragem e duração precária, as atividades da comunidade negra de São Paulo ali se refletiam, dando-nos, por isso, um painel ideológico e existencial do universo do negro. Nela se encontram estilos de comportamento, anseios, reivindicações e protestos, esperanças e frustrações dos negros paulistas. É uma trajetória longa, dolorosa muitas vezes, a desses jornais que praticamente não tinham recursos para se manterem por muito tempo, mas sempre exprimindo, de uma forma ou de outra, o universo da comunidade. Lá estão as festas, aniversários, acontecimentos sociais; lá está o intelectual negro fazendo poesias; lá estão os protestos contra o preconceito de cor e a marginalização do negro. Nessa trajetória refletem-se as inquietações da comunidade e lá se encontram os conselhos para o negro ascender social e culturalmente, procurando igualar-se ao branco (MOURA, 2003, p. 242).

Nesse viés, de acordo com Pires (2005), ao olhar para os aspectos dos movimentos negros de São Paulo, no decorrer do século XX, percebe-se que a imprensa negra foi um movimento que objetivou uma gama de facetas ideológicas, sendo ela condicionada aos contextos econômicos, culturais, políticos e sociais daquele momento, com destaque às questões raciais daquela camada. Por outro lado, frisamos o real valor que essa organização social representou para que a população negra pudesse ser vista de outra forma, desde o engajamento político e sua estruturação, que tratava de assuntos elevando a imagem da comunidade negra, bem como para adoção de estratégias, tendo em vista a busca pela sobrevivência. Esses grupos continuam sendo tratados como marginais de uma dada sociedade, e no Brasil os casos de racismo são tratados com naturalidade. Mesmo que ações/atitudes estejam escancaradas, como xingamentos e ataques durante e após o jogo, por exemplo, nota-se que o futebol tem sido um dos segmentos no qual o racismo estrutural e estruturante permanece. Portanto, conforme Almeida (2019), a estruturação que existe dentro do modelo

econômico brasileiro contribui para a fixação e manutenção do racismo, visto que o *Jornegro* já denunciava em suas páginas as notícias de racismo no esporte. Entretanto, há seguir, relatos de atitudes racistas.

Imagem 7 - *Jornegro* “edições 2” de 1978



Fonte: Negritos (2021)³⁸

De acordo com o editorial, na página nº 2 do periódico *Jornegro*, de julho de 1978, verifica-se uma escrita que traz apelos para com a população negra, isso é perceptível no instante em que evidencia a necessidade de manter esse órgão aberto para que as demandas dos grupos negros possam ser vistas, lidas, analisadas. Dessa maneira, para que isso chegasse às outras comunidades negras, uma vez que esse mecanismo poderia desenvolver o espírito de luta e resistência em prol da sociabilidade e inserção social do negro e negra na sociedade brasileira. No entanto, na imagem anterior, visualizamos o pedido de ajuda financeira para a manutenção deste espaço, que tem tratado dos assuntos da população negra, sendo que a permanência deste espaço depende totalmente do agrupamento de seus pares.

Neste sentido, outro fator que nos chama a atenção é a visão dos organizadores ao perceberem que o jornal é uma maneira de apresentar a história cultural dos ancestrais e dos seus descendentes. Além disso, seus organizadores já tinham a convicção de que o “periódico é cultura e cultura é poder” *Jornegro* (1978). No entanto, com essas ideias de como resistir em meio a tais atrocidades, seria mais uma oportunidade para expor as situações de descasos que a comunidade negra sofria na época. Ainda, o próprio jornal apresentou casos de racismo no esporte, e esse local foi também espaço para apresentar para a sociedade suas diversidades que trazem características de perseverança e resiliência de necessidades para o bom convívio social.

³⁸ Disponível em: <<http://negritos.com.br/2020/05/27/jornegro-edicoes-2-3-e-4/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Partindo desse pressuposto, Moura sustenta a ideia de que:

Numa sociedade em que os elementos detentores do poder se julgam brancos e defendem um processo de branqueamento progressivo e ilusório, o negro somente poderá sobreviver social e culturalmente sem se marginalizar totalmente, agrupando-se como fez durante o tempo em que existiu a escravidão, para defender a sua condição humana. Em uma sociedade de modelo capitalista (e de capitalismo dependente como a brasileira) onde o processo de peneiramento social está se agravando por uma competição cada vez mais intensa, os grupos organizacionais negros que existem procuram conservar os seus valores e insistem em manter o seu ritual religioso afro-brasileiro, a sua indumentária, os mores e valores das culturas africanas para se defenderem e se resguardarem do sistema compressor que tenta colocá-los nos seus últimos estratos, como já aconteceu em outras sociedades que possuem o modelo capitalista muito mais desenvolvido do que a nossa (MOURA, 2003, p.153).

Nesta esteira, constatamos que por mais que esses periódicos representassem algumas ideias de determinado grupo da sociedade, neste caso, da classe média negra da época (professores, advogados e jornalistas), havia enorme um número expressivo de negros negligenciados por conta do sistema capitalista perverso. Tal sistema anulava as chances de crescimento econômico, político e educacional destes grupos considerados marginalizados para época, identificamos uma luta coletiva em prol de uma classe. De acordo com Bastide (1973), esses homens e mulheres negros, vistos como classe média, estavam interligados com os grupos menos favorecidos, uma vez que representavam as posturas ideológicas da população negra. É com base nessas informações que nos damos conta da significância da Imprensa Negra, sendo ela uma espécie de [porta] vozes que, de certa maneira, fortificavam o “eco de toda uma classe de cor”, principalmente por meio de uma política antirracista e de várias manifestações que foram utilizadas como forma de escrita nos jornais (BASTIDE, 1973, p. 131).

Por meio dessas elucidações aqui mencionadas, percebe-se que a política de Estado jamais pensou em reparar o período da escravidão e o pós-abolição, tendo em vista que milhares ou centenas de pessoas sofreram e, evidentemente, continuam sofrendo por conta do modelo econômico vigente. Entretanto, Andrews (1998) chama a atenção, assegurando que a dita abolição da escravatura não conseguiu atender os anseios da população negra, pois essa Lei abolicionista não se preocupou com o modo de organização da sociedade que havia “saído” de um sistema que não oportunizava aos indivíduos educação, profissionalização e o ensinamento de suas culturas, que são essenciais, principalmente em se tratando da ancestralidade. Deste modo, a sociedade “recém-liberta” teve que se reinventar, obviamente, que nem todos tiveram tais condições por inúmeros motivos, dentre eles, cabe ressaltar a falta de políticas públicas eficazes aos “recém-libertos”.

No entanto, decodifica-se que, se a Imprensa Negra foi uma organização que, no seu modelo de estruturação, planejou dar visibilidade à cultura negra, assim podemos conceber que o futebol foi outra alternativa com a mesma finalidade durante o século XX. Para tanto, o esporte futebolístico apresentava algumas expressões culturais que os afro-brasileiros chegavam ao ponto de organizar jogos para enfrentar times de brancos. Essas partidas entre negros e brancos reverberavam as páginas dos Jornais da Imprensa Negra Paulistana, as quais demonstraremos a seguir, tendo em vista a percepção do intuito para a construção da identidade negra e fortalecimento da luta de seu povo. Essas e outras diversas tratativas dos temas, por ora observados, vão de encontro com as nossas compreensões do racismo enquanto estrutural, qual seja, na educação, no judiciário, na política, na cultura, como argumenta Almeida (2019).

O esporte, em especial o futebol, tornou-se um dos poucos espaços naquele momento em que o homem negro gozava de visibilidade, reconhecimento e, talvez, prestígio. O que estamos apontando é que sem outras formas de levar a vida, por conta da negligência imposta pelo Estado brasileiro, na falta de implementação das políticas públicas, que alguns homens negros viram no futebol um espaço de lazer e inserção social. Nossa intenção aqui não é dizer que o negro foi aceito no esporte, tendo em vista que ele jamais deixou de sofrer com o racismo velado e mascarado durante as partidas. No entanto, nesses jornais, percebemos esse grupo marginalizado e concebemos que a finalidade era a preocupação com a “raça negra” para uma possível capitalização e positivação dessa cultura. Assim, enriquecendo o imaginário de uma comunidade aguerrida, que, em contrapartida, foi sendo subalternizada pelos jornais da elite branca.

Nesse aspecto, buscaremos apresentar, com base nas análises das fontes da imprensa negra, mais uma matéria jornalística, que é vista, sobretudo, como uma imprensa alternativa, no periódico denominado de *Voz da Raça* de 1933. Além disso, frisa-se que, alguns clubes de futebol, tinham em sua composição um percentual de quase 100% de jogadores negros, os quais integravam as equipes de futebol amador do estado de São Paulo. Por outro lado, Andrews (1998) destaca os clubes com maior visibilidade: *Associação Atlética São Geraldo*, sendo criado por volta dos anos de 1917; o *Clube Cravos Vermelhos*, aproximadamente fundado em 1916, que, com o passar dos anos, tornou-se o *Atlético Brasil*. No entanto, trataremos sobre a *Associação Atlética São Geraldo*, pois nota-se que esse time foi o que mais se destacou nos noticiários apresentados pelos jornais da Imprensa Negra, sobretudo, em relação ao futebol praticado pelos negros que compunham esse time.

Imagem 8 - Jornal “A Voz da Raça”



Fonte: Imprensa negra paulista (USP) (2021)³⁹

O Jornal *A Voz da Raça*, de 1933, criado em 14 de julho de 1919, foi mais um órgão de imprensa dedicado à classe de cor, bem como crítico, literário e noticioso. Em seu início, contou com o redator Gastão Silva, homem dedicado às causas da população negra, e o esporte bretão seria um local em que o sujeito negro estaria em destaque. Em São Paulo, no primeiro quartel do século XX, nascia, no dia 01 de novembro de 1917, a *Associação Atlética São Geraldo* como “uma das agremiações mais respeitadas do Estado de São Paulo”, no que diz respeito à prática futebolística. Essa informação estava também estampada no jornal *Progresso* do dia 25 de março de 1933, na página nº 2. Esse periódico era um dos que compunham o seletivo grupo de

jornais impressos vinculados aos simpatizantes “jornais negros”. Desta maneira, essa agremiação teve como finalidade a promoção de atividades culturais e esportivas para os negros, uma vez que tais organizações foram formadas com o objetivo de denunciar as práticas racistas e estabelecer a sociabilidade étnica/racial através da modalidade esportiva futebolística.

Deste modo, a seguir, apresentamos o logotipo e uniforme completo da *Associação Atlética São Geraldo*, tendo em vista que este time de futebol foi noticiado nas páginas dos jornais *A Voz da Raça* de 1933 e *Progresso* de 1946.

³⁹ Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/a-voz-da-raca/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Imagem 9 - O São Geraldo foi fundado em 1917, no bairro da Barra Funda



Fonte: Verminosos por futebol (2021)⁴⁰

A partir das observações feitas nas imagens acima, verifica-se que essa associação futebolística foi uma das principais referências sobre o fator representativo do esporte futebolístico e da comunidade negra, pois esse time nasceu para inserir jogadores negros em um espaço e em um contexto que, a priori, seria reservado para o homem branco, com poder aquisitivo maior, se comparado ao homem negro. Neste sentido, o time possui um logotipo estampado no seu uniforme com as siglas/letras AASG, *Associação Atlética São Geraldo*, que representam a associação. No entanto, o time surge dentro de uma modalidade amadorista, tampouco fazia parte dos principais seletos clubes de primeiro escalão do futebol ou times mais populares para a época.

Além disso, o São Geraldo surge como uma espécie de agremiação ou associação que traz em seu uniforme as cores preto e branco. O meião e calção são de cor preta e a camisa com algumas listras na vertical também com detalhes nas mesmas cores já mencionadas. Portanto, identificamos que as cores foram escolhidas de maneira proposital, assim, como uma maneira de bem representar os grupos negros. Ainda, a associação prezava pela participação somente de atletas negros, isso demonstra mais uma atitude do modelo racista que já se fazia presente, principalmente, no bairro da Barra Funda, zona oeste de São Paulo, em que a agremiação surge em meados de 1917.

Portanto, nosso foco estará diretamente ligado ao contexto que envolve o surgimento do A. A. São Gerado e sua representação nos jornais, bem como em uma análise de maneira

⁴⁰ Disponível em: <<https://www.verminososporfutebol.com.br/viagem-no-tempo/sao-geraldo-o-time-de-sao-paulo-que-so-aceitava-jogadores-negros/attachment/associaca-atletica-sao-geraldo-time-de-negros-de-sao-paulo-imagens-cacellain-1/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

cuidadosa acerca do objetivo da associação para o reconhecimento do negro junto à modalidade. Assim, destaca-se um dos trechos que fala um pouco sobre essa instituição:

O São Geraldo é um clube que honra a coletividade negra no futebol paulista. Por tal fez jus o prosseguimento desta campanha em prol da valorosa equipe Barrafundiana, para representar oficialmente, o esporte da raça [...]. Contudo, damos o pensamento do sr. Alcides Hortencio, futebolista da A. A. Palmares, que falou-nos em entrevista: - é de necessidade que haja nessa capital, como em outros estados do paiz, entidades de esportistas negros, onde os seus associados, atletas e futebolistas, possam aperfeiçoar suas culturas físicas sem receiar preconceitos como há em muitas agremiações esportivas, que não os aceitam como socios, mas só como atletas, isto é, quando são bons elementos que possam elevar o clube. E assim numa associação de esportistas negros, podemos nos desenvolver no futebol e no atletismo, mesmo fazer carreira sem medir dificuldades. Mas para isso urge se fazer uma entidade digna da confiança de todos os deveres de cooperação para manter o seu clube. Dahi então estará realizada em nossa capital, uma das aspirações da raça negra, e muitos outros patrícios de outros lugares hão de imitar (CLARIM DA ALVORADA, 1931, p.3).⁴¹

Notavelmente, ao ler a matéria do jornal *Clarim da Alvorada*, de 1931, identifica-se que essa entidade de negros tinha como escopo divulgar/demonstrar a imagem do povo negro por meio do esporte futebolístico. Outrossim, os jogadores negros que integravam aquele time buscavam na modalidade um lugar para emancipação econômica e estabelecimento da luta antirracista, haja vista que o São Geraldo, desde sua formação, teve atletas negros, traçando um paradigma a fim de combater qualquer tipo de discriminação, em especial, o racismo que permeava nos campos de futebol, visto que os jogadores negros, naquele momento, sofriam com inúmeras ações de inferiorização.

Desse modo, Pires (2005) ressalta que o surgimento desse clube em São Paulo objetivou um modelo de enfrentamento aos menos favorecidos e teve o intuito de fomentar a extinção do racismo no esporte. Para tanto, segue a matéria divulgada por um dos “jornais negros”:

Para orgulho dos pretos Agora, que o Progresso largou a ideia, em via de conclusão, de se homenagear Luis Gama, trazemos á apreciação dos interessados uma sugestão que na realidade é de grande interesse. Trata-se da Confederação Esportiva dos Homens Pretos do Brasil. Nela teria ingresso essa infinidade de esportistas que andam vegetando nos diversos clubes; nos quais aparecem somente durante as provas esportivas; mas são alijados das festas comemorativas da victoria, da qual muitas vêzes foram elles os fatores primordiaes. Nos clubes do remo a preterição do negro é acentuada. Negam-lhe tudo. Vedam- lhe todos os direitos. - Por que negro remador, ou nadador? Contentem-se em ser a semente da riqueza e do sofrimento do Brasil. É o bastante. Por essas e outras, é que aventamos a idéia da confederação para termos nossa praça de esportes onde mostraremos com galhardia o valor do pulso negro, que humildemente, no passado, cingiu-se de algemas, e hoje, ufano, conduzirá a victoria

⁴¹ IMPRENSA NEGRA PAULISTA. *O Clarim d' Alvorada*, 20/07/1931, p.3. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresanegra/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

qualquer esquadra esportiva, dentro da ordem para o progresso do Brasil (O PROGRESSO, 1930, p.5)⁴².

Assim, tais periódicos denunciavam o racismo estrutural existente, nesse sentido, verificou-se que havia à vontade e determinação para construção de uma identidade coletiva negra, que pudesse fazer o grupo se orgulhar das conquistas de seus ancestrais, bem como potencializar as futuras gerações para alcance do progresso dos sujeitos negros e negras deste país. Entretanto, os jornais negros não se limitavam somente a esse arcabouço, pois noticiavam o protagonismo do homem negro principalmente nos esportes. Desse modo, com a conquista da *Copa do Centenário da Independência do Brasil*, o qual consagrou campeão a A.A. São Geraldo, clube considerado amadorista, mas que obteve um triunfo de extrema importância para época, haja vista que esse clube esteve à frente da luta antirracista e derrotou diversas barreiras dentro de campo e fora dele para continuar disputando as partidas. Por fim, nota-se que essa conquista trouxe, de certo modo, orgulho aos seus torcedores, pois os jogadores negros não eram aceitos nos clubes de futebol, sendo que, em alguns campeonatos, a presença deles em campo era intolerável. Frise-se que atitudes de impedimento da prática esportiva foram vistas no estado de São Paulo, em que o São Geraldo foi impedido de participar da primeira divisão do torneio paulistano.

2.1 A CONQUISTA DA COPA DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

No ano de 1922, houve um campeonato de futebol no Estado de São Paulo, cujo desígnio do evento foi comemorar de modo alusivo os 100 anos da independência brasileira. Sendo assim:

O clube que bem representava os pretos da capital e do Estado de São Paulo ocupou capítulo à parte”, noticiado pelo jornal. Com muita maestria, o São Geraldo “conquistou o disputado título de campeão do Centenário”, o que “honrava sobremaneira” os representantes do *Progresso* (O PROGRESSO, 1929, p.5)⁴³.

Esse time de futebol constituiu uma rica história no “campo” do esporte, demonstrando que seus jogadores negros possuíam habilidades e competências em aspectos esportivos. E, para além de uma atividade lúdica, notaram que o futebol poderia ser um expoente para questões

⁴² IMPRENSA NEGRA PAULISTA. *O Progresso*, 15/02/1930, p.5. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

⁴³ IMPRENSA NEGRA PAULISTA. *O Progresso*, 1929, p.5. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

cívicas, políticas, sociais e raciais, entretanto, chegou a ser chamado de “esporte da raça”, na intencionalidade de reconstruir a imagem do negro na sociedade brasileira (O Clarim D’ Alvorada, 1931, p.3)⁴⁴. Neste sentido, Hall (2016) assinala que:

Se nos deslocarmos para os jogos de futebol repletos de cartazes, bandeira e slogans, rostos e corpos pintados de certas cores ou inscritos com certos símbolos, podemos também considerá-los “como uma linguagem” – na medida em que isso é uma prática simbólica que concede sentido ou expressão à ideia de pertencimento a uma cultura nacional ou de identificação com uma comunidade local. Isso é parte da linguagem de identidade nacional, um discurso de pertencimento nacional. Representação, aqui, está intimamente ligada a identidade e conhecimento. Pois, na realidade, é difícil saber o que “ser inglês” – ou mesmo francês, alemão, sul-africano, japonês – significa fora do escopo em que nossos conceitos e imagens de identidade e cultura nacionais foram representados. Por fim, sem esses sistemas de “significação”, seríamos incapazes de adotar tais identidades (ou mesmo de rejeitá-las) e consequentemente incapazes de fomentar ou manter essa realidade existencial que chamamos de cultura (HALL, 2016, p.25).

Os jornais que compunham a Imprensa Negra paulista, a partir do momento em que o São Geraldo se consagra campeão, não deixaram de relembrar o triunfo da conquista dessa associação de atletas negros, tendo em vista que o clube foi alvo de atitudes racistas por parte de uma elite branca da época, que determinava as regras daquele esporte. Compreendemos que o resgate da memória e preservação da história de resistência negra contribui e contribuiu para potencializar a inserção do jogador negro em um local no qual eles não eram bem-vindos. Demonstrar isso no periódico possibilitou que a imagem do atleta negro fizesse com que resistissem às proibições ao esporte que nasceu elitista. Conforme relata Andrews:

Vivendo sob o “ethos” amador, a divisão social de futebol ainda perdurava naquela cidade. Os principais jogadores negros e brancos ainda estavam confinados em times separados, sem oportunidades de jogar uns com os outros, exceto em disputas informais. Num esforço de abalar essa divisão e fazer com que os primeiros fossem mais vistos, “em 1927 vários líderes negros tiveram a ideia de realizar um jogo anual entre negros e brancos, a ser disputado no dia da abolição” (ANDREWS, 1998, p.333).

Sendo assim, é fato que os atletas do São Geraldo eram vistos com indiferença em razão da cor de pele, no entanto, esse time superou as condições adversas para dar uma resposta em campo, visto que apresentaram sua qualidade nas quatro linhas e sufocaram o racismo, que fez e continua fazendo parte de uma sociedade liberal. Entretanto, é importante mencionar que assim como a imprensa negra atuou de maneira significativa naquele momento, outras mídias deveriam buscar trabalhar de modo semelhante nos dias de hoje. Em outros termos, com o

⁴⁴ IMPRENSA NEGRA PAULISTA. *O Clarim d’ Alvorada*, 20/07/1931, p.3. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

mesmo escopo, visto que o esporte futebolístico tem sido espaço de práticas racistas e de um demonstrativo de racismo estrutural.

Deste modo, o time denominado de Alvinegro (*Associação Atlética São Geraldo*), por conta das cores que marcavam o uniforme preto e branco, ganhou destaque como já assinalamos. Nesse cenário, apresentaremos, a seguir, a composição desse clube, desde seu uniforme até objetos utilizados para as partidas.

Imagem 10 - São Geraldo campeão municipal do centenário, em 1922 (Foto: Cacellain)



Fonte: Verminosos por futebol (2021)⁴⁵

Na imagem, observa-se que a composição da equipe futebolística é majoritariamente de atletas negros. Nota-se que três jogadores utilizam uma espécie de touca usada na natação, que, para a época, usava-se esse acessório para indicar se tinha irmã ou namorada. Segundo Mário Filho (2003), o uso deste material despertava a atenção das moças que, quase sempre, acompanhavam os jogos para visualizar, além das partidas, os homens que não utilizavam touca, supostamente em busca de relacionamento. Portanto, o uso de chuteiras, meia, bola e uniforme fizeram e continuam fazendo parte dos equipamentos necessários para a prática esportiva. Além disso, as partidas eram realizadas em campos de terra chamados de terrão. Assim, a fotografia demonstra a união dos atletas, que, mesmo não sendo aceitos na prática esportiva, resistiram e foram campeões da Copa Centenário do município de São Paulo.

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.verminososporfutebol.com.br/viagem-no-tempo/sao-geraldo-o-time-de-sao-paulo-que-so-aceitava-jogadores-negros/attachment/associaca-atletica-sao-geraldo-time-de-negros-de-sao-paulo-imagens-cacellain-1/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Nesse viés, conclui-se que essa associação/agremiação, que era majoritariamente composta por negros, viu no futebol e no talento de seus representantes, uma das maneiras de enfrentar as ideologias de que o negro era inferior e isso impossibilitava o acesso ao futebol. Assim, Mário Filho (2003) aponta que tal ideologia dizia que o esporte era somente para brancos e que apenas a elite conseguiria praticá-lo. Tal assertiva tinha como justificativa que o negro não conseguiria aprender as regras do futebol, nem comprar bola, chuteira e demais objetos utilizados para a modalidade futebolística. Por isso, ressaltamos a importância de apresentar a luta do A.A. São Geraldo dentre outros times que enfrentaram as proibições de atletas negros na modalidade esportiva.

Notavelmente, no decorrer da história, percebe-se que a comunidade negra resistiu da melhor maneira possível para aquele momento, destacando que as privações sofridas envolviam questões educacionais, saúde, segurança, moradia, lazer, emprego etc. No entanto, o racismo constante que se apresentava no cotidiano da população negra foi sendo mostrado pela Imprensa Negra Paulista e pelos seletos jornais que compunham a imprensa alternativa negra. Obviamente, desde 1833, o jornal *O Homem de Cor* já legitimava em suas páginas a necessidade de reconhecer os valores do povo negro, haja vista que reconhecemos que esse Jornal Negro contribuiu para a luta em prol da raça negra, mesmo que, em alguns momentos, precisou se camuflar em razão da censura empregada por outros órgãos. Em seguida, demonstramos mais uma matéria veiculada pelo *Jornegro*, de 1978, que de maneira convidativa faz o chamado da população negra para emancipação do grupo, reverberando o posicionamento político e sociocultural pedagógico para conquistar a sociabilidade.

Imagem 11 - *Jornegro* 1978 edição “2”

Precisamos conhecer e escrever nossa história

Um dos maiores problemas que atinge nossa comunidade, é a falta de informação a respeito daqueles homens que dedicaram sua vida na defesa da melhoria das condições de vida do negro brasileiro. Não são raras as vezes em que este negro desconhece um irmão que muito lutou por aquilo que ele sempre sonhou ver um dia. Por esta razão, *Jornegro* pretende a partir deste número realizar uma campanha em favor da nossa história (que também é história do Brasil), e dos homens que a fizeram. Iniciaremos com a publicação de um pouco da história do Nenê de Vila Matilde, a primeira escola de samba de São Paulo.

NENÊ, 29 ANOS DE SAMBA

O Nenê de Vila Matilde, nasceu como Escola de Samba no dia 1º de janeiro de 1949. Fundada por Júlio Francisco, Antonio Alves de Almeida, Cabellinho (irmão do Mário Américo), Geraldina e por Alberto Alves da Silva, conhecida como Nenê. O Nenê de Vila Matilde foi a primeira Escola de Samba que apareceu em São Paulo, não tinha sede própria e o local de encontro da negrada era no Talarico (um lugar na Vila Matilde).

Não é época em que a escola foi fundada havia muitas dificuldades, começando pela falta de lugar próprio para ensaios até a incompreensão por parte das

“autoridades”, não havia agrupamentos de sambistas nas ruas que não fossem dissolvidos pela Polícia. Mais de três negros juntos na rua, parecia ser coisa proibida por lei.

O sr. Alberto (Nenê) disse nos que o seu interesse pelo samba é coisa de família. Isto é, veio com a tradição, seu pai era sanfoneiro e gostava de ver o pessoal no pagode. Nenê aos treze anos era pandeiroiro, aos quinze anos já tocava em um conjunto no rádio. Alguns tempo depois, vendo que as portas por onde passaram outros músicos estavam fechadas para ele, abandonou a coroa de rei do pandeiro e partiu para a Escola de Samba.

Até 1956, o carnaval em São Paulo era organizado pelas rádios, o carnaval do Rio já era melhor na época, e parecia ser algo impossível de ser alcançado; junto com o Nenê de Vila Matilde desfilariam também a escola do Perache, Lavapés e outras escolas menores. Antes do Nenê de Vila Matilde haviam cordeões como o Príncipe Negro, mas eram agrupamentos não organizados, nasciam e morriam no carnaval.

No ano de 1956 o Nenê lançou-se no disputa do desfile do 1º desfile organizado pela prefeitura: o Nenê venceu com o samba intitulado «Casa Grande e Senzala», inspirado na dor que nossos antepassados sentiam nas vésperas de serem libertados, o samba era assim:

É banço
Nêgo tá chorando.....
É banço.....
Nêgo tá pensando.....
Larararaiaia
Aruanda fôcu
Larara
O mar separou
Larararaiaia
Senhor, meu senhor
Lararara
Nêgo, tudo deixou.

É banço que Nêgo tem.
É banço que Nêgo tem.

É banço que Nêgo tem!
Na Casa Grande, tudo é alegria.
Na Casa Grande, tudo é festaça.
Na Senzala nêgo chora, chora
que nem criança.

Banzo que nêgo tem.
Banzo que nêgo tem...

Nos anos seguintes, a escola saiu com outros grandes sambas; em 1957 «Lei Aures». Nesse ano o Nenê de Vila Matilde não ganhou, pois a Escola Rio conseguiu encontrar o lugar do desfile. Em 1958 a Escola veio com «Grito do Ipiranga», e a Escola foi campeã. Em 1959 um ecredo sobre «Chica da Silva», colocou pela primeira vez o nome da Nêga em destaque para o grande público. Em 1960 fizeram um samba em homenagem a «Brasília», que também foi sucesso. E assim até hoje a Escola vem se destacando com grandes sambas, que na verdade só refle-

tem o espírito de luta e de trabalho contínuo que eles vem desenvolvendo em prol do samba aqui em São Paulo.

O mais importante é que o passado glorioso da Escola, não fez com que seus líderes se acomodassem, o Nenê da Vila tem também planos para hoje e para o futuro. Se houver o apoio necessário, a Escola pretende reformar o prédio, regularizar toda a parte imobiliária e transformar a Escola em um local não só de muitos sambas, mas também de outras atividades comunitárias, como cursos supletivos e Técnico, uma escolinha de samba para as crianças, quadros de esportes e demais atividades que sabemos, são muito necessárias para a nossa comunidade.



Fonte: Negritos (2021)⁴⁶

⁴⁶ Disponível em: <<http://negritos.com.br/2020/05/27/jornegro-edicoes-2-3-e-4/>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

Com base no fragmento, percebemos que o autor conclama a comunidade negra para a necessidade de “conhecer e escrever” a história da população negra. Os jornais negros foram um dos mecanismos utilizados para unificação e fortalecimento da luta para inserção social em um país que carrega raízes profundas de ter sido o último na América do Sul a abolir a escravidão e não ter constituído uma verdadeira política de reparação social no pós-abolição. Por outro lado, esse grito de socorro para com os grupos negros e o alerta à sociedade teve a intencionalidade de mudar o viés de como olhar os negros e negras na sociedade brasileira. Acreditamos que esse teor de sensibilidade, utilizado pelos negros intelectuais, quando da apresentação da identidade cultural negra, possivelmente, tenha mexido com o sentimento e com ideias na chamada luta pela igualdade racial entre os sujeitos.

Assim, é possível considerar que a imprensa negra como um instrumento que auxilia na construção de uma memória sobre o negro no Brasil, a partir de uma relação de proximidade maior com o olhar dos povos escravizados e seus descendentes. Acrescenta-se que as narrativas da imprensa negra partem da visão dos próprios negros, os quais manifestam uma visão de mundo influenciada pelos seus descendentes, tendo em vista que, em algum grau, foram pessoas escravizadas. A compreensão sobre a escravidão a partir dos descendentes negros tende a ser influenciada pelo olhar dos povos que tiveram a vivência da inferiorização em seu cotidiano. Ainda, tiveram que lutar para garantir o seu espaço na sociedade (MOURA, 2014). Desse modo, o que foi documentado pela imprensa negra, assim como pela literatura negra, tem um papel importantíssimo, qual seja, o de preservar e destacar as memórias da negritude ao longo dos tempos. Vários jornais negros foram criados pela própria negritude, contribuindo assim para o que podemos denominar de memória coletiva da negritude, com destaque ao seu passado na intenção de compreender as lutas e seu papel no contexto atual.

Dessa maneira, supomos que as inúmeras denúncias feitas por essa mídia, por meio de relatos em prol dos homens e mulheres negros, transcorreram durante os mais variados jornais correspondentes da imprensa negra. Isso porque, ao ler as notícias, identificamos que a luta antirracista existia e continua existindo em diferentes segmentos. Para tanto, o futebol pode ser um meio para que se utilize uma proposta de pedagogia antirracista dentro e fora dos estádios. Por fim, acreditamos que, por meio da educação e da leitura crítica das mídias, podemos e devemos apresentar a história da comunidade negra dentro de uma perspectiva humanista e sem negacionismo.

Logo, todos os jornais mencionados no texto, bem como outros que fazem parte do acervo que compõem a Imprensa Negra Paulistana, paralelamente, tiveram como escopo a preocupação de dar maior visibilidade ao povo negro, principalmente em São Paulo. Ainda,

tendo em vista que essa população teve seus direitos básicos negados e buscou sobreviver por meio da união e resiliência através da luta antirracista e de uma política pública que reparasse os danos sofridos. Em suma, destacamos que tanto o futebol quanto os jornais negros, de certo modo, enfrentaram o sistema, pois no primeiro fenômeno somente os brancos podiam participar, já no segundo foi visto como uma imprensa alternativa, em razão da elite branca que controlava os grandes jornais das massas e menosprezava a qualidade dos jornais negros.

3 POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: A NECESSIDADE DA PEDAGOGIA DA MÍDIA

“Quanto mais se nega a existência de racismo, mais ele se propaga”
Nilma Lino Gomes

A seção a seguir terá como horizonte de construção um panorama da Imprensa Negra Paulistana entre os anos de 1928 até 1958, sendo necessário o recorte temporal para que possamos alcançar os objetivos da pesquisa. Dessa forma, por meio dos jornais, observamos as imagens dos negros no futebol brasileiro e o processo de mobilização social da comunidade negra, tendo em vista que, geograficamente, foca-se os estudos sobretudo na população negra e em uma de suas localizações, qual seja, a região sudeste brasileira, no caso, a cidade e o estado de São Paulo. Neste contexto, aos finais do século XIX e começo do XX, segundo Pinto (2010), a cidade paulista passava por inúmeras transformações, desde aspectos políticos, econômicos e de urbanização. Assim sendo, grosso modo, a Imprensa Negra Paulistana aproveitava tais transformações para afirmar e demarcar seu espaço de luta sociorracial, sendo mais uma de suas estratégias para a inserção social na sociedade paulistana, que se expandia com a chegada de imigrantes no país. Para tanto, utilizaremos como base de investigação os “*Periódicos Negros*”, a saber: Auriverde (1928); O Homem do Povo (1931); A Voz da Raça (1933-1937); A Tribuna Negra (1935) e O Mutirão: órgão da associação cultural do negro (1958).

Assim, Ferrara (1989) sinaliza que a história da imprensa no Brasil pode ser dividida em três períodos: o primeiro, após 1915; o segundo, entre 1930 e 1937; e o terceiro, depois de 1945. Desse modo, ela destaca que, no primeiro momento, havia um clima de tensões por conta da Primeira Grande Guerra Mundial. Por outro lado, identifica-se a necessidade de considerar, principalmente, que as questões sociais transcorridas nas páginas jornalísticas reverberavam os princípios de liberdade e igualdade. Sendo assim, o que, supostamente, contribuiu para o despertar da população negra diante de suas inspirações enquanto grupo e classe pertencente. Por conseguinte, durante o primeiro quartel do século XX, inicia-se o processo de implementação da política governamental para educação no Brasil, contando com ensino primário e gratuito. Nesta conjuntura de mudanças, os jornais negros⁴⁷ utilizam esse veículo de comunicação para reivindicar a necessidade da educação como um dos mecanismos para ascensão social da comunidade negra.

⁴⁷ Utilizaremos este conceito como equivalente aos jornais da imprensa negra paulista, ou seja, aos seletos grupos de impressos que compunham a Imprensa Negra.

O segundo período destaca-se como um dos marcos temporais na história da Imprensa Negra em relação ao surgimento da Frente Negra Brasileira (FNB). Este jornal surge a partir da associação recreativa e cultural em meados de 1931, com o escopo de afirmação dos direitos históricos de homens e mulheres negros (as), consolidando-se no Jornal “A Voz da Raça” (1933), que dali em diante seria o principal impresso negro da FNB. De acordo com Bastide (1973, p.132), “a criação do periódico marca a passagem da reivindicação jornalística à reivindicação política”, qual seja, como jornal, denunciou por diversas vezes o racismo e a urgente necessidade do reconhecimento e valorização para a plena cidadania brasileira de seus pares. Portanto, em 1936, o impresso ganha maior contundência e visibilidade quando A Voz da Raça se torna um partido político e passa a desempenhar seu legado da representação política e de luta em prol dos seus membros. Sobre este jornal, trataremos a seguir de maneira mais específica.

Por fim, chegamos ao terceiro período da história da Imprensa Negra Paulista, no Brasil, que foi marcado por um cenário de enormes agitações por conta da consolidação do Estado Novo, em 1937. Naquela ocasião, colocava fim aos partidos políticos e impôs o estabelecimento do regime de censura à imprensa, fato que, conseqüentemente, resultaria no fechamento da FNB e dos periódicos negros.

Apesar disso, a realidade brasileira viria a sofrer mudanças significativas a partir do processo de democratização, que provocou o surgimento de outras frentes jornalísticas negras, reafirmando a luta do negro pela emancipação.

Entretanto, tais periódicos, já mencionados nesta seção, fazem parte dos acervos que correspondem à segunda e à terceira parte da Imprensa Negra Paulista, que serviram como objeto de análises discursivas das imagens que registram não somente modos de representação do negro, como também períodos da história do futebol e da adequação social no país. É neste aspecto que utilizaremos como base de fontes, desde imagens fotográficas, relatos de jogadores, crônicas, ensaios, poemas e letras de canções, adotando um método analítico sustentado a partir de uma Pedagogia Cultural, em que seja possível ensinar a ler de maneira crítica, tanto a mídia quanto os textos escritos. Assim, pressupõe-se que haja resultados significativos para minimizar atitudes/práticas racistas.

Em síntese, ancorados aos Estudos Culturais, como aponta Kellner (2001), propomos uma maneira de como ler os jornais da imprensa negra a partir de uma pedagogia cultural para evitar a naturalização do racismo? E quais os caminhos para estudar os jornais e analisar os casos de racismo no futebol a partir dos periódicos?

Nesse viés, verifica-se que podemos utilizar as mídias como uma ferramenta para a construção de práticas pedagógicas que ensinem a respeitar as diferenças. Também, que tais ensinamentos fomentem a adoção de práticas antirracistas dentro e fora dos palcos de futebol.

Para tanto, abordaremos algumas questões, tais como memória, história, identidade nacional e racismo. Assim, nossas inquietações surgem a partir do que Hall (2016) salienta acerca do modo como tais imagens conduzem determinadas mensagens que acabaram se cristalizando, não só no imaginário, como também nas narrativas que procuram dar conta desse fenômeno cultural tão significativo para a sociedade e para o país, que é o futebol.

Indubitavelmente, os impressos outrora estudados atuaram na luta árdua ao estereótipo do popular como perigoso. No entanto, ao mesmo tempo, eles difundiram entre os seus a apologia ao trabalho e a condenação ao ócio, pois, ao final do século XIX e início do século XX, períodos de formação/construção desses impressos, foi um momento de crescente industrialização e urbanização no Estado, como já dito.

Enfim, diversas demandas se mostraram pendentes, tais como:

A habitação popular, a racional utilização dos recursos naturais, a educação e o lazer, os efeitos da tecnologia sobre o trabalho industrial, a necessidade de organizar o mercado de trabalho, a definição de regras e instituições de controle social, a satisfação das necessidades de abastecimento, o enfrentamento das greves, etc. (PESAVENTO, 1990, p.33).

Nesta esteira, verifica-se que as mudanças em São Paulo ocorreram de maneira acelerada entre os aspectos de urbanização e as ambições de modernizar, durante o século XX. Assim, acreditamos que, nesse período, a exclusão do negro no espaço urbano foi acentuada. Além disso, segundo o sociólogo Florestan Fernandes (2008), o Estado paulista, em especial sua capital, destacou como ambiente privilegiado para a transgressão do trabalho escravo ao assalariado após a Abolição, tal situação pode ser constatada a partir da exemplificação do autor:

São Paulo constituía época, uma das cidades paulistas e brasileiras menos propícia à absorção imediata do elemento recém-egresso da escravidão. Sobre o pano de fundo da concepção tradicionalista do mundo e da dominação patrimonialista (exercida por reduzir número de famílias “gradas” e “influentes”), São Paulo aparecia como o primeiro centro urbano especificamente *burguês*. Não só prevalecia entre os homens uma mentalidade marcadamente mercantil, com seus corolários característicos – o afã do lucro e a ambição do poder pela riqueza. Pensava-se que o “trabalho livre”, a “iniciativa individual” e o “liberalismo econômico” eram os ingredientes do “progresso”, a chave que iria permitir superar o “atraso do país” e propiciar a conquista dos foros de “nação civilizada” pelo Brasil (FERNANDES, 2008, p.34).

Ademais, Fernandes (2008) retrata São Paulo, naquele momento, sobre a ótica dos processos de transformações urbanísticas e industriais (“da ordem social escravocrata e

senhorial” para “desenvolvimento posterior do capitalismo”), evidenciando uma situação peculiar de marginalidade dos negros, principalmente, a partir dos anos de 1900. Dessa maneira, em uma de suas obras intitulada “*A Integração do Negro na Sociedade de Classes*”, contribui para análise deste contexto, que envolve, supostamente, o principal Estado econômico e político, à época. Assim sendo, um expoente histórico para o surgimento dos jornais e movimentos negros, tendo em vista suas reivindicações, manifestações e esperanças para a mobilidade social na capital paulistana, que se modernizava.

Na mesma direção, ainda no campo da sociologia, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1977) trabalha sob o mesmo prisma que Fernandes (2008), salientando que houve muitas barreiras para a ascensão socioeconômica dos negros no Brasil, tendo em vista a situação do liberto, sob a ótica do aburguesamento, nas principais cidades brasileiras, especialmente na região Sudeste, bem como a rejeição imposta pelo homem branco e a política de exclusão do mercado de trabalho. Ainda, em sua obra *Coletividades Negras*, explana muito bem o cotidiano das famílias negras em São Paulo:

Os Antigos escravos [passaram] a formar um subproletariado miserável, sobretudo nas cidades do Sul do país. (...) as grandes cidades brasileiras foram submetidas a um processo de aburguesamento no decorrer do século XIX. Os antigos escravos, não apresentando características requeridas para se adaptarem às exigências urbanas, principalmente à expansão da administração pública, dos serviços, do comércio, foram rejeitados para uma camada social inferior à dos imigrantes brancos (Queiroz, 1977, p.650).

Diante do exposto, de acordo com a autora, supõe-se que a população negra no Brasil sempre tenha se comportado de modo heterogêneo, mesmo durante o momento da escravidão. Assim, conseqüentemente, isso teria prejudicado o sentimento de solidarização no processo de mobilidade social a partir das camadas subalternizadas.

Nesse sentido, já é notável que havia imitação dos valores inerentes à população branca como tentativa de ascensão social no qual os jornais e suas lideranças principalmente nos primeiros anos de atuação da Imprensa Negra. Portanto, identifica-se que determinadas ações não ocorreram de modo generalizado ou sistemático, isso não significa que os protestos raciais não deixaram de existir. Entretanto, também existiram mecanismos (agremiações, reuniões e participação de alguns clubes de futebol) para potencializar e organizar as lutas no cotidiano, bem como superar as contradições sociorraciais, a partir daquele pensamento da antiga formação socioeconômica, que impedia a inserção dos(as) negros(as) em questões básicas para o ingresso na sociedade, principalmente levando-os à leitura e à reflexão da sua realidade sociorracial.

Em suma, no subtítulo a seguir, faremos o exercício de análise crítica a respeito da maneira pela qual os jogadores de futebol negro foram noticiados através dos jornais da imprensa negra. Essa situação pode ser vista também como uma espécie de imprensa alternativa, tendo em vista que os principais periódicos (Grande Imprensa) controlados por uma elite branca não retravam a população negra com protagonismo e com valores a serem considerados. Ao contrário, marginalizavam os grupos étnico-raciais, principalmente por meio dos jornais, com ataques racistas, assim, reforçando as Teorias Raciais como Darwinismo,⁴⁸ que percorreram séculos e séculos sendo peça-chave da engrenagem para a escravidão nos continentes fora da Europa.

3.1 O NEGRO NAS PÁGINAS DA IMPRENSA NEGRA PAULISTANA DURANTE O PRIMEIRO QUARTEL DO SÉCULO XX

Historicamente, no Brasil, o futebol sofre os impasses das questões raciais. Assim, apresenta diferentes interfaces, várias delas se estruturam como forma de imaginário desde a chegada do “esporte bretão” ao país, na última década do século XIX. Dessa maneira, não careceram sujeitos para dinamizar a modalidade esportiva e os efeitos que o meio futebolístico causou nos múltiplos ambientes para seu estabelecimento e sua rápida popularização.

Além disso, é inegável o grande valor que o futebol estabelece para a sociedade brasileira e para a constituição de um modelo/cenário nacional, que vai além dos aspectos esportivos propriamente ditos, ou de aspectos culturais. Eventualmente, passando por várias e significativas modificações, o esporte ainda conserva-se como um dos espaços para reflexão de categorias cada vez mais decorrentes, a saber: “nação”, “identidade” e “raça”. Certamente, a última categoria pouco ou nada traduz a diversidade étnica de um país como o Brasil. E, também, traz consigo ideais de um vasto período da história brasileira em que legitimavam teorias eugênicas⁴⁹, bem como a busca pela política de embranquecimento, que se fortalecia no país, principalmente no século XX.

⁴⁸ Darwinismo é o conjunto dos estudos e teorias relativas à evolução das espécies, desenvolvidos pelo naturalista inglês Charles Darwin (1808-1882). A teoria da evolução defende que todas as espécies descendem de ancestrais comuns que ao longo do tempo geológico foram sofrendo alterações.

⁴⁹ A eugenia é a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias com objetivo de melhorar as gerações futuras. O termo foi criado pelo cientista inglês Francis Galton (1822 - 1911), em 1883. A eugenia defende que raças superiores e de melhores estirpes conseguem prevalecer de maneira mais adequada ao ambiente. Com isso, busca-se aplicar a teoria da seleção natural de Charles Darwin (1809 - 1882) à espécie humana.

Na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, Hall (2003) afirma que a mídia não se constitui apenas como uma fonte básica de informação, mas que se trata de um lugar poderoso em relação à produção e à circulação de valores, concepções e representações, que contribuem na construção de subjetividades e identidades.

Desse modo, discutir o processo de educação no Brasil a partir do ponto de vista de Paulo Freire (2019) e de Carlos Rodrigues Brandão (1995), que sinalizam para um modelo de educação que possa romper o recinto da escola, chamam a nossa atenção para a multiplicidade de pedagogias que operam no cotidiano dos negros a partir da imprensa negra. Portanto, segundo Durval Muniz de Albuquerque, “[...] a mídia e os meios de comunicação de massa são pedagogos onipresentes orientando nossas vidas e nossas mortes” (ALBUQUERQUE, 2008, p. 2). Enfim, concebe-se que os impressos são produtivos e constroem relatos interessados que operam sobre nossas vidas, orientando nossas escolhas, apontando-nos caminhos, construindo significados sobre o mundo, sobre as identidades e a sociedade em que vivemos.

A partir dos *Estudos Culturais* e da colaboração do educador Henry Giroux (1995), nota-se que a função pedagógica da imprensa pode, igualmente, ser identificada no interior do próprio discurso, na pretensa preocupação em instruir e educar a população: como a educação consiste em um ato intencional, independentemente do direcionamento político que os jornais partilhassem – situação ou oposição –, a pertinência das contribuições para os debates formativos no campo educacional permanecia. Por conseguinte, sendo peça-chave para inserção social da população negra paulistana em especial. Para tanto, a imprensa negra, em alguns momentos, arregimenta a responsabilidade e o interesse de conclamar por meio das matérias produzidas pelos descritores na tentativa de alcançar o poder público para que se mobilizasse em prol da implantação e organização de políticas efetivas para a sociabilidade da comunidade negra enquanto política de Estado.

No entanto, Giroux (1995) desperta a atenção para a pedagogia existente na mídia e, de fato, para visualizar nos dispositivos midiáticos (jornal) um dos espaços de uma suposta pedagogia da mídia. Ainda que os jornais negros investido no público que se utilizaria dos dispositivos de imprensa para se manter informado a respeito do que estava acontecendo no estado paulistano e no Brasil. Portanto, ressaltamos a hipótese da imprensa negra paulistana de circulação geral com função pedagógica. Desse modo, entendendo que a educação não é um fenômeno que se processa apenas em instituições destinadas a esse fim, reside nesse argumento a força para afirmar que a imprensa, no período, teve função pedagógica, educativa e, sobretudo, formativa, como apontada pelo autor.

Nesse sentido, com vistas para a pedagogia cultural por vezes já salientada por Kellner (2006), a mídia (imprensa negra) mesmo enfrentando diversas dificuldades para sua sobrevivência, promoveu a ampliação do campo de debates e discussões, extrapolando as características que impediam a luta por direitos básicos e de inserção social de homens e mulheres negros(as). Embora presente nas entrelinhas dos discursos, fato que não inviabilizou que, por meio de outros dispositivos impressos, fosse veiculado determinado conjunto de valores e modos de pensar sobre a educação, assim como formas de representação consideradas positivas e que deveriam ser adotadas no território paulistano.

Os periódicos negros demonstraram e, por vezes, anteciparam as questões de fundo no campo educacional, colocadas em debate, pontos de provocação, chamamento político, dentre outros formatos. Por conseguinte, reconhecer a importância da produção dos Estudos Culturais para a ampliação da ideia de cultura e constatar nos jornais aspectos culturais de rica relevância a de considerar a cultura como “a esfera primária onde indivíduos, grupos e instituições engajam-se na arte de traduzir as diversas e múltiplas relações que medeiam a vida privada e as questões públicas” (GIROUX, 2004, p. 62). Contudo, a marca da legitimidade intelectual no campo simbólico da divulgação das ideias, como afirma Bourdieu:

O discurso escrito é um produto estranho, que se inventa no confronto puro entre aquele que escreve e “o que ele tem a dizer”, à margem de qualquer experiência direta de uma relação social, à margem também dos constrangimentos e das solicitações de uma demanda imediatamente percebida, que se manifesta por todo tipo de signos de resistência ou de aprovação (BOURDIEU, 2004, p. 9).

Com base nesse pressuposto, verifica-se que as lentes da imprensa negra paulistana capturaram aquilo que tinha potencial para virar notícia, de acordo com um conjunto de interesses, tendo em vista as inúmeras mobilizações propostas por meio dos noticiários. Nessa direção, ressaltamos a importância dos *Estudos Culturais*, que apontam na direção de mostrar:

[...] como os processos de aprendizagem constituem os mecanismos políticos através dos quais as identidades são formadas e os desejos mobilizados, e como as experiências assumem formas e significados dentro e através de condições coletivas e de forças maiores que constituem o reino do social (GIROUX, 2004, p. 62-63).

Diante disso, Giroux (2004) “insiste que devemos enxergar a pedagogia para além da escola”, já que é só prestando atenção e analisando o contexto sociocultural que os educadores podem ter condições de melhor compreender as forças políticas e culturais que o formam.

Ainda de acordo com o autor, ao compreendermos que estes artefatos da cultura – publicidade, filmes, televisão, entre outros – praticam uma pedagogia, ensinam e

posicionam os sujeitos, estamos entendendo como a política cultural se exerce, como os arranjos sociais são engendrados. Esse tipo de pesquisa tem implicado “uma preocupação com análises de produção e representação do significado e como essas práticas e seus efeitos estão envolvidos na dinâmica do poder social” (GIROUX, 1999, p. 13).

Todavia, o autor corrobora para se pensar na prática cultural e nas pedagogias contidas nos jornais, visto que são elementos cruciais para uma leitura crítica da mídia, uma vez que existem artefatos presentes na escrita jornalista. Esses artefatos podem contribuir para opressão e marginalização de um determinado grupo e manutenção das ações opressoras dos sujeitos que estabelecem as regras no cotidiano. Para ele, “é pela análise das representações embutidas que os sujeitos podem expandir sua compreensão sobre o contexto social e cultural em que estão inseridos” e, conseqüentemente, a gama de estratégias para desenvolverem um senso de resistência e transformação.

Ademais, na imagem a seguir, do jornal Auriverde, fundado em 1º de abril de 1928, na cidade de São Paulo, sendo constituído pelo diretor João Augusto de Campos e também pelo redator Deocleciano Nascimento, possuía características de ser um semanário que trabalhava com o subtítulo literário, humorístico e noticioso. Ainda, o periódico publicou 4 (quatro) edições entre os meses de abril e maio do ano referido.

Imagem 12 - jornal Auriverde 1928 edição “02”



Fonte: Imprensa negra paulista (USP) (2021)⁵⁰

No semanário acima, o futebol ganhou destaque em uma das manchetes por conta da vitória da Associação Atlética São Geraldo, supostamente sendo um dos poucos times que mantinham jogadores negros em seu plantel, em meio a um cenário no qual os homens negros não deveriam frequentar. Além disso, a maneira descrita pelo jornal demonstra que a partida é correspondente à Liga Intermediária de futebol (amador), visto que, na principal liga paulista, os clubes que tivessem atletas negros não poderiam participar da modalidade. Ainda, ao anunciar a força da A.A.S.G, que se destacava naquela partida e por seguir caminhos diferentes, principalmente em manter no seu elenco de jogadores negros e pobres, contribuiu para o enfrentamento, ou seja, poderiam praticar o esporte onde quisessem.

Nesta direção, acreditamos que os jornais trazem representações, escolhem o que vão noticiar; assim, ao retratar, a A.A.S.G seria mais uma das manifestações direcionadas por meio das escritas com objetivo de alcançar um determinado público, que, talvez, seja o grupo de negros letrados. Por conseguinte, a matéria continua potencializando os jogadores do A.A.S.G, apresentando sua supremacia diante dos adversários e fazendo questão de descrever os nomes dos atletas para dar maior visibilidade, em outras palavras, popularidade aos jogadores.

Portanto, os redatores utilizaram os impressos como um veículo de valorização da comunidade negra para fins de mobilidade social, educação, cultura, esporte e, além disso, para o combate ao racismo existente nas ligas de futebol no Brasil. Nesta conjuntura, ao analisar

⁵⁰ <http://biton.uspnet.usp.br/impresnanegra/index.php/auriverde/>

nossas fontes, identificando nelas um dos espaços de ressignificação em prol dos grupos de negros (as) que viviam em São Paulo em meados do século XX.

Ademais, a Imprensa Negra cumpre seu papel de reconfiguração do imaginário da população negra ao viabilizar o protagonismo negro na sociedade brasileira da época, por meio do esporte futebolístico, rompendo o paradigma do silêncio e o ocultamento sobre os intelectuais negros que se articulavam para a escrita dos impressos. Assim, sobretudo, demonstrando para a comunidade negra suas contribuições à cultura nacional. Conforme sugeriu Stuart Hall (2003), nesses momentos, “os traços africanos”, escravizados e colonizados, que sempre foram não ditos, subterrâneos e subversivos, se tornavam visíveis. Portanto, as narrativas verbais e imagéticas, veiculadas no jornal *Auriverde*, ao encenarem publicamente o “direito de significar” para os grupos negros, constituíram-se como um espaço de transgressão.

Diante disso, o próximo jornal a ser analisado é *O Homem do Povo*, também localizado em São Paulo. Este foi fundado no dia 27 de março de 1931, publicando 8 edições até o mês de abril do mesmo ano. Ainda, detinha como idealizadores *Oswald de Andrade e Patrícia Galvão*, para tanto, ele/ela utilizava de seus potenciais críticos e dos recursos da linguagem expressiva e comunicativa para a escrita do periódico, com o escopo de denunciar, provocar e ridicularizar valores consagrados pela burguesia e pelo sistema capitalista que a sustenta. Desse modo, fundindo o embate político do articulista e o embate estético do escritor modernista. Nesse viés, o semanário estabelece características da militância política, por conta de seus integrantes que se articulavam colocando em prática seus ideais, como a forte influência de Astrojildo Pereira Duarte Silva, que foi um ex-anarquista, escritor, jornalista, crítico literário e político brasileiro, fundador do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1922, por exemplo.

Imagem 13 – jornal O Homem do Povo 1931 edição “01”

INICIO DO CAMPEONATO PAULISTA DE FUTEBOL

Domingo, 29, terão início os jogos da divisão principal da A. P. de E. A.

SANTOS x S. PAULO.
Campo do Santos, em Villa Belmiro.
Juiz, Carlos Rustichelli.
Salvo modificações, o S. Paulo apresentará mesmo conjunto que disputou o torneio iniciado domingo ultimo. O Santos bastante treinado apresentará um quadro disposto a não deixar sahir a victoria de sua casa.

C. A. JUVENTUS x C. A. YPIRANGA.
Campo do Juventus.
Juiz, Attilio Grimaldi.
Com uma rapaziada nova o Ypiranga apresentará um quadro decidido a fazer bastante força, pois o Juventus encontrará pela frente elementos como Aché I e II, Apprá e Zuanella, bastante conhecidos do nosso publico.
O Juventus está disposto a reproduzir as façanhas do campeonato passado.
Bom jogo.

A. A. S. BENTO x SANTISTA.
Campo do S. Bento.
Juiz, Candido de Barros.
Depois do brilhante feito de domingo, o Santista deverá levar a melhor nessa partida.
O conjunto do S. Bento jogando com entusiasmo como domingo, offerecerá forte resistencia.

S. C. INTERNACIONAL x PORTUGUEZA.
Campo do S. Paulo.
Juiz, Carlos Friedénreich.
O Internacional depois de terminado o campeonato, se apresentará

A Portuguesa com algumas modificações no seu quadro, no torneio inicio apresentou-se em campo sem os zagueiros e alguns elementos da linha.
E' o franco favorito desse prélio.

DIVISAO MUNICIPAL

CASTELLOES x ESTRELLA DO PARY.

E. C. REPUBLICANO PAULISTA x C. A. BRASIL.
Campo da A. A. Scarpa.

A. A. ABILIO SOARES x UNIAO VILLA ESPERANÇA F. C.
C. A. PARQUE DA MOO'CA x A. A. VILLA DEODORO.
Campo do Estrella de Ouro.

JARDIM AMERICA x E. C. HUNGARA REPUBLICA.
A. A. S. GERALDO x E. C. DEMOCRATICOS PAULISTA.
Campo do Roma F. C.

PELA VARZEA

A. A. 28 DE SETEMBRO x VILLA MONUMENTO.
Realiza-se no proximo domingo, no campo do segundo, sito no Ypiranga, o jogo acima.
A A. A. 28 de Setembro pede o comparecimento de todos os jogadores ás 13 horas, na sede social.

FOI VENDIDO PARA O RIO
Foi vendido para o Rio de Janeiro, devendo seguir amanhã para a Capital o cavallo F. P., filho de Buckless e Half Sister, que pertencia ao Sr.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (2021)⁵¹

O excerto acima destaca o início do campeonato paulista de futebol. Assim, ao anunciar as partidas de futebol que ocorreriam naquele domingo, há também os horários dos jogos e as divisões de cada time. Fato que chama a atenção, na estrutura de escrita do jornal, é o destaque direcionado aos clubes correspondentes da divisão principal, supostamente fazendo questão de seduzir os torcedores para comparecer nas partidas. Além disso, observa-se que, para cada time da divisão principal, há uma descrição dos atletas e suas preparações para os jogos que iriam acontecer naquele momento.

Ao prosseguir em nossas análises, percebemos que o futebol chega no Brasil e se expande consideravelmente para as diversas regiões brasileiras. No entanto, este fenômeno cultural, que se populariza rapidamente, exige que mais divisões sejam feitas para contemplar a necessidade da prática esportiva pelo país. Assim, notamos que as divisões acontecem por municípios, estados ou, ainda, de forma que estabeleçam uma hierarquia das categorias entre os clubes, como temos visto nos dias de hoje. Por outro lado, a modalidade possui tamanha força que, mesmo existindo os times principais, o esporte futebolístico também é jogado na várzea, demonstrando suas características de sedução e de envolvimento, algo contagiante.

⁵¹ <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/homem-povo/720623>

Ademais, segundo Hall (2016), os estudos que analisam os efeitos da mídia nas sociedades estabelecem o que ele próprio denomina “política da imagem”, bem como realizam questionamentos e as disputas sobre o que a imagem representa. Afinal, um dos efeitos claros dos aparatos midiáticos é constituir um espaço autônomo (em boa parte imagético) de visibilidade pública, em que políticos, atores, jogadores, celebridades e até mesmo instituições ascendem e descendem, nascem e morrem, muitas vezes de maneira bastante veloz (HALL, 2016, p.10).

Em seus periódicos, os jornalistas negros estruturaram os discursos influentes aos seus próprios códigos culturais como uma das estratégias de se deslocar e extrapolar, na tentativa de expandir o léxico de representações dos sujeitos negros, desnaturalizando lugares sociais ainda cristalizados. E afirmando, por meio de textos e imagens, outras configurações de descrever o negro e de constituir subjetividades e identidades negras positivas em São Paulo, já nas primeiras décadas do século XX.

Nesse aspecto, Domingues (2013) sublinha que o negro no período pós-abolição “percebeu” na educação sua real importância, bem como o valor dos diplomas. “Não somente os descobriu como resolveu agenciá-los por iniciativas próprias, sem depender da ação do Estado” (DOMINGUES, 2013, p. 295). Dessa maneira, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2005) fomenta que, para os negros, a educação não é somente um caminho de realização individual, mas que a formatura de cada estudante negro reverbera em toda a comunidade negra, que se realiza e se fortalece. Daí a importância social atribuída aos diplomas conquistados pelos negros em um cenário marcado pelas desigualdades étnico-raciais e pelas dificuldades de acesso da população negra à educação formal vista em São Paulo e em outras regiões do Brasil.

Assim, diante das circunstâncias nas quais a comunidade negra vem sendo representada ou transcrita nos jornais negros, evidencia-se sua persistência para demarcar seu lugar diante de uma política governamental que caracterizava os grupos negros como seres humanos atrasados para o progresso brasileiro. Afinal, pensar acerca dessa população negra, durante os primeiros anos do século XX, em São Paulo, é comprovar o racismo estruturante aplicado pelo Estado brasileiro, sob a ótica de falta de políticas públicas com o fim de reparações sociais àqueles/as que tiveram que conviver e ainda convivem com as injustiças que assolam os/as negros (as) deste país.

Portanto, *A Voz da Raça*, que surgiu em 1933, é o nosso próximo impresso negro a ser analisado. Este já tem como título uma mensagem que, de certo modo, propõe a discussão dos sujeitos negros e negras que viviam em uma das principais cidades brasileiras. Para tanto, a Frente Negra Brasileira (órgão responsável pela criação do jornal) contribui trazendo diversos

textos sobre acontecimentos relacionadas a eventos sociais negros, bem como reflexões sobre a vida do negro nesse período. Essa característica de ressaltar a vida social negra tem uma importância na discussão sobre o sentido da busca por cidadania do negro na sociedade brasileira paulistana.

Imagem 14 - Jornal A Voz da Raça 1933



Fonte: Imprensa Negra Paulistana (2021)⁵²

No fragmento acima, identifica-se que o periódico defendia as pautas de entidade, como a integração do negro na sociedade brasileira, a identidade nacional negra e uma integração na sociedade brasileira. O jornal que publicou edições até 1937 trazia os acontecimentos relacionados à FNB (uma das maiores instituições negras do período, com estrutura em vários estados), uma intensa agenda cultural, para destacar a vida social do negro e sustentava posições político-ideológicas pautadas na luta contra o preconceito racial (SODRE, 2015).

Nesse sentido, concordamos com Magalhães (2010a), que a imprensa negra é um registro deixado pelos próprios negros sobre a sua história e sobre o contexto em que estavam inseridos, ela é cheia de intencionalidade e de escolhas. Além disso, Isaltino Benedito Veiga dos Santos associou-se com Francisco Costa Santos na idealização da entidade negra, assim, depois de arregimentarem outros colaboradores, ainda assumiu os cargos de secretário-geral e membro do Grande Conselho. Desse modo, detendo grande poder administrativo, controlando a propaganda e encarregando-se da representação oficial da FNB junto a outros grupos e instituições e à imprensa, além de escrever muitos artigos para o influente jornal da entidade, A

⁵² IMPRENSA NEGRA PAULISTA. **A Voz da Raça 1933**. Disponível em: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>. Acesso em 20 outubro. 2021.

Voz da Raça, fundado por ele e seu irmão Arlindo, que então era o presidente. A Frente cresceu rápido, chegando em seu apogeu a ter mais de 25 mil associados reunidos em mais de 60 filiais em vários estados do Brasil, sendo a mais destacada e influente associação de seu gênero em sua época, transformando-se em partido político em 1936, com uma orientação patrianovista⁵³, integralista e nacionalista.

Dessa forma, o semanário traz a imagem do homem negro em destaque na capa do periódico intencionalmente, com intuito de dar viabilidade à raça negra que, naquele momento, lutava contra as injustiças e descasos. Nesta direção, a estrutura do jornal coloca a imagem do homem negro como figura representativa de uma raça. Ainda, usa uma frase convocando os grupos negros com a finalidade de demarcar seu espaço em meio à sociedade, que, antes, nem aceitava o negro como cidadão, tendo em vista a força da política negacionista que assolava a comunidade negra à época.

Ainda, estampar a bandeira brasileira como símbolo da nação e passar a mensagem que o povo negro vive aqui e precisa ter seus direitos cumpridos, evidentemente, foi uma das estratégias dos jornais negros na busca pelo estabelecimento da promoção de um debate racial no Brasil e sua efetiva necessidade de emancipação.

Essa imprensa tinha o intuito de exercer liderança sobre as massas negras, organizando a solidariedade da comunidade negra em torno de ações educativas sob o signo de indisfarçável puritanismo. À medida que se extremavam as posições políticas no Brasil a partir da crítica generalizada à democracia liberal, subrepticiamente associada à República oligárquica, essa imprensa ressuscitava as velhas categorias raciais, fazendo seu proselitismo em torno da arregimentação da raça negra (GUIMARÃES, 2012, p. 18).

Além disso, aos diversos problemas vivenciados no pós-abolição, a imprensa negra foi um dos instrumentos de luta da população marginalizada que sofria com a opressão. Também, com a necessidade de fazer frente (embate) ao sistema que oprimia não era feito somente pelo uso da força física. Os escritos deixados nesses semanários permitem muitas considerações sobre o comportamento, as ideias, os valores e os princípios, além de registrar a atuação de diversos personagens que buscavam uma melhor condição de vida para a comunidade negra.

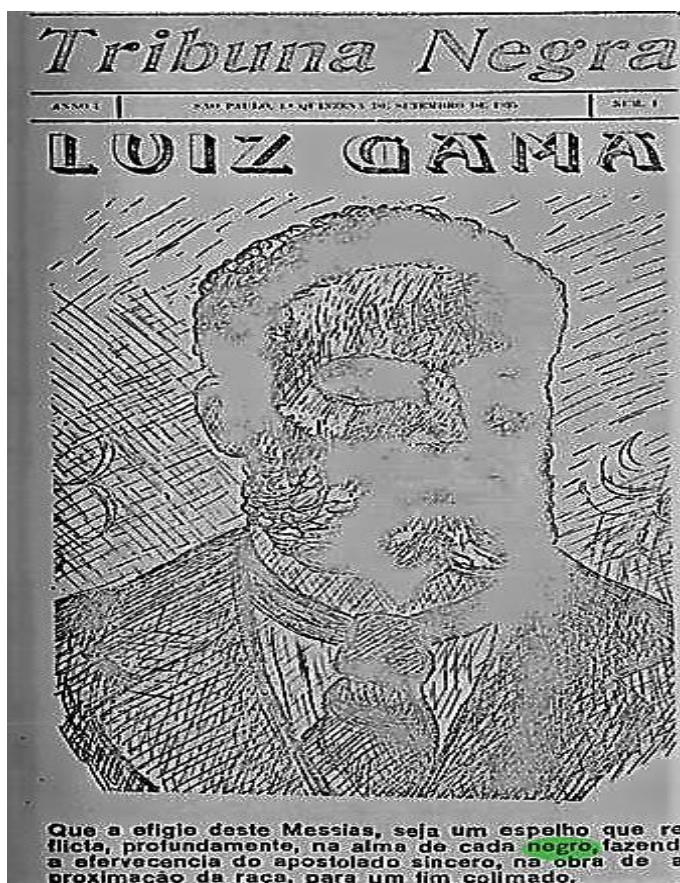
Nessa esteira, esses jornais permitem que o pesquisador possa conhecer ainda mais a respeito da sociabilidade dos grupos de homens e mulheres negros/as, o papel das mulheres

⁵³ O movimento Pátria-nova ou patrianovista surgiu a partir do Centro Monarquista de Cultura Social e Política Pátria Nova, fundando em 1928. Desse modo, Arlindo Veiga dos Santos (fundador da Frente Negra e do Centro Monarquista de Cultura e Política Pátria Nova) e igualmente seu irmão Isaltino Veiga dos Santos fundaram Ação Imperial Patrianovista Brasileira, em 1928. O movimento patrianovista tinha como objetivo questionar a instauração do republicanismo e da democracia liberal no Brasil, buscando construir formas de mobilização que reinstaurasse a Monarquia no Brasil (LANNES, 2002).

negras na organização de seus grupos, por meio da qualidade desses indivíduos pelos mais diferentes espaços sociais (não necessariamente somente de negros). Ainda, de que maneira eles participaram da história e interagiram nesse contexto, fugindo do determinismo que os condicionava, o que pensavam e debatiam em torno da cidadania, as reivindicações e denúncias a respeito dos casos de racismo, entre outras formas de banalização.

O próximo periódico *Tribuna Negra* (1935) tinha como diretor Augusto P. dos Neves, redator Manoel A. Santos e secretário Fernando Góes. O acervo que era produzido quinzenalmente buscou diferentes notícias para apresentar a vida da comunidade negra, enaltecendo a luta e suas reivindicações para uma vida digna e o cumprimento de direitos até então negligenciados.

Imagem 15 - Jornal *Tribuna Negra* 1935



Fonte: Imprensa Negra Paulista (USP) (2021)⁵⁴

54

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=845078&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=4>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

O excerto valoriza a ilustração, destacando-a, com o escopo de chamar a atenção dos leitores, e o protagonismo negro na luta contra a escravidão, com vistas para Luiz Gama⁵⁵, poeta, jornalista e advogado, foi responsável pela libertação de muitos escravizados, antes da escravidão ser abolida no Brasil. Também, por meio dos impressos, Luiz Gama denunciava violações das leis por parte dos representantes dos senhores, assim, com maestria, denunciava sentenças e apontava os erros cometidos por juízes e advogados, talvez nada mais justo que este periódico receba como nome “Tribuna”, com o objetivo de conclamar os grupos negros para emancipar e legitimar as injustiças praticadas pelo próprio Estado-jurídico.

Neste viés, utilizando a figura de Luiz Gama, dentre as estruturas dos impressos negros, é algo planejado trazer na capa do jornal dando ênfase e sinalizando sua importância no combate ao racismo estruturante, que se sustentava nas Leis escravagistas à época. Assim, o abolicionista de características radicais tratava das questões da comunidade negra, refletindo em prol da realidade em que as famílias negras viviam em seus cotidianos, para assim agitar os grupos e garantir a plena cidadania de homens e mulheres, que recentemente haviam saído da escravidão.

Dessa maneira, considera-se que, o jornal Tribuna Negra, foi também um dos espaços para o enfrentamento do racismo estrutural. Certamente, que analisar e refletir as formas de organizações dos jornais negros para que continuassem circulando e, além disso, levando as informações aos pequenos grupos de intelectuais negros, pressupõe-se como algo significativo para ampliar nossas investigações.

Assim, de acordo com Fanon (2018), uma sociedade racializada, que foi sendo construída com ideias e atitudes racistas, tornando-se supremacia, bem como colocando em prática ações de crueldades que se espalharam pelo mundo, em seu primeiro momento, por meio do Império, e logo em seguida, através do Estado-nação moderno, que se demonstra também racista.

Conforme ressalta Fanon (2018), levando-se em consideração a força que o racismo tem e suas maneiras de proliferação na sociedade:

O racismo incha e desfigura o rosto da cultura que o pratica. A literatura, as artes plásticas, as músicas para mocinhas ingênuas, os provérbios, os hábitos, os padrões, seja como for, eles se propunham a executar o processo, ou banalizá-lo, para

⁵⁵ Luiz Gama nasceu na Bahia livre, era filho de uma africana livre e de um fidalgo de origem portuguesa, cujo pai o nome ele nunca revelou. Aos 10 anos, seu pai o vendeu como escravo e foi para São Paulo. No cativeiro, aprendeu a ler e escrever e reconquistou a sua liberdade após provar que havia nascido livre. Daí em diante, sua paixão pelas letras e seu espírito aguerrido não pararam de crescer. Publicou, em 1859, uma coletânea de poemassatíricos, “*Primeiras Trovas Burlescas*”, em que faz uma crítica social e política da sociedade brasileira, denunciando as questões raciais do ponto de vista negro, na primeira pessoa.

reestruturarem o racismo. Isso significa dizer que um grupo social, um país ou uma civilização não podem ser racistas inconscientemente (FANON, 2018. p.31).

Nesta direção, como já apontado por Fanon (2018) em trecho citado, no qual podemos identificar as raízes sólidas do racismo e buscar meios de minimizar seus impactos na sociedade, por meios das mídias, constata-se na imprensa negra a luta travada pelo abolicionista Luiz Gama, que percebeu nos jornais um dos recursos para denunciar as injustiças que os sistemas governamentais causavam na vida do povo negro, em São Paulo.

Para tanto, Fanon (2018) sinaliza que os sujeitos não agem de maneira inconsciente, sabem muito bem que este racismo enraizado é fundamental para excluir, criminalizar, desumanizar e estabelecer limites dentro de uma sociedade que ainda avalia o discurso da meritocrática e também da naturalização do racismo.

Certamente, que, os intelectuais negros, ao se apropriarem dos periódicos para manutenção da identidade, memória e cultura de seu povo, supostamente, deixaram legados significativos para unificação e reestruturação de políticas para o enfrentamento aos governantes e adeptos favoráveis à manutenção da desigualdade social e da precariedade vivida no Brasil, em que a população negra jamais foi vista como integrante do país.

Assim, por mais que os jornais busquem seduzir determinados grupos e carreguem consigo seus pontos de vista há, quase duzentos anos, a imprensa negra, em períodos históricos diferentes, direcionou os impressos negros com suas escritas para a defesa do direito à sociabilidade da população negra. Além disso, contribuía para a permanência da memória de seus ancestrais.

No entanto, os caminhos que direcionam para a desconstrução dessa realidade são árduos e só podem ser edificados com a consciência de que o combate ao racismo era e continua sendo, infelizmente, somente de interesse da população negra.

De acordo com a teoria de Magalhães (2010a), o que culminou na criação de jornais que dessem conta de responder as injúrias, maldades e difamações diárias recebidas pela população negra, tendo em vista a escrita que lhes garantiu um papel de autor de suas histórias. Não foi preciso que ninguém falasse por eles, visto que se posicionaram e organizaram sua defesa. Por isso, eles são os protagonistas de sua história e legitimaram a questão de que a educação para além da sala de aula pode ser, sim, um dos mecanismos para o ensinar e aprender, principalmente em locais nos quais não há educação formal.

Nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Fernandes (2008) e Magalhães (2010a), a aparição de negros (as) nos jornais de grande circulação não era comum, exceto em casos policiais, em que, intencionalmente, destacava-se a cor da pele, reforçando concepções

racistas (do negro criminoso, desocupado, vadio e malandro). Os negros não eram representados (as negras menos ainda), apesar de estarem, em diversos casos, entre os trabalhadores das tipografias, das gráficas e das redações. Mais um ponto que demonstra como as relações raciais no Brasil não são amenas.

O jornal *O Mutirão: órgão da associação cultural do negro* (1958), situado em São Paulo, na rua S. Bento, 405.16º andar, tinha em sua diretoria Jacyra da Silva, que, também, ocupava o cargo de redatora do periódico produzido mensalmente, ainda que seus exemplares: ano I-1-2 que estão disponíveis na Imprensa Negra Paulistana obtendo 4 páginas cada. Esse jornal circulou entre os meses de maio de 1958 a junho do mesmo ano, bem como contou com alguns colaboradores: José Correia Leite, José Elias de Paula, Dalmo Ferreira, “Tia Lily”.

Imagem 16 - Jornal *O Mutirão: órgão da associação cultural do negro* (1958)

Toda cultura negra tem como base fundamental a sua música e o que vemos agora nessa juventude, contraria completamente esse princípio. Deixou de cultivar aquilo que serviu de guia, de escola para tantas raças. Verdadeiramente espantoso e escabroso! Não podemos admitir que se deturpe o sentimento negro, não pelo simples fato de ser negro, mas porque é algo superior e que nenhuma outra raça, em se tratando de música popular, possui. Essa foi a dádiva de Deus para o negro e a mais sublime que poderia ter ele recebido. Ou essa juventude vai buscar na música americana aquilo que é realmente do negro, ou não vai buscar nada. Que ela forme um intercâmbio cultural-musical com os irmãos da América, isso concordamos. Do contrário, o obstáculo da mistificação não será transposta.	Rio, 17.6-58. Prezada Diretora de «O Mutirão». Meu abraço Se não fora o respeito que tenho à juventude, não nos atreveria escrever estas linhas, para fazer justiça a um dos maiores negros vivos da nossa infeliz raça. Trata-se de um artigo de Dalmo Ferreira, sob o título «As Grandes Realizações do Teatro Experimental do Negro» onde o articulista inicia seu trabalho afirmando que o teatro foi fundado por Lino Guedes, Geraldo Campos e Agualdo Camargo, e, talvez por um lapso imperdoável ou por ignorância, deixou de citar o seu verdadeiro fundador e criador, Abdias Nascimento, que por sinal é primo do Geraldo Campos e esteve hospedado na própria residência do pai do Geraldo Campos, quando do início do movimento de	Campinas em 1938. Entretanto, o «Teatro Experimental do Negro» foi fundado em 1944 no Rio, sendo mais tarde criada a então seção de São Paulo, que é uma simples e pura dependência do Teatro Matriz criado por Abdias Nascimento. Estou certo que os meus patricios jovens de São Paulo, publicarão esta carta de acordo com a ética jornalística, para que a geração vindoura não seja mal informada a respeito das realizações dos nossos grandes vultos contemporâneos! Sendo no momento o que nos levou a escrever-vos, esperamos em Deus que vosso empreendimento progrida e conquiste pleno êxito... para maior grandeza e elevação de nossa gente. Do menor irmão negro — Sebastião Rodrigues Alves».
--	---	---

PRESTIGIE A ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO NEGRO

Ela conta com a sua colaboração na luta em prol do aprimoramento cultural dos nossos irmãos Negros. Dê a sua adesão inscrevendo-se como sócio.

Sede: Rua São Bento, 405, 16.º andar, sala 1615

— Telefone: 34-2524.

Fonte: Biblioteca Nacional (2021)⁵⁶

Ademais, ao observar o fragmento acima, nota-se que suas características enquanto colunas mensais tinha como norte à educação das crianças e, conseqüentemente, para a juventude negra. Para tanto, foram construídos artigos que procuravam desenvolver o interesse infantil pela leitura e pelas artes, propondo leituras e diversões, com parágrafos escritos pela

⁵⁶ http://memoria.bn.br/pdf/845132/per845132_1958_00001.pdf. Acesso em 24 de outubro de 2021.

“Tia Lily”. O impresso contou com colunas sociais nas duas edições analisadas, divulgando aniversários, casamentos e óbitos, além disso, outros exemplares divulgavam atividades culturais e esportivas em que a comunidade negra estava inserida.

Diante disso, O Mutirão é um periódico do ano de 1958, dedicado às pessoas “da raça”. Por conseguinte, ao fazer a leitura da imagem acima e também investigando o contexto histórico do jornal, identifica-se que seus temas estão mais ligados à história dos negros, ao pensamento, à cultura, condenando qualquer forma de discriminação racial. Dessa maneira, possibilitou a publicação de

artigos sobre a vida e a obra de alguns grandes autores como: Lima Barreto e Castro Alves. Contudo, assumiu o compromisso de valorizar a música como qualquer outro tipo de cultura, mas dá ênfase à música negra e ao esporte como grandes manifestações culturais, diferentemente dos outros circulares, deixa a política de lado para apreciar a cultura negra e brasileira em São Paulo (BASTIDE, 1973, p.156).

Neste aspecto, sobre a escrita do excerto, fica evidente a tentativa de estimular, seduzir e valorizar a necessidade de retratar e assegurar a identidade negra como um dos instrumentos para o enfrentamento do racismo em seu cotidiano, uma vez que afirmar a cultura negra por meio da música, de poemas e de outras mais, consolidou marcas positivas para reafirmar o posicionamento contra as distintas formas de injustiças praticadas pelos homens brancos e membros da elite, que governavam o Brasil naquele período.

Diante dos contextos que demonstram as diversas estratégias dos grupos negros, sublinha-se que o periódico surge como uma agremiação cultural do negro e fomentou ou participou de diversos eventos, sempre almejando alcançar seu objetivo principal de “recuperação social do povo negro”, a partir da cultura, das artes e da educação, como já salientado. Segundo Bastide (1973), criou um coral; promovia semanalmente palestras, denominadas *Os encontros de Cultura Negra*; desenvolveu um projeto para a implantação de um centro cultural em sua sede; formou uma biblioteca para uso de seus associados; publicou os “Cadernos de Cultura”; e um jornal intitulado *O Mutirão*. Em seu primeiro número, José Correia Leite – em nome do Conselho Superior da Associação Cultural Negra – saudou a iniciativa do grupo de jovens que publicava o jornal:

Sejam as palavras do Conselho Superior da A.C.N. uma saudação do regozijo a essa “Juventude Estudantil” que, hoje, nos brinda com o primeiro fruto de seus esforços. Esses esforços também são frutos de um idealismo, por isso, não temos dúvidas que o aparecimento de “O MUTIRÃO” é um acontecimento novo no meio associativo da A.C.N., e que por certo, marcará uma época. [...] Oportunidades não faltam à nossa juventude para prestar bons serviços à nossa coletividade. E servindo o bem coletivo, a mocidade serve-se a si mesma. Que seja pois “O MUTIRÃO”, o reflexo da

inteligência e da capacidade desses moços e moças que integram a direção deste pequeno jornal (O MUTIRÃO, 1958, p. 1).

Enfim, concordamos com as ideias dos membros deste jornal, tendo em vista que apostar na cultura e no esporte como instrumentos para emancipar os grupos marginalizados pela sociedade podem trazer resultados significativos, principalmente para garantir os direitos básicos das crianças e adolescentes. No entanto, compreender que, nestes espaços, a educação pode ocorrer através da arte, música, dança e esporte seja o primeiro passo para uma educação antirracista. Também, que considere o ensinar e aprender em outros locais como um modelo de educação (informal).

Neste viés, de acordo com Nilma Lino Gomes (2012), torna-se evidente que há uma política de extermínio da juventude negra⁵⁷, não sendo exagero considerar que no Brasil este mecanismo foi e continua sendo utilizado para demarcar lugares/espacos em que as famílias negras devem sobreviver.

Ainda, que atitudes perversas continuam presentes no dia a dia da população negra, e se solidificam por meio das estruturas que correspondem ao racismo persistente em nossa sociedade desde os tempos coloniais. Desse modo, segundo a autora, “essa perversidade se esconde na sua suposta invisibilidade, visto que uma das artimanhas do racismo, no Brasil, é se esconder” (p.12). Ora ele se esconde atrás da questão de classe, ora do Estado, ora da vulnerabilidade, ora da pobreza. Um racismo estrutural, estruturante e ambíguo. A sua principal característica é a sua capacidade de se afirmar através da sua própria negação. Por fim, Borges Pereira (1996) aponta que:

(...) Dentre tantas outras características do modelo racial brasileiro – características que o definem e não permitem que seja comparado com outros que o mundo conhece – a ambiguidade é uma delas. Combatê-la, sim. Estigmatizá-la não conduz a lugar algum. Ignorá-la, também não. A ambiguidade é o dado de uma realidade desafiadora e movediça, plena de meios-tons, e como dado deve ser tratada (PEREIRA, 1996, p.75).

Sendo assim, olhar para as escritas negras, por meio dos jornais e, sobretudo, para o processo histórico de mobilização dos homens e mulheres pertencentes ao grupo negro, faz todo o sentido a verificação de luta diante dos casos de racismo, que, historicamente, se formaram nas relações de poder, reeditado e acirrado pelo sistema capitalista. Assim, o racismo beneficia-se dos efeitos psicológicos que consegue produzir, especialmente, nas elites e na classe média, como visto por meio da Imprensa Negra Paulistana. Para Munanga (1996, p.215), “o racismo

⁵⁷ Ver em Pedagogia da Crueldade: Racismo e Extermínio da Juventude Negra.

brasileiro na sua estratégia age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz; é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente em seus objetivos”.

Nesse contexto, retomamos a citação de Gomes (2012), a qual utilizamos para iniciar a escrita desta seção, em que autora diz: “Quanto mais se nega a existência de racismo, mais ele se propaga”. Assim, diante da afirmação, foi possível identificar, a partir das fontes da pesquisa, que o racismo foi e, infelizmente, continua sendo negado no Brasil. Os jornais negros denunciavam as inúmeras práticas de propagação do racismo, no processo de sociabilidade, educação, trabalho, moradia e futebol. Dessa maneira, verifica-se, com base nas investigações, que a negação do racismo estrutural e estruturante solidificou sua permanência ao longo dos anos e continua sendo uma das barreiras sociais para ascensão da população negra, como foi vista também no futebol, entre outros segmentos.

Por essa razão, é necessário persistir cada vez mais nas denúncias e investir na educação como uma das ferramentas de transformação, com a finalidade de instruir a sociedade para o embate contra o racismo no cotidiano.

Dessa forma, por meio de tais contextualizações, supõe-se que, momentaneamente, esse racismo continua enraizado, uma vez que, com o passar dos anos, gradativamente, as denúncias de racismo são apresentadas pelas mídias, e as pessoas envolvidas em atitudes racistas quase sempre assumem a culpa das ações. No entanto, as mudanças ou até mesmo as campanhas contra o racismo no futebol e as punições somente são potencializadas naquele momento.

Em contrapartida, acreditamos que há necessidade de efetivar campanhas através de fôlderes, faixas, placar eletrônico, mensagens nas camisas dos atletas, ainda, as mídias podem contribuir para minimizar situações de estereótipos. Por outro lado, os times de futebol, nas categorias de base, possuem escolas dentro dos clubes, portanto, podem obter professores que trabalhem dentro de uma perspectiva antirracista no espaço de ensino-aprendizagem. Tudo isso para combater e demonstrar que o futebol também está na luta contra o racismo.

CONCLUSÃO

No decorrer deste árduo trabalho, procuramos investigar sobre o negro no futebol brasileiro por meio das fontes impressas, que compuseram os Jornais Negros. Destacando-se que os periódicos formaram uma espécie de embriões no século XIX, que, logo em seguida, na virada de século, se constituíram na denominada Imprensa Negra Paulistana. Assim, tais materiais bibliográficos contribuíram para as averiguações do modo em que o jogador negro e a comunidade negra foram descritos pelos redatores que criaram seus jornais negros. Assim, com o objetivo de escrever a história sociocultural dos grupos negros, haja vista que esta imprensa alternativa procura valorizar seu povo, diferentemente dos jornais da elite branca, que estigmatizavam a população negra, e esta buscava sua ascensão social através do esporte e de outros segmentos.

Nesta direção, desenvolver uma pesquisa acadêmica sobre o futebol, racismo, mídia e educação da comunidade negra é esbarrar com as histórias de vidas dos homens e mulheres negras(os), com seus inúmeros momentos memoráveis da luta e de resistência. Levando-se em consideração as intelectualidades negras, que, estrategicamente, constituíram vasta gama de jornais que fizeram frente à Grande Imprensa. Esta, que buscava retratar a comunidade negra de modo marginalizado na sociedade brasileira, em especial na cidade de São Paulo.

Assim, efetivamente, identificar nas formas de organização do grupo e nele visualizar que a resistência é uma palavra recorrente nas trajetórias e no pensamento da população negra no combate ao racismo no seu cotidiano. Por conseguinte, compreender o lugar do negro/a na história de nosso país, sendo fundamental reconhecer que não existe apenas uma versão da história, e tampouco dentro de uma perspectiva eurocêntrica, colonialista, que se sustenta na falsa democracia racial no Brasil.

Neste sentido, tais afirmações são necessárias para desnaturalizar a maneira de se pensar e estudar a história de luta e ressignificação do negro, tanto no futebol como em outros espaços que, constantemente, foram negados a este grupo. A busca de reescrever as histórias do povo negro é de extrema urgência, e a continuidade das denúncias, também, para o estabelecimento de melhores condições de vida da população nos dias atuais. Destacando-se que continuamos resistindo por meio das escritas e de outros mecanismos, fomentando a denúncia contra as práticas de racismo em diferentes espaços da sociedade, ainda, acreditando nas mudanças do sistema brasileiro para a extinção do racismo através de políticas públicas efetivas para minimizar os impactos estruturais deste fenômeno cultural.

Assim, o objetivo desta dissertação foi analisar, nas manchetes dos periódicos negros, que se constituíram na Imprensa Negra Paulista, a forma em que ocorreram as denúncias através das escritas pelos poucos intelectuais negros, sobretudo dos jogadores de futebol e da comunidade negra, em São Paulo. Além disso, perceber os caminhos para a inserção do negro no futebol e a luta diária para sobreviver frente ao sistema que os desfavorecia.

Ademais, intencionamos apresentar na primeira seção a chegada do futebol no país e para quais grupos a modalidade esportiva foi direcionada, tendo em vista que Charles Miller e Oscar Cox, filhos da elite paulistana e carioca brasileira, voltando de viagem da Inglaterra, trouxeram o futebol na mala. Desse modo, com objetivo de dar mais uma opção de lazer e utilizar a modalidade para fins econômicos, já que a bola e a chuteira eram produtos importados naquela época. Diante disso, o futebol foi apresentado aos seus pares nos finais do século XIX e início do século XX. No entanto, nesta trama, ainda existem outras situações que discutimos na seção, a saber: Amadorismo X Profissionalização e a inserção gradativa do homem negro ao esporte. Também, busca-se apresentar os diversos casos de racismo nos times de futebol, até mesmo por parte dos próprios dirigentes de determinados clubes, ainda, o processo de tentativa de embranquecimento dos atletas negros para o exercício da prática futebolística.

Neste horizonte, concebe-se, a partir das afirmações de Mário Filho (2003) e Magalhães (2010b), que o futebol chega no Brasil em meio a tantos impasses, tais como questões raciais, procedimentos urbanísticos e industriais, que a cidade de São Paulo passava naquele momento. Sublinha-se, então, que a questão racial é algo que não se resolveu durante a chamada Abolição da escravidão e, conseqüentemente, continua impondo barreiras para a mobilidade social dos grupos negros. Tais empecilhos foram vistos no futebol, também, já que, nas primeiras décadas do século XX, era negada a presença de jogadores negros e trabalhadores para a prática do esporte, assim, esta condição foi sendo legitimada até aproximadamente os anos de 1930. Após uma série de debates pelos dirigentes e a insatisfação dos atletas negros, ocorreram mudanças de regulamentos, propostos pelos organizadores das competições, que vão aos poucos fazendo as alterações nas regras do futebol. Assim, tornando-se profissional e, de maneira gradativa, os negros vão sendo tolerados por alguns clubes em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Nesta esteira, intencionou-se, na segunda seção, estudarmos a situação dos negros em São Paulo, por meio das páginas dos periódicos negros, com alguns intelectuais negros que descreviam suas próprias histórias, não sendo necessariamente descritos somente pela Grande Imprensa branca. Além disso, olhar para Imprensa Negra Paulista, no século XX, e observar os métodos de organização dos grupos negros para adentrar espaços negados pelos governantes brasileiros, que insistiam na política de imigração para o desenvolvimento do país. Ainda, com

base em Fernandes (2008), destacando que, naquele momento, a população negra significaria atraso para o desenvolvimento e que o pano de fundo foi trazer imigrantes para o Brasil, com justificativas que apontavam para a necessidade de mão de obra no país.

Assim, diante das fontes que foram apresentadas, verificamos e analisamos em alguns jornais da imprensa negra o protagonismo da comunidade negra para assegurar seus direitos básicos na formação de impressos, agremiações, clubes, partidos políticos (FNB) e times de futebol na busca pela sua sociabilidade. Além disso, a participação de clubes de futebol amador e profissional marcaram supostamente a luta antirracista no esporte. Evidentemente, que o racismo estrutural e estruturante foi e continua sendo um dos artífices para a demarcação de lugares para a população negra no país, bem como a afirmação da marginalidade para os grupos vulneráveis.

Enfim, na seção, foi possível perceber os procedimentos para ressignificação e aposta na educação formal como um dos instrumentos para valorização e reafirmação da cultura negra na sociedade paulistana, que passava por transformações urbanísticas e socioeconômicas, como já destacado por Fernandes (2008).

Portanto, na seção anterior e na última, buscou-se a parte da Pedagogia Cultural, em que Kellner (2006) e Giroux (2004) apontam o modo de analisar, ler, identificar, sistematizar e refletir sobre as mídias, em especial os Jornais Negros. Dessa maneira, ancorados aos Estudos Culturais, sendo um dos pilares epistêmicos da pesquisa, praticamos o exercício de identificar nos impressos escritos pelos homens negros um modo de ler os jornais para assimilação das práticas/attitudes racistas durante o século XX e para evitar o racismo. Em síntese, reafirmamos que a Pedagogia Cultural contribuiu sobremaneira para focarmos o método de leitura crítica com base nas mídias, tendo em vista que, segundo os autores, as mídias podem utilizar instrumentos para seduzir seus leitores ou simpatizantes.

Por fim, na última seção, continuamos fazendo as análises das fontes buscando identificar as possibilidades para implementação de uma pedagogia antirracista na sociedade, visto que os periódicos estabeleceram essa relação de demonstrar as injustiças que ocorreram e que permanecem na sociedade. Para tanto, precisamos tratar com maior eficiência as questões raciais no Brasil, com a finalidade de combater o racismo no futebol e nos outros segmentos, tendo em vista que o discurso da meritocracia vem ganhando força nas mídias e sendo propagado pelos que determinam os rumos do país.

Indubitavelmente, mesmo com o passar dos anos, ainda convivemos com atitudes racistas na sociedade brasileira. Nesse sentido, o futebol tem sido mais um dos espaços de ações racistas no esporte, comumente associado à brasilidade, o racismo infelizmente ainda se mostra

presente na sociedade e na prática esportiva em geral. Para alguns, olhar para o passado e visualizar as marcas deixadas pela escravidão, infelizmente, não faz sentido. Menos ainda compreender a importância de atletas negros como Leônidas da Silva, Pelé, Domingos da Guia e Friederich, entre outros atletas que se destacaram no primeiro quartel do século XX, marcando seus nomes na história do futebol brasileiro, através de suas conquistas.

Em contrapartida, lamentavelmente, ainda não sanarão a problemática da discriminação racial no Brasil. E isso contribui para a continuidade de ações racistas no esporte, a título de exemplo, o goleiro Aranha (Santos), em partida pela Copa do Brasil contra o Grêmio, em Porto Alegre; Elias (Corinthians) contra o Danúbio (Uruguai), pela Libertadores; Árbitro Márcio Chagas da Silva (Campeonato Gaúcho de 2014); Gerson (Flamengo), pelo campeonato brasileiro de 2020 contra o Bahia; e tantas outras vítimas espalhadas pelo país. Assim, estes são breves exemplos de situações racistas enfrentadas por jogadores, árbitros e outros mais brasileiros em diversos cenários e contextos regionais.

Desse modo, vimos a necessidade de ao menos mencionar *Observatório da Discriminação Racial no Futebol*, que noticiou, por meio do próprio site, os exemplos de casos de racismo no futebol que apresentamos acima. Portanto, destaca-se que este site tem sido uma ferramenta de denúncia contra ações racistas criminosas no cotidiano do ambiente esportivo e que envolve jogadores, torcedores, técnicos, dirigentes, árbitros, jornalistas e outros integrantes do universo da bola.

Neste sentido, atribuímos à Imprensa Negra Paulista um dos expoentes de luta e reivindicação para a população negra, no instante em que há um certo empoderamento de lugares que eram negados. Assim, por meio do protagonismo de uma parcela dos intelectuais militantes negros, houve significativa contribuição para que se possa repensar e conhecer as histórias descritas pelo próprio negro.

Certamente, que as leituras (seja da bibliografia ou mesmo das fontes) para a prática desta escrita me ensinaram muito. E estou convencido de que ainda tenho muito para aprender, pois as fontes me fizeram refletir e levantar vários questionamentos que os futuros pesquisadores poderão responder. Por outro lado, em relação à contribuição social da nossa pesquisa, acredito que também está vinculada a um dever social: contribuir para o combate ao racismo. Mesmo percebendo a circularidade dos integrantes dessa imprensa, meu foco se deu sobre a sua escrita, mas estudar a trajetória deles, nos vários locais que frequentavam e atuaram, permite demonstrar outras histórias sobre a população negra e, novamente, contribuir para a compreensão do quanto eles eram plurais.

Dessa maneira, conclui-se que a falta de políticas públicas efetivas para as famílias negras permanecem, contribuindo para o extermínio de uma juventude negra em que o Estado, enquanto agente estatal, finge dar o apoio necessário para aqueles que mais necessitam dos direitos básicos para sua garantia de vida. A falta de compromisso dos governantes fere por muitas vezes aspectos presentes na constituição deste país, uma vez que condicionam os grupos negros à miserabilidade e à exclusão social, tendo em vista que homens e mulheres continuam enfrentando dificuldades para inserção em determinados espaços. Isso em razão da banalização dos grupos e da opressão dos sujeitos racistas que validam a permanência do racismo brasileiro.

Assim, ao finalizar este estudo, temos a certeza de que a educação continua sendo um dos arcabouços de transformação sociocultural para além do espaço escolar, podendo garantir avanços significativos para a mudança do modo de se pensar as políticas públicas de combate ao racismo. Ainda, viabilizar mudanças de comportamento dos torcedores nos estádios de futebol, nas mídias e entre outras partes em que as injustiças acontecem.

Por fim, utilizar o esporte mais popular do país como uma das ferramentas para minimizar os impactos do racismo, fomentando o diálogo aos simpatizantes e a efetivação das punições aos agressores, sendo, então, uma via fundamental para dar fim aos elementos que suscitam as práticas racistas na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Fernando Antonio. **Criminalidade e modernização em Campinas: 1880 a 1930**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2002.
- ALBUQUERQUE, D. M. de. **Pedagogia: a arte de erigir fronteiras**. 2008, p.2.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDREWS, G.R. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EDUSC, 1998.
- AQUINO, R. S. L. **Futebol Uma Paixão Nacional**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2002.
- BANGU Atlético Clube. **Website Oficial**. Disponível em: <<http://www.bangu-ac.com.br>>. Acesso em: 09 jun. 2020.
- BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia. **Motrivivência**, Florianópolis, V.12, n.17, set.2001. p.107-111.
- BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2018/08/O-Homem-de-Cor.jpg>>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- BOTAFOGO de futebol e regatas. **Botafogo de futebol e regatas**. Disponível em: <<http://www.botafogo.com.br/>>. Acessado dia 09/06/20.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- _____. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorino. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004, p.9.
- BRANDÃO, Carlos. **O que é educação**. 49. Reimp. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção primeiros Passos, 20).
- BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti (org.). **Dimensões da política na Historiografia**. Campinas: Pontes Editores, 2008.
- CASTRO, Jeanne Berrance de. **A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica entre os torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DE LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos nós e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanegi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

DE LUCA, Tânia Regina de. **Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Unesp, 1999.

DOMINGUES, P. Consciência de cor. In: FIGUEIREDO, L. (Org.). **A era da escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FAUSTO NETO, A. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. Congresso brasileiro de ciências da comunicação. Intercom. Comunicação para a cidadania. **Anais...** Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/index.html. Acesso em: 10 jul. 2021.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 2008.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p.10.

FLAMENGO. **Clube de regatas do Flamengo**. Disponível em: <http://www.flamengo.com.br/site/>. Acesso em: 09 jun. 2020.

FLUMINENSE. **Fluminense Football Clube**. Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/>. Acessado dia 09/06/2020.

GALATTI, L.R. **Esporte e clube sócio esportivo**: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol. (Tese de Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas). Campinas, 2010.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. atual. Porto Alegre: LP&M, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIACOMINI, S.M. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro - o Renascença Clube. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

GIROUX, Henry A.; MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Territórios Contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 144-158.

_____. A. **The terror of neoliberalism**: authoritarianism and the eclipse of democracy. Boulder-CO: Paradigma, 2004, p.62-64.

_____. **Atos impuros**: a prática política dos estudos culturais. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. **A cultura da mídia.** São Paulo: EDUSC, 2001.

GUIMARAES, A. S. A. **O Progresso**, 15/02/1930, p.5. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

GUIMARAES, A. S. A. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo. 2012, p.12.

GIROUX, Henry A.; GORDON JR., César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____; McLAREN, P. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, T. T.; MOREIRA, A F. (org.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

GOMES, N. L. **Movimento negro e educação: ressignificando e politizando da raça**. In: Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 120, p. 12, jul.-set. 2012.

HALL, Stuart. **Cultural e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HEIZER, Teixeira. **O Jogo Bruto das Copas do Mundo**. Mauad Editora, 2001, p.48.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses- Futebol e Cultura de Massas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

IMPrensa NEGRA PAULISTA. **O Clarim d' Alvorada**, 20/07/1931, p.3. Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. Futebol e Modernidade no Brasil: a geografia histórica de uma sociedade. **Leituras: Educação Física e Esporte** (revista digital), VIII, n.10, maio/1998, Buenos Aires, p.144.

KELLNER, D. Cultura da mídia e trinfo do espetáculo. In: MORAES, D. de (Org.) **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

LANNES, Laiana. **A Frente Negra Brasileira: Política e Questão Racial nos anos 1930**. Dissertação de Mestrado em História Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2002.

LEITE, José Correia; CUTI [Luiz Silva] **E disse o velho militante José Correia Leite**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992; 2. ed: Noovha América, 2007 (memórias). Disponível em: <<https://www.cuti.com.br/artigocorreialeite>>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MAGALHÃES, Ana Flavia Pinto. **Imprensa Negra no Brasil do século XIX**. Rio Janeiro, Selo Negro, 2010a.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010b. (Coleção Ensino & Memória, 1).

MANERA, Débora Macedo da Silveira et al. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2015**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS, 2015.

- MAUES, Maria Angélica Motta. **Negro sobre negro: a questão racial no pensamento das elites negras brasileiras** (Tese de doutorado em sociologia, IUPERJ). Rio de Janeiro: 1997.
- MAZZIERO DE SOUZA, Kleber. **Divino: a vida e a arte de Ademir da Guia**. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2001.
- MOREIRA, S. V. Análise documental como método e técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 3. ed. Atlas: São Paulo, 2011, p.269-279.
- MOURA, C. **Dialética Radical do Brasil Negro**. 2. ed. São Paulo: Anita, 2014.
- MOURA, Clóvis. **1925-2003. Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectivas, 2003.
- MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- NASCIMENTO, Flávio Antônio da Silva. Porque Somos Racistas: O Racismo Contra O Negro Afro-Brasileiro. **Pequena Introdução Crítica**. São Paulo, junho de 2015.
- PEREIRA, L. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902- 1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pele escura e tinta preta: a imprensa negra do século XIX (1833-1899)**. 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) -Departamento de História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- PIRES, A.L.C.S. Associações de homens de cor: imprensa negra, movimentos negros e ideologias sociais (1915-1937). In: SALGUEIRO, M.A.A. (Org.). **A república e a questão do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.
- PONTE PRETA. **Base de dados**. Disponível em: <<http://www.pontepreta.com.br/home/>>. Acesso em: 09 jun. 2020.
- REIS, Heloisa Helena Baldy dos; ESCHER, Thiago de Aragão. **Futebol e sociedade**. Brasília: Líber Livros, 2006.
- ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Edusp/Perspectiva, 1993, p.78.
- SANTOS NETO, José Moraes. **Visões do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SILVA, P. B. G. e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, 2005.
- SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3ª ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Alienígenas na sala de aula**. 11. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2013. (Coleção Estudos Culturais em Educação)
- SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial** (Tese de Doutorado em Educação Física pelas Faculdades Gama Filho). Rio de Janeiro, 1998.
- SOARES, Antonio Jorge. O racismo no futebol brasileiro nos anos 20: uma história de identidade. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: Mídia, Raça e Idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra o capitalismo:** a renovação do materialismo histórico. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2011.

ZAGO, Vítório Luis Oliveira. **O Futebol em Campinas:** A História e Evolução do Derbi Campineiro na Sociedade e Imprensa de Campinas. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.